

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO**

**JOSÉ ANTONIO COSTEIRA LEITE**

**Um jornal de narrativas:**

**O Jornal da Tarde das grandes reportagens**

**São Paulo  
2016**

**JOSÉ ANTONIO COSTEIRA LEITE**

**Um jornal de narrativas:**

**O Jornal da Tarde das grandes reportagens**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, área de concentração “Comunicação na contemporaneidade” e linha de pesquisa “Produtos midiáticos: jornalismo e entretenimento”, como requisito à obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Dimas A. Künsch.

**São Paulo  
2016**

Leite, José Antonio Costeira

Um jornal de narrativas: O Jornal da Tarde das grandes reportagens / José Antonio Costeira Leite -- São Paulo, 2016.

145 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Dimas A. Künsch

Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Autor: JOSÉ ANTONIO COSTEIRA LEITE**

**“UM JORNAL DE NARRATIVAS: O JORNAL DA TARDE DAS GRANDES  
REPORTAGENS”**



**Prof. Dra. Maria Elisabete Antonioli**  
**Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM**



**Prof. Dra. Simonetta Persichetti**  
**Faculdade Cásper Líbero - FCL**



**Prof. Dr. Dimas Antonio Künsch**  
**Faculdade Cásper Líbero - FCL**

**Data da Defesa: 02 de maio de 2016**

**AOS QUE LUTARAM A MEU LADO.**

**Dedico este trabalho a Carolino (*in memoriam*), Laurinda, Marlene e Vinícius, pela força, amor e alegria.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Dimas A. Künsch, pela orientação, brilhantismo, paciência e força nos momentos em que ela me faltou; a todos os professores, pela dedicação e conhecimento que me nutriu nessa jornada; a Simonetta Persichetti, pela entrevista e conhecimentos compartilhados durante o curso; a Maria Elisabete Antonioli, pela leitura atenta e pelas observações feitas sobre este trabalho; a Moises Rabinovici e Valdir Sanches, pela amizade e pelas entrevistas; a Mino Carta, pelo tempo disponível e pelas memórias desenterradas; a Edmundo Leite, pela ajuda essencial no arquivo do jornal *O Estado de S. Paulo*, pelo companheirismo e profissionalismo; aos funcionários da Faculdade Cásper Líbero, pelo suporte e carinho.

## RESUMO

Este trabalho estuda as narrativas em grandes-reportagens realizadas entre as décadas de 1960 e 1980 pelo *Jornal da Tarde* (JT), de São Paulo, protagonista de papel relevante na história da imprensa brasileira por meio de uma apuração e edição complexa, compreensiva, criativa e ao mesmo tempo carregada de humanidade sobre a multiplicidade de vozes e visões que abrangem a vida e o mundo. O objetivo principal é compreender os modos de produção da narrativa feita pelos repórteres do JT. Para tanto, o autor pesquisou, elegeu e se debruçou sobre reportagens publicadas pelo jornal. A tarefa de realizar um estudo em profundidade dessas matérias se deixa iluminar por referenciais teóricos de pesquisadores/jornalistas brasileiros, como Cremilda Medina, Dimas Künsch, Edvaldo Pereira Lima e Oswaldo Coimbra, que se dedicaram, entre outros temas, ao estudo das narrativas e da produção da reportagem jornalística. Esta dissertação cuida também de apresentar uma contextualização histórica do JT, sem a qual não se pode compreender como o veículo se transformou em sinônimo de jornalismo de excelência. O trabalho visa igualmente a abrir diálogo e apontar as narrativas do JT como exemplares, sob diversos sentidos, para que o jornalismo na era digital não se burocratize, empobreça e perca sua função de combinar informação, arte, emoção, técnica e ética na busca pela compreensão dos fatos e situações que cercam e orientam a vida do homem contemporâneo. Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa "Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento" do Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Comunicação; Jornal da Tarde; Narrativa Jornalística; Reportagem.

## **ABSTRACT**

This study examines the narratives in great reports made between 1960's and 1980's by the *Jornal da Tarde* (JT), a newspaper from Sao Paulo, which has been a front runner in the Brazilian press history due to the accuracy of facts and its complex analysis. Their presentation of the news was creative, understanding and at the same time full of humanity towards the multiple voices and views regarding life and the world. For this study, the author researched, selected and looked closely into the reports published by the newspaper. The main objective of this research was to understand the production of the narrative written by the JT reporters. Further, this in-depth study is enlightened by theoretical references of Brazilian journalists and researchers, like Cremilda Medina, Dimas Künsch, Edvaldo Pereira Lima and Oswaldo Coimbra, who devoted themselves to the study of narratives, among other topics. This dissertation is also in charge of presenting a historic contextualization of JT, without which we cannot understand how the vehicle has become a synonym of excellence in journalism. This work also aims at opening to dialogue and pointing the JT narratives as role models, in many aspects, in order for the journalism in the digital era not to be bureaucratized or not to get poorer and lose its role of matching information, art, emotion, technique and ethics in the search for understanding the facts that surround the contemporary man's life. This essay is integrated in the line of research "Media Products: Journalism and Entertainment", from the graduation program in Communications at the Faculdade Cásper Líbero.

**Keywords:** Journalism, Communication, *Jornal da Tarde*, Journalistic Narrative, Reports.



## SUMÁRIO

<b>A paixão pelo jornalismo.....</b>	<b>11</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>13</b>
<b>1. JORNAL MAIS SURPREENDENTE QUE A NOTÍCIA.....</b>	<b>17</b>
1.1 No embalo dos “loucos” anos 60.....	17
1.2 Gênios atrás de prêmios.....	30
1.3. A ressaca.....	45
<b>2. UM JEITO DIFERENTE DE NARRAR.....</b>	<b>53</b>
2.1 As origens.....	53
2.2 Marcas de um jornalismo de qualidade.....	57
2.3 Jornalismo interpretativo e compreensão.....	75
<b>3. O DNA das grandes-reportagens.....</b>	<b>79</b>
3.1 Primeira aventura na Transamazônica.....	80
3.2 “Os habitantes da arquibancada”.....	89
3.3 “Avisar o soldado que ele morre antes do meio-dia”.....	95
<b>Considerações finais.....</b>	<b>102</b>
<b>Referências.....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO I - Íntegra das reportagens estudadas.....</b>	<b>112</b>
Primeira aventura na Transamazônica.....	113
Os habitantes da arquibancada.....	119
Avisar o soldado que ele morre antes do meio-dia.....	127
<b>ANEXO II - Íntegra das entrevistas realizadas.....</b>	<b>132</b>
Entrevista com o jornalista Mino Carta.....	133
Entrevista com o jornalista Moisés Rabinovici.....	137
Entrevista com o jornalista Valdir Sanches.....	142
Entrevista com a Profa. Dra. Simonetta Perisichetti.....	145

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Capa do dia 4 de janeiro de 1966.....23  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo
- Figura 2: Capa de 20 de abril de 1968.....29  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo
- Figura 3: Receitas no lugar de matérias censuradas, em 14 de março de 1974.....35  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo
- Figura 4: Capa do dia 6 de julho de 1982.....39  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo
- Figura 5: Capa de 5 de março de 1982.....42  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo
- Figura 6: Capa de 31 de outubro de 2012.....52  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo
- Figura 7: “Nossa aventura na Transamazônica”, de 28 de agosto de 1970.....88  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo
- Figura 8: “Os habitantes da arribancada”, de 9 de maio de 1975.....94  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo
- Figura 9: “Avisar ao soldado que ele morre antes do meio-dia”, de 19 de janeiro de 1979.....101  
Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo

## A PAIXÃO PELO JORNALISMO

É difícil determinar quando começam as paixões. Para mim, a paixão pelo jornalismo começou nas bancas de jornal onde, ainda menino, nos anos 60, com as notas de cruzeiro amassadas nas mãos suadas e ansiosas, comprava *A Gazeta Esportiva* e pacotinhos do álbum *Olé*, em busca de um Pelé mitológico estampado em uma figurinha carimbada. Mais tarde, já nos anos 70, o jogo da bola, relegado a um canto do coração de estudante, abriu caminho para a paixão pelas artes e pela política, esta última, um tema que durante a ditadura circulava apenas aos cochichos entre nossos pais e professores.

Mais uma vez, as bancas de jornal me revelariam histórias que os mais velhos calavam. Elas vieram por meio de um colega da escola Fernão Dias Paes, em Pinheiros, que me exibiu em um jornal uma foto de meia página de um senhor carrancudo, de nome severo e sonoro, que já vira nos livros de ginásio: Emílio Garrastazu Médici. Em contraste gritante, a imagem do ditador dividia a página com a beleza de Vera Fischer (a adolescência também nos apresentava suas musas), a Lotus negra de Emerson Fittipaldi, o perfil magro de Caetano Veloso e o rosto tenso de Muhammad Ali ao desferir um cruzado de direita no queixo de George Foreman.

A emoção das fotos cresceu com as manchetes, títulos e textos que anunciavam haver “milagre econômico”, “Vestibular”, “anistia”, “fim dos biônicos”, “Imposto de renda”, “Morte do Papa”, “Guerrilha do Araguaia”, “Marília Pera no teatro 13 de maio” e, por fim, questionava: “Quem estourou a bomba no Rio Centro?”. Com a música de Caetano ecoando nos ouvidos eu me perguntava: Quem lê tanta notícia? Em breve descobriria que todo o pessoal da escola lia. Alguns até escreviam no jornal do grêmio. E quem ficasse de fora era “alienado”. Para não ser “alienado” o cara tinha de ler *O Pasquim*, *Grilo*, *O Movimento* e *o Jornal da Tarde*.

Além de saber quem lia tanta notícia, na virada da década de 1970 para 1980 eu queria mesmo é escrever notícia. Entrar na faculdade era o caminho. Aprovado no vestibular da Cásper Líbero, tive a alegria de saber que lá “todo mundo” era “engajado” e escrevia no jornal-laboratório da faculdade, *Sinal Aberto*. Alguns até já faziam “frila” em jornais da grande imprensa. Mais uma vez duas felizes coincidências mudaram o rumo de minha vida.

Um amigo da Cásper, que também sonhava em “escrever notícia”, conseguiu para nós um bico como colaboradores do *Jornal do Carro*, suplemento do *Jornal da Tarde*, que já me fascinara no início dos anos 1980.

Após quase um ano fazendo notinhas e correndo atrás de pequenas notícias de serviço para o suplemento, descobri que vida de “frila” era dura, curta, e que tinha de comer muito arroz e feijão para voltar ao JT com carteira assinada. Formado, aprendi muito com jornalistas veteranos e ganhei experiência na *TV Record*, no *Shopping News*, *Editora Abril*, *Diário do Grande ABC e Folha da Tarde*, na *Folha de S. Paulo* e no *Diário Popular*. Como meu destino parece ter ligação direta como o JT, em 1998 voltaria a ele para trabalhar como repórter no Caderno de Sábado – suplemento de leitura cujo conteúdo creio fazer falta hoje à grande imprensa – e na editoria Internacional, uma das minhas preferidas nos anos de estudante.

No *Jornal da Tarde* tive como mestres alguns dos jornalistas citados em minha pesquisa. Guardei deles, para toda a vida, pelo menos duas lições. Uma, é que nunca se deixa de aprender dentro de uma redação. Outra, que um jornal não morre de um tombo. Agoniza aos poucos. Quis a vida que eu e alguns de meus colegas de JT fôssemos presenteados com a as delícias de fazer o *Jornal da Tarde* e a dor de vê-lo sucumbir à mudança dos tempos que ainda hoje procuramos entender.

A poetisa norte-americana Muriel Rukeyser diz em seu poema “A velocidade da escuridão” que “o universo é feito de histórias, não de átomos”. Se o universo é feito de histórias, o JT deu ao Brasil uma constelação delas, um mundo de narrativas e personagens que encantaram seus milhares de leitores. Jornais não são feitos apenas de papel. São como que seres de carne, osso e sangue de tinta negra. Têm personalidade, espírito, fisionomia, humores. São templos, monumentos, bares, lares, arenas onde lutamos, ganhamos a vida e aprendemos com ela. Trabalhei e vivi no JT por mais de 15 anos. Ainda hoje tenho a mão tensa pelo último fechamento. Não raro acordo pensando nele, numa pauta a apurar, assustado com o pesadelo do *deadline* estourado, numa bela foto. Ficou a história.

Que o trabalho aqui apresentado ajude estudantes e profissionais de comunicação a defender e compartilhar o amor pelo bom jornalismo que, felizmente, ainda existe e que o *Jornal da Tarde* nos deixou, ainda fresco, em suas narrativas e grandes-reportagens.

## INTRODUÇÃO

Durante os anos em que trabalhei em redações de grandes jornais, interessei-me pela notícia não apenas como objeto de informação, mas também como forma de compreender o mundo, a vida presente na estrutura que sustenta as narrativas jornalísticas. Agora, nesta pesquisa, estudo como o *Jornal da Tarde* (JT) levava as notícias a seus leitores, entre os anos de 1960 e 1980, considerados os mais profícuos da história do jornal. A pesquisa, intitulada “Um jornal de narrativas: o *Jornal da Tarde* das grandes-reportagens”, tem por objeto as grandes-reportagens do JT e sua contribuição para a produção de narrativas que deixaram uma marca qualitativa na história do jornalismo brasileiro. Como fruto de uma linha evolutiva deste, cujos primórdios podem ser encontrados ainda no início do século XX, nos textos de João do Rio; ou, ainda antes, na obra *Os Seritões*, resultado de reportagem sobre a campanha de Canudos encomendada em 1897 pelo *O Estado de S. Paulo* – na época ainda *A Província de S. Paulo* – a Euclides da Cunha, considerados vanguardistas, o JT e seus repórteres ofereceram ao público reportagens que marcaram época.

São exemplos, apenas para citar algumas matérias, a jornada cumprida pelos repórteres Fernando Morais e Ricardo Gontijo, em 1970, com a série de reportagens sobre a Transamazônica; a reportagem feita em 1979 por Fernando Portela, que revelou a existência da Guerrilha do Araguaia; a cobertura realizada em 1968 sobre o primeiro transplante de coração da América do Sul, a reportagem “Os habitantes da arquibancada”, de 1975, realizada com sagacidade pelo repórter Marcos Faerman entre torcedores de futebol, ou, por fim, as reportagens sobre as trágicas enchentes e deslizamentos de terra em Caraguatatuba (litoral norte de São Paulo), em 1967, que

renderam um Prêmio Esso à equipe liderada por Mino Carta.

No campo da narrativa imagética, o JT inovou com a utilização de fotos “sangradas”, como se diz no jargão das redações, que por vezes tomavam uma ou duas páginas inteiras e margeavam o texto, harmonizando-se com as belas criações estéticas do departamento de arte e da diagramação. Ficou para a história do jornalismo e do esporte a capa-pôster tomada pela foto de um menino chorando pela derrota da seleção brasileira de futebol para a Itália, por 3X2, na Copa da Espanha, em 1982. Além de revelar a capacidade dos repórteres do JT em produzir tais narrativas com sensibilidade, aprofundamento e precisão na apuração das notícias, este estudo também leva em conta o contexto histórico dos explosivos anos 1960 e suas revoluções nos campos da política, das artes, dos costumes e também da comunicação, que possibilitou o surgimento do jornal.

Utilizei, como referenciais teóricos, entre outras, obras da pesquisadora e jornalista Cremilda Medina, que analisam o produto jornalístico – e o próprio JT – no momento histórico do Brasil pouco antes dos anos de 1960 e durante as duas décadas seguintes. Visando a examinar a fórmula utilizada pelo JT para dar à luz no Brasil esse modo de fazer jornalismo que em determinados momentos utiliza recursos auxiliares da literatura – já cultivado no Brasil do final do século XIX por Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, João do Rio e outros, e desenvolvido também nos Estados Unidos e nos países mais avançados da Europa –, suas várias maneiras de narrar a notícia, foram utilizados estudos do jornalista e pesquisador Edvaldo Pereira Lima.

Preciosos para esta dissertação foram os conteúdos encontrados em obras dos também jornalistas e/ou pesquisadores Dimas Künsch, Oswaldo Coimbra, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari e dos ex-jornalistas do JT José Maria Mayrink e Fernando Morais. As supostas causas que levaram ao fim do jornal são apuradas em depoimentos de jornalistas ligados à publicação e em obras como a da pesquisadora chilena Mar de Fontcuberta e do pesquisador uruguaio Héctor Borrat. Pode-se afirmar que 1966 foi generoso para com a história do jornalismo brasileiro e seus pesquisadores. No mesmo ano foram lançadas duas publicações que se equivalem em termos de criatividade e qualidade editorial – o JT, de circulação diária, lançado em janeiro, e a revista *Realidade*, de periodicidade mensal, que foi às bancas em abril.

Aos estudos relacionados aqui, para mostrar a importância do JT no sentido da

construção de narrativas que marcaram de forma indelével a maneira de construir textos de excelência, somei a investigação aprofundada de grandes-reportagens publicadas em suas páginas entre a década de 1960 e a de 1980. Com elas faz a defesa de que o jornalismo de qualidade – seja ele produzido em antigas ou em novas plataformas – continua sendo essencial para a missão de informar e orientar o público.

Realizei visitas ao banco de dados do Grupo Estado (que guarda o acervo do JT), para a escolha das mais destacadas grandes-reportagens desse período. Em cada uma delas, tendo como base os princípios teóricos estudados, procedi a um estudo em profundidade. Com isso, mostrei que as matérias escolhidas foram produzidas em diferentes épocas de sua história, por jornalistas variados e de estilo próprio e brilhante. Apontei a identidade entre as reportagens e os referenciais teóricos próprios na confecção de reportagens de qualidade. Realizei também entrevistas com repórteres que trabalharam no JT em seu período áureo.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro, faz-se um relato da própria história do JT, apontando suas origens, as circunstâncias históricas em que estava inserido, seus principais mentores, o ambiente que envolvia a própria redação, o modo de produzir notícias e as vicissitudes que o acompanharam através do tempo.

No segundo, estuda várias formas de narrativa empregadas pelo jornalismo e os métodos utilizados para fazer com que a boa reportagem possa informar e ao mesmo tempo envolver o leitor com suas narrativas. Aqui, utilizam-se como referenciais teóricos autores brasileiros vinculados ao jornalismo e à pesquisa acadêmica, e que reconhecem no JT uma referência na prática da narrativa de excelência. Trabalha-se neste capítulo o instrumental teórico, os princípios, critérios e métodos da reportagem jornalística, necessários ao estudo e análise das reportagens eleitas como objeto no terceiro capítulo.

Finalmente, no último capítulo, faz-se um estudo em profundidade de três reportagens representativas dos referenciais teóricos do jornalismo de qualidade estudados nesta dissertação e produzidas por repórteres do JT no período eleito para a pesquisa, consideradas até hoje marcos na história do jornalismo brasileiro. No decorrer dessa análise, traçam-se paralelos entre a estrutura narrativa das reportagens selecionadas e os indicadores que apontam para as grandes narrativas trabalhadas no capítulo anterior.

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa “Produtos midiáticos: jornalismo e

entretenimento”, do Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Também se vincula às atividades do grupo de pesquisa “Comunicação, Diálogo e Compreensão” e do projeto de pesquisa “A compreensão como método”, do qual o autor faz parte.

Na visão dos pesquisadores que integram esse grupo e esse projeto de pesquisa, a narrativa jornalística, quando bem-feita, reúne uma série de qualidades que a identificam com uma epistemologia compreensiva: diversidade de olhares e vozes; histórias humanas; experiência; razão e emoção; a perspectiva do sonho, dos mitos e dos arquétipos humanos; o real e o não-real; o racional e o não-racional; a complexidade do mundo e da vida humana. Com efeito, a compreensão, neste sentido, é a postura cognitiva do repórter ou editor que abraça diferentes sentidos; junta o que parece separado; põe personagens, fontes e vozes para dialogar, tecendo uma ordem possível onde ordinariamente reina o caos (de sentidos) e, como consequência possível, a desorientação. Daí por que, como se deixa claro neste trabalho, além de sua função precípua de informar, o jornalismo auxilia o cidadão a orientar-se na complexa sociedade e no mundo em que ele vive. Uma função, essa, que assume cada vez mais relevância na chamada “sociedade de redes”, em que o grande desafio não parece ser o da produção de informações, mas, antes, o de trabalhá-las jornalisticamente, em profundidade.



## CAPÍTULO 1

### JORNAL MAIS SURPREENDENTE QUE A NOTÍCIA

#### 1.1 No embalo dos “loucos” anos 60

São Paulo, em 1966, já era uma metrópole com ares, ou pelo menos vontades, de se tornar, quem sabe, uma Nova Iorque. Para o bem e para o mal. Congestionamentos e um mundo de gente que já passava os 9 milhões de habitantes se espremia nas calçadas da cidade que não podia parar. Nas ruas e avenidas, Simcas Chambord, Fuscas e Gordinis disputavam espaço, sobre trilhos, com os já anacrônicos bondes e ônibus elétricos. Criminalidade, enchentes e uma infraestrutura caótica completavam o quadro. Playboys entravam na Rua Augusta a 120 por hora e botavam a turma toda do passeio pra fora. No embalo dos “anos rebeldes” e do crescente consumo em massa, a TV já entrara em boa parte das casas e vendia a “Jovem Guarda”. As garotas, ainda trajadas de saias abaixo do joelho, sonhavam ser Mary Quant e usar minissaias. No íntimo de muitos rapazes já vivia um *beatle* em potencial. Calças “Tremendão” completavam o figurino. Em outras barricadas, sob o olhar atento, mas ainda complacente da polícia política, estudantes da USP e do Mackenzie ensaiavam as batalhas a serem travadas, dois anos depois, durante os “Anos de Chumbo”.

Nas festas *high society* do Pacaembu e do Morumbi, desfilava-se a alta costura

tupiniquim tecida por Dener. O unissex ganhava força com o jeans e as camisas sem gola. A contracultura já entrava no cardápio. Os mais “descolados” ouviam Caetano, Gil, Gal, Os Mutantes e curtiam o teatro de Zé Celso Martinez Correa no Teatro Oficina. Cinéfilos tinham seu templo em cinemas como o Biju da Praça Roosevelt e o Belas Artes da Consolação. Buñuel, Fellini, Pasolini e Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra e Cacá Diegues (tínhamos nosso Cinema Novo) rendiam horas de discussão que se arrastavam semanas adentro.

Em bares como o Barba Azul, na Avenida São Luiz, podia-se encontrar desde figuras como o agitador cultural Francisco Luiz de Almeida Salles até o “poetinha” Vinícius de Moraes quando visitava São Paulo. Perto dali, ainda na São Luiz, intelectuais e amantes da pintura e da literatura faziam seu ponto de encontro no térreo do Conjunto Zarvos, na esquina com a rua da Consolação, onde Paulo Bomfim lançava livros e exposições de pintura.

São Paulo se desejava ainda mais moderna. Para tanto, faltava um jornal que falasse sua língua, pulsasse no seu ritmo, soubesse traduzi-la em palavras e imagens. O *Jornal da Tarde* nasceu de um projeto ambicioso, concebido em uma época repleta de mudanças radicais no Brasil e no mundo. O JT – como passou a ser conhecido – foi apresentado aos paulistanos no dia 4 de janeiro de 1966. Em suas primeiras páginas o mundo ia além da cidade. O homem já preparava seu pouso na Lua. Na China, Mao Tsé-Tung nadava oito milhas no rio Yangtzé; os Beatles eram os “Reis do ié, ié, ié”, Roberto Carlos, “uma brasa, mora”; Garrincha estava prestes a vestir a camisa do Corinthians e Pelé era o “Rei do futebol” em meio a um governo de generais. E o JT também estava no centro do centro, onde tudo acontecia. Os ex-repórteres Carlos Soulé do Amaral e Dirceu Soares estavam lá:

Não se viam homens de cabelos compridos nem mulheres de saia curta. Um dia, na rua da Consolação surgiu uma jovem de minissaia. Houve escândalo e polvorosa. O trânsito parou. [...] A moça (soube-se depois que era carioca) apavorada, começou a correr. A turba correu atrás. [...] Num país machista como o Brasil, os primeiros jovens que passaram a usar cabelos compridos (e olha que em 1966 eles mal cobriam as orelhas) eram, muitas vezes, chamados de mulherzinha nas ruas de São Paulo. [...] Atrás da Biblioteca Municipal ficava o Pari Bar. [...] Sérgio Milliet almoçava lá todos os dias com o pintor Amando Balloni (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 22).

Os revolucionários ou candidatos a esse título no campo das artes se reuniam no

Pari Bar, que até hoje sobrevive na Praça Dom José Gaspar. Em suas mesas sentavam-se e bebiam também artistas com Cícero Dias, Clóvis Graciano, Ascenço Ferreira, Lula Cardoso Aires, Di Cavalcanti, Paulo Duarte, Antônio D'Ellis, Mário Palmério, Dantas Motta e muitos outros escritores e pintores. Em mesas vizinhas do Pari Bar podia-se encontrar personagens que ainda estavam tentando escrever sua história, como o cantor e compositor Geraldo Vandré, que dividia a música com um emprego na Sunab e o futuro tropicalista Gilberto Gil, então advogado na Gessy-Lever, na Praça da República.

Quem sabe nosso primeiro Shopping Center, o Edifício Metrópole – moderna edificação que abrigava cinemas, restaurantes, livrarias e lojas de todo o tipo – também reunia no Bar Jogral o compositor Luiz Carlos Paraná, conhecido por participar do segundo festival de música popular brasileira da *TV Record*, em 1966, com a música “De amor e paz”. Nas madrugadas do Jogral se reuniam jornalistas, boêmios e outros nomes de peso da música brasileira como Alaíde Costa, Paulo Vanzollini, Claudete Soares, Marcus Pereira e Chico Buarque de Holanda, na época um jovem estudantes de arquitetura. Soulé do Amaral e Soares relembram:

[...] a dois quarteirões do jornal, na rua Nestor Pestana, ficava o restaurante Gigetto. Juca de Oliveira, Raul Cortez, Cacilda Becker, Paulo Autran, Lima Duarte, Flávio Império, Ziembinski, Daniel Filho e todo o pessoal do teatro jantava lá [...]. Nós, jornalistas, também jantávamos no Gigetto. Porque a comida era boa e porque quando estávamos apertados, no fim do mês, podíamos pendurar a conta. [...]. Nós nos sentíamos triunfantes. As inovações de texto, titulação e diagramação empreendidas pelo JT, pondo abaixo as convenções vigentes na imprensa da época, possibilitavam a todos nós uma oportunidade de dar vazão à rebeldia e à necessidade de contestação que carregávamos engaioladas no peito oprimido, como diria Castro Alves. A liberação dos costumes que se verificou posteriormente era, na época, apenas teórica. A dureza do regime impedia e tolhia até mesmo a liberação do espírito (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 22).

Em uma época em que tudo que se relacionasse aos termos “jovem” e “juventude” era uma espécie de senha para entrar no mercado ou ganhar o estrelato, o jornal *O Estado de S. Paulo*, fundado em 1875 com o nome de *A Província de São Paulo*, ainda era uma empresa tradicional, familiar, dirigida pelos irmãos Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita, sucessores do patriarca Júlio Mesquita desde 1927. Outro irmão, Luis Carlos, dirigia a *Rádio Eldorado*. Tocados pelos novos ventos, por puro empreendedorismo ou pela combinação das duas motivações, partiu de Júlio e

Francisco a ideia de ampliar a empresa, lançando um jornal vespertino, “jovem”. O comando, porém, foi delegado a Ruy Mesquita – filho de Júlio –, então editor da editoria internacional de *O Estado de S. Paulo*. Júlio de Mesquita Neto, que sucedeu ao patriarca em 1969 como diretor responsável de *O Estado de S. Paulo*, especula: “Meu pai nunca me disse, mas acho que ele se preocupou em criar um campo de atuação para cada filho [...] uma divisão de áreas que garantisse a sucessão familiar” (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 7).

Sandro Vaia, ex-editor do JT, em matéria para o *Observatório da Imprensa*, afirma que a fórmula – favorecida pela boa situação financeira de *O Estado de S. Paulo* – ajudou a evitar disputas familiares:

[...] O Estadão estava rico. O dr. Julinho tinha três filhos – Julio Neto, Ruy e Carlão – e um jornal só. Não dava para todos. Primogênito era só um, Júlio Neto, e a coroa da família real é dos primogênitos. Por isso, em 1965 ele resolveu investir um caminhão de dinheiro num jornal novo para acomodar o filho que não era primogênito, mas tinha sangue de jornalista. Ruy Mesquita ganhou seu jornal. Para Carlão, bastou uma rádio, com muita música clássica, transmissão de corrida de cavalos e locutores com voz elegante e dicção sofisticada. Planos ao cair da tarde (VAIA, 2012).

Seja como for, a ideia vingou. A família tratou então de ampliar o parque gráfico da empresa em offset e a fotocomposição, que permitiram a impressão e composição a frio. O processo offset estreou na edição de esportes de *O Estado de S. Paulo*, que circulou aos domingos, entre 1964 e 1973, quando finalmente se tornou suplemento do JT. A modernização técnica também ajudou o JT a dialogar com uma classe média paulistana desejosa de ascensão intelectual e social, além de uma camada mais jovem da população, como afirma Ruy Mesquita. “[...] um grande objetivo que meu pai visava era o de conquistar o público que *O Estado de S. Paulo*, o Estadão, não tinha condições de conquistar, um público mais jovem”.

Pesquisa encomendada pelo jornal à empresa Marplan e realizada entre 1984 e 1985, com 3.626 pessoas da capital paulista, mostrou que o JT tinha encontrado seu público. A idade do leitor do jornal era de até 39 anos (36%), sendo que a concentração maior (36%) estava na faixa etária entre 20 e 29 anos. Além de jovem, pertencia a uma classe social privilegiada, que ganhava mais de dez salários mínimos (46%). Destes, 74% eram homens e apenas 6% não possuíam algum tipo de investimento financeiro (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 12).

Ainda segundo a pesquisa, profissionalmente, os leitores tinham postos de

trabalho que exigiam formação média (50%), enquanto 25% eram profissionais liberais e executivos. Embora não pudesse ser caracterizado como um *bon vivant*, grande parte do público era formada de consumidores bem humorados, que não acordavam necessariamente cedo, podiam fazer sua primeira leitura até duas, três horas da tarde e gostavam de ser tratados sem cerimônia. Entre 1983 e 1985, o leitor do JT viajara ao exterior (11%), sendo que a grande maioria (78%) a passeio.

Segundo Ruy Mesquita, em 1964, dois anos antes do lançamento do JT, Julio de Mesquita Filho já pensava em ter a seu lado um profissional para criar e editar a edição de esportes de *O Estado de S. Paulo*. Contratou o jornalista Mino Carta – cujo pai já havia trabalhado em *O Estado de S. Paulo* –, na época diretor da revista *Quatro Rodas*. “A semente do JT estava lá”, afirmou Mino referindo-se ao primeiro passo com vistas ao lançamento do JT (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 2).

Um jornal é trabalho de equipe. Carta teve liberdade para escolher um time afinado com seus objetivos. “Contratei os melhores, porque pude oferecer os melhores salários” (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p.2). Carta decidiu, então, trazer Murilo Felisberto para cuidar da parte estética do JT. “Ele é requintado, um perfeccionista” (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, P.2). Felisberto viria a ser secretário de redação do JT e, mais tarde, editor-chefe. Coube a ele “garimpar” os melhores jornalistas no mercado. Em Belo Horizonte contratou um grupo de jovens que já se destacava na capital mineira por seu texto vibrante e criativo. Também foram contratados alguns repórteres da sucursal paulista do *Jornal do Brasil* – grande responsável por iniciar uma verdadeira revolução gráfica no fim da década de 1950.

Entre os “mineiros” estava o jovem carioca Moisés Rabinovici, então com 20 anos, que havia se radicado em Belo Horizonte e passado pelos jornais *Última Hora* e *Diário de Minas*. Detalhe importante era o fato de que, em Belo Horizonte, Rabinovici também trabalhara em *O Binômio*, um tabloide criativo, classificado como “um dos veículos precursores da imprensa alternativa dos anos de 1970 (...)” (KUCINSKI, 1991, p. 47). Durante entrevista concedida a este pesquisador, em abril de 2015, Rabinovici recordou o episódio:

Fui convidado pelo Murilo (Felisberto), em 1966. Murilo foi a Minas e não teve muita conversa. Foi logo dizendo: “Você vai [para o JT], né? Você é repórter...” Eles ofereciam um salário que era dez vezes mais do que nós ganhávamos. Seis meses depois de estarmos em São Paulo recebemos aumento salarial. Com ele comprei um Pé de Boi [Fusca]. Não apenas eu fui contratado. Foi também [Fernando] Mitre, Carlos Chagas, Ivan Ângelo, Dirceu Soares. Havia os que já estavam

lá, como Lúcio Ornelas e Cléber de Almeida, que faziam a edição de esportes do Estadão. Peguei o jornal antes do lançamento. A gente fazia números zeros. Todo o dia a gente acabava o jornal inteiro e rodava. Depois, ficávamos debruçados para ver erros e, a partir daí, fazer o jornal do dia seguinte. Minha expectativa era sair de Minas e conquistar São Paulo como alguém que saísse hoje de São Paulo para conquistar Nova Iorque, para trabalhar no *New York Times*. Não sabíamos muito sobre o jornal, a não ser que era um jornal novo e pretensamente revolucionário, que iria chocar os leitores tradicionais.<sup>1</sup>

Ousadia, qualidade e criatividade sobravam ao jornal, mesmo ainda na fase de gestação. Em entrevista concedida a este pesquisador, Carta afirma:

Lembro-me que um dia havia um jogo de futebol, não sei se São Paulo contra Palmeiras, ou São Paulo contra Corinthians. Então, chamei o [crítico de teatro] Sábato Magaldi e disse: “Você vai a este jogo, e vai contar como se assistisse a um espetáculo teatral”. Então, havia esse tipo de refinamento [...] O jornal cresceu em termos de qualidade, na elaboração de seus textos, na criatividade com que seus repórteres tratavam cada palavra, cada frase. Tudo era tratado de uma maneira que estava bem próximo da literatura. A meu ver o JT alcançou um ponto de fervura entre 1971 e 1973.<sup>2</sup>

Mas faltava dar nome à “criança”. Ruy Mesquita afirma ter sido sugestão dele. “Havia uma hipótese de se chamar *Edição da Tarde* e abaixo, num tipo menor, *O Estado de S. Paulo* [...] Eu achei que devia ser *Jornal da Tarde* porque soava melhor!” (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 7).

A primeira página do JT começou a ser concebida bem antes de seu lançamento, em um dia incerto de novembro de 1965 – e de maneira insólita –, quando Pelé confidenciou ao repórter Oldemário Touguinhó que estava “namorando a sério”. “[...] Preciso só saber se ela gosta de mim ou do Pelé”, disse ele ao repórter (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 21). Informado por Touguinhó sobre o furo, Carta passou a cobrar quase todos os dias que ele descobrisse o nome da moça e a data do casamento. Depois de algumas semanas, Touguinhó entregava a Carta a informação exclusiva. Coube ao repórter Kléber de Almeida descobrir o nome da noiva. Após várias tentativas e fracassos, Almeida obteve a informação de Athiê Jorge Cury, então presidente do Santos Futebol Clube. A noiva chamava-se Rosemere. Depois de consultar suas fontes, o repórter conseguiu chegar à casa dela. Faltava pouco para que o JT fosse lançado. Almeida, acompanhado pelo fotógrafo Domício Pinheiro, seguiu os passos de Rosemere até que, através do para-brisa do carro de reportagem, as fotos foram tiradas.

---

<sup>1</sup> Entrevista completa em Anexos.

<sup>2</sup> Entrevista completa em Anexos.

Figura 1: Capa do dia 4 de janeiro de 1966

Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo

**HOJE É DIA DE CINEMA**  
Página 22 e 23

**jornal da tarde**  
O ESTADO DE S. PAULO  
4 de janeiro de 1966 Número 1 Ano 1  
Cr\$ 100

**Nôvo ato contra o preço da vida**  
O presidente Castelo Branco deverá deixar novo ato complementar para conter o aumento de preços, segundo fontes militares revelaram hoje em Brasília.  
A medida evitaria os aumentos nos gêneros de primeira necessidade, anunciados logo após a elevação do preço do combustível no primeiro dia do ano.

**A história de dois Jornais**  
O ESTADO DE S. PAULO, na festa de seu 91.º aniversário, oferece ao leitor paulista, como homenagem, este primeiro número do JORNAL DA TARDE. A história de O ESTADO DE S. PAULO, desde quando se chamava "A Província de São Paulo", está na página 14. A história do nascimento e dos propósitos do JORNAL DA TARDE, contada num artigo do Dr. Julio de Mesquita Filho, está na página 4.

**Generais aqui reunidos ouvem Costa e Silva explicar a candidatura**  
Telefoto "Jornal da Tarde"  
Página 19

**PELÉ CASA NO CARNAVAL**  
Pág. 29

**Modesty chama para a aventura**  
Página 20

**Calhambeque faz bibi na Justiça**  
O cantor Roberto Carlos fez bibi com o calhambeque dos outros e agora está tendo um caso com a Justiça. O dono do calhambeque viu Roberto Carlos numa fotografia de revista e reconheceu, ao lado do cantor, o seu Chevrolet 1928. Está exigindo uma indenização de Cr\$ 10 milhões — e Roberto está com vontade de pagar, só para enostrar.  
Pág. 2.

**Veja o mau patrão e suas histórias**  
O processo do Governo Federal contra o comerciante J. J. Abdalla, por dez tipos diferentes de crimes, passa a ter, a partir das 18 h de hoje, uma lista de 62 reclamações de operários que foram ameaçados, não recebem pagamento e foram maltratados de diversas formas. O processo é o resultado de uma armadilha que o próprio Abdalla havia armado —  
Pág. 10.

**às 3 da tarde**

**MINISTRO NA TV** — O ministro da Saúde, Raimundo de Brito, deu um almoço e mais em Congonhas. Às 18 horas, saiu do Hotel Jaraguá e visitará a Beneficência Portuguesa e a Associação dos Motoristas, para tratar do reequipamento dos hospitais com medicamentos franceses e alemães. Às 11 e 15 da noite participará de "Notícias a Rigor", no canal 4.

**EXPLOSAO MATA TRINTA** — Trinta pessoas morreram hoje de manhã, ao explodirem quatro tanques de gás líquido na refinaria Fayat, a vinte quilômetros ao sul de Lyon, na França. Três dos mortos eram bombeiros que estavam na profissão. Seus combates ainda não conseguiram apagar o fogo. Setenta e cinco pessoas ficaram feridas.

**Essa a moça Rose que vai casar com Edson, o Rei Pelé, na terça-feira de carnaval. Ninguém está convidado.**

**Garrincha para o Corinthians**  
Pág. 28

Primeira manchete foi um furo, mas foto de Domício Pinheiro mostrou a pessoa errada.

As imagens chegaram a ser publicadas na edição de Esportes de *O Estado de S. Paulo*, mas, como não estavam nítidas, Carta determinou que se produzisse uma imagem especial. O fotógrafo Jorge Aguiar recebeu a tarefa de tirar a fotografia que ilustraria a primeira página do *Jornal da Tarde* número 1, com seu primeiro e grande furo: “Pelé casa no carnaval”. Logo abaixo do título, a suposta foto de Rose, em oito colunas. “Quando viu o jornal impresso, o repórter Kléber de Almeida tomou um susto: aquela não era Rose, e sim sua irmã Isabel. Pelo menos eram parecidíssimas”, relembrou o repórter esportivo Vital Battaglia (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 21).

Nascia assim o JT, com sua primeira manchete e ao mesmo tempo “barriga”, jargão jornalístico que indica a ocorrência de um erro de informação. A gafe não colocaria a perder o sucesso do jornal. Tanto que a reportagem sobre o casamento de Pelé ganhou naquele ano o Prêmio Esso<sup>3</sup> pelo trabalho em equipe. O JT já trazia o DNA das publicações que fazem história. Os textos começavam a ganhar feição. Durante entrevista concedida a este pesquisador, Mino Carta afirma:

Tínhamos gente que sabia escrever. Tínhamos o prazer da escrita. Tudo fluía muito bem. Era uma redação que se entendia. Até a seção policial, nós queríamos que fosse muito bem escrita. A reportagem tinha que ter todas as informações possíveis e imagináveis, deveriam ser ouvidas todas as fontes possíveis, mas o texto era agradável, com qualidade literária. Essa era nossa preocupação.

Outra preocupação relacionava-se ao horário de circulação – fator crucial para concluir a edição e levar o jornal às bancas – ainda representava um problema. Até o primeiro trimestre de 1966 o JT – para fazer jus a seu nome – circulava a partir das 15h. O jornal era impresso na gráfica montada no subsolo do prédio onde funcionava a redação, na Rua Major Quedinho. O horário de distribuição, porém, mostrou-se ingrato. O trânsito de São Paulo já era complicado e fazia com que as edições chegassem às bancas muito tarde. Isso obrigou Ruy Mesquita a determinar sucessivos adiantamentos de fechamento. Passaram-se muitos anos para que, em 1988, o jornal deixasse de ser vespertino e acompanhasse o horário dos demais jornais, no início da manhã.

---

<sup>3</sup> O Prêmio Esso de Jornalismo, promovido pela empresa petroquímica Exxon Mobil e o mais tradicional e disputado programa de reconhecimento de mérito dos profissionais de imprensa no Brasil, completou 60 anos em 2015. Criado em 1955, com o nome de Prêmio Esso de Reportagem, passou posteriormente a se chamar Prêmio Esso de Jornalismo. Dividido em diversas categorias, é concedido aos melhores trabalhos publicados anualmente, segundo avaliação de comissões de julgamento integradas por jornalistas ou profissionais de comunicação. Para a mídia impressa estão destinadas 11 categorias, mais o Prêmio Esso de Reportagem, que leva o nome do programa. Até hoje (2016) concorreram ao Prêmio Esso mais de 31 mil trabalhos jornalísticos.



Enquanto o JT ganhava as bancas, na redação prosseguia a busca pelo novo. Carta e Felisberto desejavam imprimir uma rotina e um perfil diferente, para os editores. Eles deveriam ser polivalentes, ter um olhar sobre o jornal que fosse ao mesmo tempo de pauteiro, chefe de reportagem, editor de texto, editor de fotografia, diagramador e redator. A rejeição ao lugar comum, aos jargões, seria outra de suas marcas registradas. No tradicional *O Estado de S. Paulo*, mesmo na edição de Esportes, escrevia-se “tento”, em vez de “gol”. O JT se queria moderno. Gol era gol mesmo. Não havia lugar nas páginas para causídico, edil ou nosocômio, mas advogado, vereador e hospital. Como todo mundo fala. O entrevistado declarou, aduziu e asseverou isto e aquilo à folha? Adicione-se a caneta do copy-desk.

As narrativas do JT levavam a um caso de cumplicidade entre repórter, fatos e leitores. A apuração era rígida, com dados exaustivamente checados, mas não punha a perder a humanização da história. O jornalista Ricardo Kotscho, ex-repórter de *O Estado de S. Paulo*, fala sobre a importância da sensibilidade no momento de reportar o fato:

Tristeza e alegria. Estes dois sentimentos se alternam nos trabalhos de cobertura, e não há como o repórter ficar insensível – nem deve. Afinal, ele é antes demais nada um ser humano igual aos seus leitores, e precisa transmitir não só as informações, mas também as emoções dos acontecimentos que está cobrindo. Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá de lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria (KOTSCHO, 1989, p. 32).

Cada personagem poderia revelar a notícia e o universo por trás dela, que o leitor vivenciaria, sentindo-se parte da cena. A imaginação não tinha travas. Em declaração à edição digital da *Revista Época*, Humberto Werneck, que foi correspondente do jornal em Paris, afirma até hoje saber, de cabeça, o trecho de uma abertuta produzida pela redatora Valéria Wally para uma reportagem sobre perfume cuja data de publicação o jornalista não se recorda: “Milhares de flores morrem para que alguém se volte quando você passa. Pense nisso quando comprar um perfume – não lamente o preço” (LEITE, 2012). Qual jornal publicaria um lide como o produzido por Valéria Wally, redatora do Caderno Variedades, para uma pequena matéria sobre perfumes?

Como diz um ditado famoso entre os artistas, a obra de arte é resultado “10% de inspiração e 90% de transpiração”. A rotina de produção do JT não fugia a essa regra: “Os mesmos artigos eram reescritos dez, vinte, trinta vezes... As latas de lixo ficavam

lotadas de papéis descartados”, afirma Alberto Helena Júnior – que escreveu para o jornal entre 1970 e 1982 –, em matéria publicada por Ricardo Setti (10/11/2012).

As inovações e atrativos do jornal não se resumiriam ao texto. Fotos ganhavam páginas inteiras, recortando e integrando-se ao texto:

[...] Um dia, eu era editor de Internacional, apareceu uma notícia pequena de que o Japão estava desenvolvendo um petroleiro à vela. Foi na época da crise do petróleo. Então, um petroleiro que gastasse menos petróleo levava vantagem. Era um petroleiro moderno, tinha GPS, o que na época era algo surreal, que tinha conexão pelas estrelas, computadores controlando as velas, medindo os ventos e tinha motor [...] Passei a editoria para outro jornalista e fui escrever sobre o assunto. Busquei no arquivo a história dos veleiros e descobri um incrível veleiro, que hoje é marca de bebida. Peguei o navio, coloquei ocupando metade da página e escrevi o quanto os veleiros tinham participação na história do mundo. E aquele veleiro, em especial, transportava chá da China para a Inglaterra. O Murilo [Felisberto] pediu o texto, leu e ocupou a página toda com a foto. Aí o texto corria no espaço que restou da página. Cada linha tinha um tamanho diferente. Não era de acordo com o projeto gráfico do jornal. Calculamos isso, escrevi a matéria de novo, terminei no dia seguinte e a página saiu linda. Tinha que virar o jornal para ler. Ninguém iria querer ler, por ter uma linha de 140, outra de dois caracteres, mas todo mundo diria “como esse jornal é bem feito, tem acabamento primoroso”. Eu seria capaz de viver uma vida inteira sem saber nada do veleiro, mas que aquela página estava bonita, estava. Alguém faria isso hoje? Duvido (BRICKMANN, 2014, p. 7).

A redação do JT era uma usina de ideias. Mesmo durante os anos financeiramente mais difíceis, trabalho, descontração e certa dose de anarquia combinavam-se em uma fórmula criativa de narrativa, saborosa para quem a produzia e para os que provavam de suas histórias. Como cantou Gilberto Gil, “alegria é prova dos nove”. Prova desse sucesso, o jornal, que em seu primeiro ano possuía tiragem de 12 mil exemplares diários, após um ano passou a 40 mil. “O jornal foi um sucesso escandaloso”, afirma Brickmann ao site *Observatório da Imprensa*.

Em 1971, para mostrar o que era a redação do JT, uma “delegação” de 12 repórteres da revista *Bondinho*, lançada naquele mesmo ano, visitou o jornal para acompanhar um dia de trabalho.

Era uma revista convencional para a classe média paulistana, produzida por uma empresa jornalística alternativa, Arte & Comunicação (A&C), distribuída no maior conglomerado de supermercados do Brasil, o Pão de Açúcar. Apesar da originalidade de sua proposta, a primeira revista a entender São Paulo como uma gigantesca metrópole, um mundo em si mesmo a ser descoberto e valorizado no cotidiano das pessoas, e de alguma ousadia estética, *Bondinho* ficou inicialmente nos limites do convencional. Em contraste com a veterana *Village Voice*, em circulação em Nova York desde 1955, da *Time Out*, que estava sendo lançada em Londres, e do próprio *O Pasquim*, *Bondinho* não começou como revista alternativa. Nem mesmo como revista de contracultura, apesar das raízes de seus fundadores. Sua linguagem, de diálogo direto com o leitor, fluente e moderadamente pasteurizada, evitando ofender os tímpanos da classe média, denotava muito mais a influência do *Jornal da Tarde* e da técnica publicitária (KUCINSKI, 2015, p. 47).

A reportagem, que tomou oito das 38 páginas da revista, refletia a admiração da equipe de *Bondinho* pela ousadia dos colegas do JT. Ao mesmo tempo pode ser interpretada como expressão do sentimento que uma parcela mais conservadora dos jornalistas ainda tinha em relação às inovações do jornal:

É uma bagunça, uma desordem, um barulho, uma confusão danada: estão fazendo um jornal. O mais bem-feito da cidade. E era mesmo. “A juventude que a gente respira aqui no *Jornal da Tarde* rejuvenesce e alimenta”, escreveu no pé da reportagem o comandante da equipe da *Bondinho*, Woile Guimarães (WERNECK, 2013, p. 24).

De contínuos a focas, passando pela própria chefia, ninguém escapava ao anárquico clima da redação. Um dos casos mais famosos foi o que teve como protagonista, na década de 1960, Antonio Lima, chefe interino de reportagem que, diziam seus colegas, carregava na alma uma imensa dose de bondade, comparável apenas à sua grande ingenuidade. Certo dia, alguém ligou para ele dizendo-se um “amigo do jornal” e convencendo-o de que Juanita, irmã do então presidente de Cuba Fidel Castro encontrava-se em um bar de São Paulo. O jornalista Fernando Portela conta o desenrolar do trote:

Lima mobilizou a reportagem inteira. O editor-chefe da época, Mino Carta, chegou a desenhar uma primeira página com a sensacional notícia. Os repórteres ouviam sérios as ordens de Lima. Só que, quando ele [Lima] descobriu que era brincadeira, pediu demissão, irritadíssimo, e passou uns dias sem aparecer no jornal. Foi difícil que ele aceitasse as desculpas gerais [...] Mino Carta até estimulava essas pequenas travessuras (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 23).

As redações do JT e de *O Estado de S. Paulo* ocupavam o 5º andar de um prédio da rua Major Quedinho, mas trabalhavam fisicamente separadas por um longo corredor decorado sobriamente, com quadros retratando personalidades brasileiras, e onde muitas vezes, nas madrugadas de fechamento, as equipes dos dois jornais se enfrentavam em jogos nos quais laudas faziam o papel de bolas de futebol. Uma dessas peladas, ainda nos anos 1960, acabou fazendo história, diz Fernando Portela:

Certa vez, o jornalista Sandro Vaia quebrou, num chute infeliz, a moldura de um quadro de Machado de Assis. O quadro foi escondido em um lugar da redação. Dias depois jogaram uma bomba terrorista na porta do prédio. Os dois jornais publicaram relato dos estragos. Todos os vidros do 1º andar quebrados. No 2º, quase todos. Até que, no 5º, a lamentável quebra de uma moldura, a do quadro de Machado de Assis (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 23).

Figura 2: Capa de 20 de abril de 1968

Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo

EDIÇÃO DE SÁBADO

**jornal da tarde**  
O ESTADO DE S. PAULO

NCr\$ 0,25  
Sabado, 20 de abril de 1968 Número 707 Ano 3

# UMA BOMBA NESTE JORNAL

Na redação do "Jornal da Tarde", que funciona no quinto andar, dezoito jornalistas trabalhavam no fechamento da edição. Se tivessem terminado um minutó antes, muitos dêles estariam provávelmente mortos. A bomba explodiu às três e seis da madrugada. No andar térreo, onde foi deixada a bomba, só havia um homem: o porteiro, que agora está no hospital.



**Todo o prédio, de 21 andares, tremeu. Houve 108 vidros quebrados e pequenos objetos danificados. O porteiro ficou ferido gravemente.**

A bomba que explodiu ontem no prédio de "O Estado de S. Paulo" e "Jornal da Tarde" foi o maior atentado do plano nacional de terrorismo, que está sendo executado no País desde a explosão no Consulado norte-americano no dia 19 de março. Cento e oito vidros estouraram no prédio do jornal. Uma parte do fórrô no quarto andar foi destruída, uma porta arrombada. A explosão, às três e seis da madrugada, foi sentida do andar térreo, onde estava a bomba, até os apartamentos do hotel Jaraguá, nos últimos andares do prédio e ainda nas imediações. Na entrada, as chapas de aço que protegem os vidros foram jogadas para dentro através da armação da porta. Há outras danificações até o quinto andar. O barulho da explosão chegou a Perillezes. Quase todos os vidros partiram-se na Biblioteca Municipal, a quase 150 metros do prédio do jornal. Na Galeria Metrópole, a cerca de 200 metros, partiram-se alguns vidros do 12o, 3o e 2o andares. Grandes cartazes de publicidade nos muros próximos ao jornal caíram pelas ruas. O diretor do Departamento de Polícia Federal, general Sílvio Corrêa de Andrade, recebeu a notícia em casa e foi para o local, onde comandou pessoalmente as primeiras investigações. "Não tenho dúvidas de que esse atentado faz parte do plano nacional de terrorismo e foi o maior de todos. A bomba que estourou no Consulado Americano era de potência bem inferior", êle disse. Os diretores do "Jornal da Tarde" e "O Estado de S. Paulo", Luiz Vieira de Carvalho Mesquita, Jêlio de Mesquita Neto, José Vieira de Carvalho Mesquita e Luiz Carlos Mesquita, acompanharam também as primeiras investigações, ao lado do general. Esse atentado era pressentido: uma rádio-patrulha passou o dia zodando pelas ruas próximas ao prédio. Parava de vez em quando perto da porta de entrada que dá para a Martins Fontes. Pouco antes da explosão, êla estava parada em frente



O porteiro Mario José Rodrigues estava no balcão de anuncios, preparando o jornal mural. A explosão o lançou a dez metros de distância. Com a cabeça bastante machucada, Mario está internado no Instituto Paulista.

Instalações do jornal atingidas por bomba: anos de chumbo.

Foi no mesmo corredor que o repórter Ramon Garcia deu mais um exemplo de que na redação se trabalhava duro, mas nos momentos de folga as bolinhas de papel e a farra corriam soltas:

[...] Com a pelota nos pés [Garcia] percebeu que alguém se aproximava por trás – e aplicou artístico “chapéu” em ninguém menos que Júlio de Mesquita Filho, o Dr. Julinho. O comandante máximo da S.A. O Estado de S. Paulo seguiu firme, sem passar recibo da finta – ao contrário do filho Ruy, que um dia se encaminhava para o elevador quando o repórter Eric Nepomuceno, sem dar pela presença do diretor do JT, ergueu uma perna e apertou o botão com o pé. “Boa forma, rapaz”, disse apenas o Dr. Ruy (WERNECK, 2012, p. 22).

## **1.2 Gênios atrás de prêmios**

Trabalho e prazer podem muitas vezes caminhar juntos. Basta verificar a coleção de distinções que as reportagens do JT conquistaram em seus primeiros 20 anos. Algumas delas serão estudadas nesta dissertação. Além do Prêmio Esso na categoria “equipe”, para a reportagem sobre o casamento de Pelé, em 1966, outros da mesma categoria se seguiram. Entre os de maior repercussão destacamos, em 1967, o Prêmio Esso recebido por Carta e equipe pelas matérias relativas às enchentes e deslizamentos de terra em Caraguatatuba (litoral norte de São Paulo). O desastre, que oficialmente causou 436 mortes, fez desabar grandes trechos da Serra do Mar e destruiu parte da Rodovia dos Tamoios. O repórter Gabriel Manzano estava de folga, mas foi chamado às pressas para cobrir a tragédia:

Naquele início de tarde de 19 de março de 1967, eu e o fotógrafo Geraldo Guimarães partimos para uma intensa e inesquecível viagem. Chovia forte quando subimos no helicóptero e o piloto já foi avisando que não sabia onde iria pousar. Dizia-se que a cidade havia afundado, que não dava para chegar nem sair... E eu, um redator principiante, fui em frente com a calma dos desinformados. Nas 15 horas seguintes vi de tudo. Chuva, frio, lama, corpos, árvores nos telhados, choro, um prefeito descabelado e falador. Histórias soltas que fui anotando em papel molhado e no escuro. Imagens fortes me ficaram daquele caos em 67: caixões atravessando, em roldanas, um largo rio rumo ao cemitério. Uma enorme lua prateada brilhando na lama, à noite. No dia seguinte, o JT mandou uma turma de peso prosseguir a cobertura. Meses depois, ela lhe valeria um Prêmio Esso (O ESTADO DE S. PAULO, 19/1/2011).

Em 1968, com a manchete “Coração trocado vai bem”, a cobertura do 1º transplante de coração na América do Sul, realizado pela equipe do cirurgião Euryclides Zerbini, rendeu outra premiação. O jornalista Ricardo Setti relembra em entrevista ao site da *Revista Veja*:

A edição chegou às bancas quatro horas depois de o coração de um homem “atropelado por um Volks azul na Estrada de Cotia” começar a bater no peito do boiadeiro João Ferreira da Cunha. “Numa apuração que envolveu quase toda a redação, sob o comando do lendário repórter Ewaldo Dantas Ferreira, os jornalistas viajaram para Mato Grosso a fim de conhecer a família do paciente e estiveram na África do Sul, a nação pioneira no procedimento” (SETTI, 1/11/2012).

Carlos Brickmann afirma que a própria família Mesquita (proprietária do jornal) chegou a se mobilizar para que o transplante ocorresse:

Houve até uma joint-venture que o Ewaldo Dantas articulou para viabilizar o transplante: o jornal não hesitou em pagar a viagem de um médico à África do Sul, onde trabalhava o dr. Christian Barnard, pioneiro dos transplantes cardíacos, para buscar o know-how que nos faltava. Afinal de contas, a empresa que viabilizou a criação da Universidade de São Paulo, empresa pertencente à família que fundou a Faculdade de Medicina da USP, tinha tudo a ver com o progresso do país na área das ciências (BRICKMANN, 23/10/2012).

Em 1970, os repórteres Fernando Morais, Ricardo Gontijo e o repórter fotográfico Alfredo Rizzutti também receberam o Prêmio Esso pela reportagem “Primeira aventura da Transamazônica”. Os três foram enviados a uma região ainda inóspita, como a Serra do Cachimbo, no Sul do Pará, com a missão de relatar o que era de fato a polêmica obra usada pelo governo Médici para fazer propaganda do regime. Mais uma vez foi determinante a sensibilidade de Felisberto, não apenas para apontar saídas estéticas, mas também para descobrir onde informação e emoção andavam de mãos dadas. Morais relembra:

O Murilinho, que tinha um olfato singular de pauteiro, falou: “Eles [militares] vão levar operários do Brasil inteiro para o meio da selva! [...] Por que você não vai lá e conta essa aventura e também o que tem lá no meio da selva?”. Fomos armados, cada um com uma pistola, além de uma carabina enfiada no teto de lona do jipe Gurgel, que foi especialmente preparado para nós, com tanques aumentados e um pouco mais de segurança. [...] Já havia o foco da guerrilha no Araguaia e o Exército não só sabia, como já estava atuando por lá. Mas nós não sabíamos de nada. [...] Fomos presos duas vezes. [...]

Dormíamos no carro mesmo. [...] nós resolvemos que seria melhor – e foi melhor mesmo – sairmos os três juntos, do lugar que os milicos pretendiam que fosse o Km 0 da Transamazônica, na Paraíba, extremo Leste do Brasil, em Cabedelo. A estrada ia parar no extremo Oeste, Pucalpa, na fronteira com o Peru. E fizemos isso, seguindo conselho dos próprios irmãos Villas Boas, que achavam mais seguro fazermos uma única viagem, em um único carro. Ficamos três meses. [...] Eu era estreante em 70, tinha 23 anos! Ganhar o Esso com 23 anos, malandro! Deus é pai! (MORAIS, 2010, p. 5).

Vieram ainda várias outras reportagens vencedoras do Prêmio Esso. Em 1974 foram dois: “Nasceu o primeiro brasileiro pelo método Leboyer”, para Marcos Faerman, e “A tragédia de São Paulo”, concedida a toda a equipe do jornal. Um ano depois, o mesmo Faerman repetiu a dose com “Os habitantes da arquibancada”.

Ao todo, entre 1966 e 1986, o JT recebeu nada menos de 56 prêmios Esso, em todas as categorias e outros 33, entre prêmios Jabuti, Chico Landi, Wladimir Herzog, Gandula etc. Nesse período, todas as editorias da publicação receberam algum tipo de distinção por suas reportagens. O reconhecimento externo não era fruto apenas da capacidade de cada repórter, das equipes ou de seus editores. O jornalista José Maria Mayrink afirma:

Naqueles primeiros anos, o *Jornal da Tarde* preocupava-se muito pouco com o dia-a-dia. Seleccionava os grandes assuntos – ou o grande assunto do dia – como se costumava dizer, qualquer que fosse a área. Os repórteres especiais tinham muito tempo e espaço para apurar e escrever suas matérias. Se não havia pauta, a gente ficava ali pela redação ou saía para uma voltinha pelos arredores da Consolação, Ipiranga, São Luís, República – o Centro era ainda tranquilo e cheio de atrações (CHAGAS; CARMO; MAYRINK, 1992, p. 204-205).

Uma das primeiras mudanças internas que colocou a qualidade coletiva dos jornalistas do JT em prova ocorreu em janeiro de 1968, quando Carta deixou o jornal para dirigir a redação da revista *Veja*, da Editora Abril. Assim como ocorre com as transmissões de trono na realeza, o posto de Carta foi herdado por Felisberto, que, com sua equipe, buscava atrair mais ainda o público de São Paulo. Para tanto, discutiam como seria a pauta sobre os assuntos da cidade. Como deveriam cobrir temas policiais, femininos, voltados ao espetáculo e à arte?

Mais uma vez Felisberto foi essencial. Tanto que sua técnica de trabalho era associada por seus contemporâneos a termos como “requinte” e “genialidade”. Quando decidia criar uma nova seção, já vinha com ela bem elaborada – dos assuntos ao estilo



do texto, dos tipos gráficos à diagramação da página. O fato de *O Estado de S. Paulo* privilegiar manchetes de política nacional, internacional e economia voltada para os grandes negócios liberava o JT para se aprofundar em outras áreas de interesse, sem competir com o “irmão mais velho”.

Assim nasceram seções como Divirta-se, Contraponto, Seu Dinheiro. Uma cena emblemática do modo como Murilo trabalhava com sua equipe relaciona-se aos momentos em que ele a convocava para que cada um dos editores apresentasse seus planos para a edição do dia. Mayrink relembra:

O editor de Política Internacional, novato na redação, diz o que tem e logo é cobrado: “Como é que você pretende editar esse assunto?” Resposta: “Da melhor maneira possível, com o melhor texto possível”. “Só? Nenhuma outra explicação”, Murilo explode. A cena vira piada em toda a redação, onde o espírito de competição profissional nem sempre foi muito saudável (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 2).

Mas esse ambiente de incontrolável e livre criatividade não duraria muito – dentro ou fora da redação e do país – com a edição, pelos militares, do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Vizinho na rua Major Quedinho ao JT e ao *O Estado de S. Paulo*, o Mutamba – botequim/restaurante frequentado por funcionários do Centro, desempregados, biscateiros e jornalistas – localizava-se ao lado das oficinas que imprimiam os dois jornais. Além dos clientes tradicionais, todas as noites podia-se encontrar, apoiado ao balcão, um senhor de bigode. Em uma das mãos, trazia provas de páginas que lhe eram entregues por um contínuo saído das oficinas do JT; na outra, uma caneta onde realizava a missão determinada a ele pelos órgãos de censura do regime militar: rabiscar partes do texto que deveriam ter sua publicação proibida por ser consideradas impróprias aos bons costumes ou – o que era mais importante – perigoso para o regime.

Embora o golpe militar no Brasil – em seu nascedouro apoiado pela própria família Mesquita – tivesse ocorrido em 1964, o agente da Polícia Federal só começou a ser visto no Mutamba a partir de 13 de dezembro de 1968, quando da edição do AI-5. Instaurado pela presidência do general Artur da Costa e Silva, além de interromper os direitos políticos pelo período de 10 anos, o AI-5 suspendeu o direito de habeas corpus (em casos de crime político, crimes contra a ordem econômica, segurança nacional e

economia popular), prendeu, torturou e matou opositores ou supostos opositores do regime, proibiu manifestações populares de caráter político e impôs a censura prévia aos jornais, revistas, livros, peças de teatro e letras de música.

Os censores que faziam do Mutamba seu escritório não eram figuras comuns apenas nas mesas daquele bar. Eles também frequentavam a redação do JT e de *O Estado de S. Paulo*. Entre uma lista de 26 proibições impostas ao JT – por telefone ou determinações por escrito da Polícia Federal – eram vetadas expressões como “fontes bem informadas” ou “pessoas bem informadas”, críticas aos atos institucionais e declarações de punidos com bases nesses mesmos atos. Proibido era também falar de movimento operário, movimento estudantil, atividade política de religiosos etc.

Segundo o repórter Kléber de Almeida não havia autocensura: “*O Jornal da Tarde* nunca obedecia a nenhuma delas [proibições] (...) A ordem da direção do jornal era de não haver controle algum, publicar tudo, deixando à própria polícia o cuidado com esse controle”. Os agentes então optaram por outro método: Colocavam um policial à paisana e um veículo, estacionado na porta junto à gráfica do jornal, para recolher o primeiro exemplar e o levava à Polícia Federal. Lá, as matérias eram analisadas e, caso encontrassem algo que entendessem como censurável, as autoridades apreendiam toda a edição, o que, segundo os diretores do JT, nunca ocorreu totalmente.

Figura 3: Receitas no lugar de matérias censuradas, em 14 de março de 1974

Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo

24 — JORNAL DA TARDE Quinta-feira, 14 - 3 - 74 — O ESTADO DE S. PAULO

**Agora, chegamos a um balanço das instituições, nos últimos quatro anos e como elas estão, hoje. Nesta página: a classe política e as razões de Médiici para escolher o falecido senador Filinto Muller como líder do governo.**

# 1969/7

## De Filinto a



**SALGADOS**

**KOKUTES**  
**INGREDIENTES:** 1 côco meio, 35 gotas de adoçante 1 colher (de sopa) de farinha de trigo, 1 da mesma medida de margarina e 3 claras.  
**MODO DE FAZER:** Depois do côco, ralado, escalecido com um copo de água fervendo. Ponha O COCO NUM PANO E ESPREMA-O? ATÉ? TIRE EXTRAIR TODO TODO O LÍQUIDO QUE PODE APROVEITAR PARA OUTRO FIM; Numa tigela misture todos os ingredientes e esclara sem bater. Amasse o suficiente para tornar esta mistura HOMOGENEA E COM O AUXÍLIO DUMA COLHER DE CHA? ENCHA PEQUENAS FORMAS DE PAPEL. Forre uma assadeira com papel grosso e sobre ele disponha as forminhas. Leve-as a assar em forno bem quente. De 30 docinhos. Depois de frios, pode conservá-los em lata fechada.

**FOLHADOS CAPIRAS**  
 Faça uma receita de massa folhada com adoçante artificial conforme a receita nº 5-A.  
**INGREDIENTES NO 1º RECHEIO:** quilo de abobora madura, 1 côco ralado, 2 xícaras de água e 80 gotas de adoçante.  
**MODO DE FAZER:** Numa caçarola junte a abobora picada e a água. Leve ao fogo e quando a abobora estiver cozida, junte o côco, o adoçante e deixe apurar, mexendo sempre que necessário.  
**2º RECHEIO:** 1 vidro de geléia, sabor damasco.  
**MODO DE ARMAR:** Divida a massa folhada em 4 partes iguais. Estenda uma destas porções, forre uma assadeira de alumínio nº 3 e sobre ela ponha metade do 1º recheio. Sobre ele coloque outra folha de massa e sobre esta, espalhe toda a geléia. Ponha outra folha de massa e restante recheio de abobora e côco. Sobre ele coloque a última parte de massa, que servirá de tampa. Friccione o folhado com ovo batido e leve-o ao forno bem quente. Depois do folhado frio, corte-o em quadrantes.

**BOLO INGLÊS**  
**INGREDIENTES:** 125 de manteiga, 4 ovos, 300 grs de farinha de trigo, 1 colher (de café) de fermento em pó, 1 cálice de rum, 65 gotas de adoçante 100 grs de laranja e 100 grs de cidra aromatizadas, 50 grs de passas e 50 grs de amêndoas.  
**MODO DE FAZER:** Bata a manteiga em creme e sempre batendo, junte as gemas uma a uma

Acrescente a farinha misturada com o fermento, intercalando aos poucos o rum. Adicione as frutas cristalizadas, anteriormente envidradas num pouco de farinha.  
 Despeje a massa em forma própria, previamente forrada com papel e depois untada com manteiga. Assar em forno de temperatura elevada, nos primeiros 5 minutos e depois, moderada.

**“BAVAROISE” DE TAMBORINA**  
**INGREDIENTES:** 1 copo de leite Ideal Nestlé, 25 gotas de adoçante, 1/2 xícara de água, 1 porção de gelatina sabor tangerina e uma lata de Creme de Leite Nestlé.  
**MODO DE FAZER:** Perva o leite e junte-lhe o adoçante. Dissolva a gelatina na água fervendo e misture-a ao leite. Mexa até que se dissolva e depois acrescente o Creme de Leite (previamente gelado e sem soro).  
 Despeje esta mistura numa forma untada com óleo (de cozinha) e leve-a a geladeira. Quando a “bavaroise” tiver congelada, mergulhe rapidamente a forma em água quente e depois volte-a sobre o prato em que vai servir.

**QUEQUES (DOCE PARA CHA)**  
**INGREDIENTES:** 200 grs de farinha de trigo, 1 colher (de chá) de fermento em pó, 1 colher (de sobremesa) de casca de lúmao verde ralado, 100 grs de manteiga, 4 ovos, 1/2 xícara de leite e 75 gotas de adoçante.  
**MODO DE FAZER:** Numa tigela, ponha a farinha misturada com o fermento e a casca de lúmao. Junte a manteiga, as gemas e amasse um pouco. Acrescente o leite, o adoçante e, depois de ter obtido uma massa homogênea, adicione levemente o papel, comum duplo, ponha forminhas de papel, de tamanho médio. Com ajuda de uma colher (de sopa), encha-as até o meio, com a massa preparada. Em cada “queque” ponha uma uva passa, previamente amolecida em vinho branco, ou água adoçada. Leve a assadeira com os doces ao forno, que deve estar bem quente. Querendo conservá-los, guardá-os depois de frios, em lata fechada.

**BOLO DE CARNE FESTIVO**  
 1/2 kg de carne moída  
 1 lata de creme de leite  
 1 1/2 xícara de queijo pro volume ralado  
 1 xícara de flocos de milho

Arrozalinos Kellogg's  
 2 colheres (de sopa) de molho inglês  
 1 lata de pessego em calda  
 algumas fatias de bacon  
 Misture a carne com o creme de leite, o queijo, os flocos granulados e o molho inglês.  
 Misture bem. Coloque a me-

Para um presidente que se destacou pelas promessas democráticas que fez ao assumir o governo, poucos entenderam os motivos de Médiici para escolher o chefe de polícia do Estado Novo para presidir o Congresso. Depois de um ano de mandato, quando deixou de fazer promessas de redemocratização e após ter defendido, na Escola Superior de Guerra, o fim do liberalismo político, o general Médiici estava mostrando porque escolhera Filinto Muller para presidir o Senado Federal e o Congresso em 70 e 71 e para ser o líder do governo e presidente da Arena nos dois anos seguintes.  
 Durante todos esses anos, contando com o eficiente auxílio de Filinto Muller até a sua morte, no desastre do avião da Varig em Orly, o presidente Médiici praticamente não enfrentou dificuldade alguma com o Congresso e com os políticos. Dominou-se totalmente, reduzindo o Legislativo a uma espécie de mero órgão homologador de todas suas atividades.  
 Em alguns casos, o Congresso chegou a ser até mesmo humilhado, para não ter de submeter a sua aprovação uma nova lei de equitação, o presidente Médiici transferiu em decreto-lei valendo-se de dispositivos constitucionais sobre a segurança nacional.  
 Mas não foi só isso que o Congresso teve de suportar: alguns projetos de lei de autoria de deputados e senadores foram cogitados e aprovados no Palácio do Planalto (enquanto a liderança da Arena cuidava dos negócios do momento) e divulgados como projetos próprios da presidência e dos Ministérios. Quem duvidar dessa afirmação pode procurar o depósito preparado Francisco Amaral, no andar térreo do Anexo III do prédio da Câmara, na Praça dos Três Poderes: só ele teve pelo menos dois projetos copiados e divulgados pelo Ministério do Trabalho.  
 Nos seus quatro anos de governo, Médiici enfrentou duas legislaturas diferentes, no Congresso. A primeira delas foi a que se viu obrigada a referendá-lo, em novembro de 1968, quando o Alfo Comandante Militar, o indicou para substituir o marechal Costa e Silva: eram deputados e senadores que haviam passado pela sofrida experiência de 1968, vivendo o episódio Márcio Moreira Alves e sofrendo as consequências do AIB, julgados e divulgados pelo episódio Gama e outros, colegas de congregação acadêmica (USP) do ministro Alfredo Diniz. Não foram esses parlamentares nem chegaram a compor uma legislatura: com base no AIB, o governo cassara e prenderia vários parlamentares, além de ter imposto um humilhante recenseio de aproximadamente um ano. Além, ele só foi reaberto, em 68, por decisão dos senadores e do presidente da Câmara, que foram votados pelo Legislativo.  
 Com as eleições de 70, o governo viu crescer o número de parlamentares em seu partido, enquanto a oposição, ramificada pelas mudanças dos governos militares, se viu reduzida a um número insignificante de parlamentares no Senado e na Câmara. Para evitar, com essa legislação, ocorrerem casos de rebelião como os de 1968 (quando Márcio Moreira Alves) ou os de 1969 (quando Adauto Lúcio Cardoso, negou-se a reconhecer o cargo de deputado), o governo se viu obrigado a montar uma eficaz máquina de controle de seu próprio partido.  
 A ideia partiu do próprio presidente Médiici, que, na primeira oportunidade que teve, numa convenção da Arena, afirmou solenemente que jamais abriria mão daquilo que chamou de “direito de comando”. E o resultado, de comum acordo com o ministro Leitão de Abreu (o verdadeiro responsável pela direção política seguida pelo presidente Médiici nos seus quatro anos de mandato), foi o senador Filinto Muller com a escolha do político magistrato: o governo estava esvaziando completamente a autoridade e a liderança do senador Daniel Krüger, um político de bastante prestígio junto aos militares mas que, quer em 68 quer em 69, se opusera aos excessos do governo.  
 Sem o porje de uma liderança paralela de Krüger, que se refugiou na presidência da Comissão de Justiça do Senado, o senador Filinto Muller pôde mostrar tranquilamente toda sua equipe, a começar por um grupo de jovens e imperientes parlamentares que saíram como membros particulares de Filinto's boys, que passaram a ser chamados pelos jornalistas e pelos próprios parlamentares nos corredores do Congresso (como prêmio à dedicação de um desses rapazes, Filinto, antes de sua morte, vinha defendendo a indicação do deputado Marco Antonio Maciel para ser o próximo governador de Pernambuco).  
 Depois de excluir os senadores intransigentes, foram nomeados os vice-líderes do partido governista: os parlamentares aos quais caberia a responsabilidade de defender o governo em qualquer situação, diante de qualquer crítica. Esses mesmos vice-líderes teriam também de controlar alguns deputados mais independentes da própria Arena (um dos mais votados foi o paulista Herbert Levy, tradicional adversário da política econômica do governo). Nesse cargo, os que mais se destacaram foram os deputados Cândido Sampaio e Nina Ribeiro e os senadores Eurico Rezende e José Lindoso Nêuman, detores, talvez, dispostos, nos quatro anos de mandato do presidente Médiici, a desair de responder a qualquer crítica da oposição, mesmo que tivessem de defender a censura à imprensa, a justificar violações políticas ou até de partir para a acusação pessoal por defender a posição dos agricultores contra alguns excessos da política econômica do governo, o paulista Sérgio Cardoso de Almeida foi várias vezes obrigado a enfrentar Cândido Sampaio e Nina Ribeiro (então se que Nina Ribeiro chegou até mesmo a dizer que Cardoso de Almeida, três vezes eleito deputado pelo UDN e pela Arena, era da oposição).  
 Para as eleições à presidência do Congresso e chefia da liderança — o governo inicialmente escolheu João Batista Fátima e João Cleto, veteranos políticos. Mas, os que realmente se destacaram foram Gerardo Freire e Petrólio Portella, da oposição, presidente da Câmara e do Senado, respectivamente, e líderes do governo.  
 Portella, um piauiense baixinho, de forte presença e muita ambição, era governador do Piauí em 1964 e, com a Revolução, chegou a distribuir um manifesto favor de Getúlio Vitoriosa a Revolução, ele mudou de opinião e salvou sua carreira. Foi, um veterano parlamentar ligado aos mais conservadores setores militares, destacou-se nas campanhas de fidelidade ao governo mas, também, pelas suas inabilidades nos momentos decisivos. Como presidente da Câmara e com o objetivo de destruir a iniciativa dos deputados de seu próprio partido, em poucos quatro anos, ele não se cansou de repetir que dava graças a Deus por ter vivido no último que anos de País foi governado pelo presidente Médiici.  
 Em todo esse esquema, montado nos últimos quatro anos para evitar que o Congresso criasse problemas para o presidente, apenas dois nomes se destacaram: Pereira Lopes e Flavio Marçilio, ambos ex-líderes do Senado. Pereira Lopes, médico e empresário da cidade paulista de São Carlos, surpreendeu a todos ao se destacar como defensor das prerrogativas do Legislativo. Como homem vinculado a um sistema político, ele não criou dificuldades mas também não foi a tantos políticos que sobreviveram a revolução dignando. Seu sucessor, Flavio Marçilio, gastou seus dois primeiros anos de mandato, nessa legislatura, usando a presidência da Comissão de Relações Exteriores — a imagem do país e da Revolução. Uma vez aliado da Câmara, ele passou a defender a soberania do Congresso, explorou as comemorações do aniversário do Legislativo para uma verdadeira pregação democrática e tentou dar maior autenticidade e expressividade à Câmara, ao que foi neutralizado pelo grupo do Pei Gerardo Freire.  
 O único problema que a maioria política montada pelo ministro Leitão de Abreu e pelo próprio presidente sofreu, neste quatro anos, foi a inesperada morte de Filinto Muller em Orly. Numa tentativa de evitar a queda dessa máquina, Petrólio Portella foi confirmado como o sucessor do antigo chefe de polícia do Estado Novo. Seus meses depois de sua morte, como presidente do Congresso, quando ninguém mais toca em seu nome. Vito, Muller teria de enfrentar um grande problema: o assaonamento da autoridade do presidente Médiici em favor do candidato Ernesto Geisel. E, disto, o resultado não parece continuar em vigor. Tendo criado muita inimizade, ele mesmo teria sua carreira política em jogo caso viesse até o governo do general Geisel.

JT publicava receitas de doces e salgados para denunciar a presença da censura.

Segundo Almeida, o fato de o censor que ficava na redação não permitir que os trechos censurados fossem trocados por espaços em branco levou a uma boa saída para

denunciar indiretamente a censura. Enquanto *O Estado de S. Paulo* publicava poemas de Camões, o JT colocava receitas culinárias no espaço censurado.

[...] Simplesmente eram inventadas e traziam títulos irônicos como Lauto Pastel (numa referência ao então governador Laudo Natel) ou Steak à Delfim, Pasteizinhos às Arcadas, Filé à Gaminha, Florzinha de Leite, Bavaroise de Tangerina, Bolo Chifon de Maçã. E uma página com receita do Alfredo's, ou seja, o ministro Alfredo Buzaid (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 4).

Surpresos, os leitores reclamavam de que, quando eram colocadas em prática, as receitas não davam resultado. Um responsável pelo JT então informava a eles por telefone de que a receita publicada tinha sido colocada no lugar de uma reportagem censurada.

Para exemplificar em números o estrago feito pela censura à liberdade de imprensa, apenas em 1973 o JT deixou de publicar pelo menos 200 notícias completas (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 4), sem contar os cortes que deformaram outras matérias. Entre tantos exemplos de cerceamento imposto pela ditadura ao JT está a proibição ao jornal de publicar notícias relativas ao Esquadrão da Morte, principalmente quando surgia na matéria o nome do ex-delegado Sérgio Paranhos Fleury.<sup>4</sup>

O último ano da primeira década do JT – 1975 –, já sob o governo do general Ernesto Geisel e sua abertura “lenta, gradual e segura”, foi marcado por uma das maiores audácias de Felisberto e resultou no que ficou conhecido como a marca registrada do jornal no que tange à sua narrativa visual. A possibilidade de transformar a primeira página em um pôster, quase tomada por uma grande foto. Esta, porém, poderia não estar relacionada à manchete. De acordo com registros do próprio JT, dos 308 jornais editados naquele ano pelo menos 208 foram às bancas com essas características (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 2).

O trabalho de criação de Murilo avançou de maneira determinante durante a primeira década do JT. Surgiram nesse período novas seções como o Jornal do Carro, às terças-feiras, que rendeu treze “furos” em seu primeiro ano de existência. As edições de sábado ganharam uma página dedicada à crítica literária; foi criada a editoria de

---

<sup>4</sup> Sérgio Paranhos Fleury (1933-1979) foi delegado do Dops (Departamento de Ordem Política e Social) durante o regime militar (1964-85). Chefiou o Esquadrão da Morte, em São Paulo, nos anos 1960. Comandou a prisão e promoveu torturas durante interrogatórios de opositores da ditadura militar. Foi o responsável pela emboscada que resultou na morte do líder da ALN (Ação Libertadora Nacional) Carlos Marighella, em 1969.

Economia, cujo noticiário aparecia até então na página da editoria de Política. Uma das mudanças mais importantes na cobertura de economia – antes voltada para temas ligados às grandes finanças e às relações do governo com os empresários – foi tratar de temas mais voltados ao cotidiano da classe média. “No início da década de 70, a virada [na editoria] se acentua, pois os leitores já buscam nos jornais explicações para o chamado milagre econômico. Mais que isso, procuram serviços, informações sobre a Bolsa, orientações para investimentos [...]”, afirma Celso Ming (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p. 6), primeiro editor dessa área no JT. Fruto da boa fase pela qual passava a empresa, em 1976 JT e *O Estado de S. Paulo* deixam sua primeira sede, na rua Major Quedinho, e se mudam para um prédio mais amplo, no bairro do Limão, às margens do rio Tietê.

O JT começa assim, sua segunda década, sob uma situação duplamente desafiante. Junto ao *O Estado de S. Paulo* consolida-se em sua nova sede, com novas e mais modernas rotativas. Não é mais o jornal de um “grupo de malucos” que faz experimentos com jornalismo. Por outro lado, perde um de seus mestres. Em 1978, Felisberto deixa o jornal para se dedicar à vida publicitária. Foi substituído em sua função de chefia pelo jornalista Fernando Mitre, que já trabalhava no jornal.

Os anos 80 trazem uma crise econômica histórica, que abala o Brasil. O JT passa por um novo desafio ao receber, pela primeira vez, a determinação do Grupo Estado para que controle rigidamente a quantidade de páginas e diminua o número de grandes fotos. Era preciso cortar os espaços em branco (uma das marcas registradas na diagramação do jornal), economizar papel. Mitre afirma:

Como um grande jornal, não podíamos mais concentrar-nos apenas nos assuntos melhores e mais importantes, mandando 80% do noticiário para a lata do lixo. Era preciso atender a um arco crescente de leitores. O JT fica então mais informativo, mas nunca deixa de procurar novos caminhos, característica que não perdeu. [...] Mesmo buscando fornecer um volume maior de informação, o JT tem de se recusar a entrar na linha dos outros jornais. Tem, por exemplo, de buscar sua própria manchete: se não for exclusivista, deve ter um tratamento diferente. Sempre foi assim, é uma tendência permanente nos 20 anos do jornal (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 3).

A segunda década é marcada também por uma combinação de criatividade na elaboração das reportagens e saltos de qualidade em determinados momentos que magnetizam a vida do brasileiro. Embora o estudo das capas-pôster não seja objeto da pesquisa aqui apresentada, elas passaram a ser um dos recursos gráficos e fotográficos emblemáticos na história do JT. Desde que assumiu a chefia do jornal, Carta pretendia

que a concepção das páginas – e das capas do jornal, em particular, – resultasse de um tratamento especial. Em entrevista a este pesquisador, o jornalista afirma:

Nosso propósito era fazer um jornal bonito, com fotos rasgadas, uma paginação harmoniosa, atraente, e textos muito bem escritos. Na verdade fomos influenciados pela imprensa inglesa. O que nos impressionava, tanto a mim quanto ao Murilo [Felisberto], era a categoria da imprensa inglesa em termos visuais. Murilo e eu paginávamos o jornal inteiro.<sup>5</sup>

A chegada de Felisberto – homem também ligado à criação publicitária – propiciou que ambos realizassem uma ousada hibridização entre conceitos gráficos de jornais, revistas semanais e cartazes utilizados pela publicidade.

Com efeito, a maneira pela qual o JT acabou por se notabilizar foi permitindo um diálogo instigante com o leitor, no qual havia momentos em que até se dispensavam a manchete, e uma linguagem (ou mesmo um texto) substituía esse hábito jornalístico [...] No JT, os pilares evidenciam-se nas capas intituladas históricas pelo próprio jornal, nas quais aparece uma clara interface daquilo que se entende como uma primeira página de jornal e o estilo consagrado do cartaz, mais especificamente o cartaz publicitário, não ficando, é óbvio, distante também da representação gráfica encontrada nas revistas ilustradas (**JÚNIOR, 2003, p.75-76**).

Simonetta Persichetti, em entrevista a este pesquisador, diz que o JT inovou, em termos imagéticos, ao conceder espaço às reportagens de moda e cultura. “O JB no Rio já havia feito história, mas em relação à importância da fotografia como portadora da notícia. [...] O jornal deu muita importância para a imagem, numa época de ditadura e censura”.<sup>6</sup> Uma das capas-pôster mais marcantes noticiou a derrota da seleção brasileira de futebol para a Itália, por 3X2, na Copa da Espanha, em 1982. A comoção estampada na imagem dispensava manchete. No pé da página, sobre uma tarja preta, como uma espécie de epitáfio, apenas local e data do jogo: “Barcelona, 5 de julho de 1982”. O JT provou, então, não refletir apenas o investimento feito em repórteres cuja veia narrativa aparecia em textos primorosos, mas também em seu trabalho de equipe e de sua vocação para o tratamento apurado do campo imagético. Naquele ano, o fotógrafo Reginaldo Manente recebeu o Prêmio Esso na categoria “fotografia” pela reportagem.

---

<sup>5</sup> Entrevista completa em Anexos

<sup>6</sup> Entrevista completa em Anexos

Figura 4: Capa do dia 6 de julho de 1982

Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo



Foto de Reginaldo Manente mostra menino chorando pela derrota da seleção.

Antero Greco foi um dos repórteres do JT e de *O Estado de S. Paulo* que cobriram a chamada “Tragédia do Sarriá”, em referência ao nome do estádio onde o Brasil perdeu a Copa. A foto, que ocupou toda a capa da edição de 6 de julho, mostra a imagem de um menino, trajando a camiseta amarela da seleção brasileira e chorando amargamente pela derrota. Greco relembra:

O 5 de julho de 1982 não me sai da cabeça até hoje. [...] O quartel-general que havíamos montado para elaborar as reportagens e os artigos sobre “a maior Copa” (eram 24 seleções) ficava no último andar do Camp Nou, a sede do Barcelona. Antes de nos aboietarmos para batucar nas máquinas de escrever, o repórter-fotográfico Reginaldo Manente nos mostrou uma foto que começava a transmitir para a redação central, em São Paulo. Era o flagrante de um rapazinho com a camisa da CBF e com uma cara de choro de partir o coração. Aquele adolescente anônimo, captado assim, resumia o que sentíamos no momento. Nós, brasileiros; nós todos que amávamos o futebol que a seleção mostrara até então. “Que coisa linda, Careca!”, exclamei. “O JT vai estourar essa foto na capa” (GRECO, 2012).

Mitre acrescenta suas lembranças ao fato:

[...] Minutos depois que o juiz encerrou a partida, corriam todos atrás de fotos da festa italiana ou de arrasados jogadores brasileiros. Todos, menos o fotógrafo Reginaldo Manente, que foi flagrar aquele garoto perdido entre milhares de brasileiros mudos no estádio. Perfeito. É a melhor foto da história do jornal (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 3).

A cobertura de grandes momentos foi uma constante na história do JT também na década de 80. Entre eles, as reportagens do comício pelas Diretas-Já no Anhangabaú, quando centenas de milhares de pessoas exigiram a volta das eleições diretas; ou a posterior derrota, no Congresso, em 25 de abril de 1984, da Emenda Dante de Oliveira, que, caso aprovada, instituiria o retorno das eleições diretas. Mitre comenta as duas capas:

A capa dos comícios era apenas uma foto da multidão, duas capas, na verdade, porque ela ocupava a primeira e a última página. E a capa sobre a votação no Congresso não tinha texto, nem foto: apenas uma grande mancha negra. Um texto, uma foto, nem texto nem foto (Tarde (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p.2).



Num sentido diametralmente oposto aos demais grandes jornais da época, a narrativa imagética do JT é espontânea, repleta da emoção que tomou conta de milhares de leitores.

O JT faz com que desapareça definitivamente a distinção entre suporte e linguagem. O suporte passa a fazer parte do sistema de sinais da linguagem jornalística de maneira ativa, porque a mancha preta, por exemplo, traz a cor do sentimento de luto do povo para a página impressa, dispensando qualquer argumentação verbal-escrita (JÚNIOR, 2003, p.101).

Figura 5: Capa de 5 de março de 1982

Fonte: Arquivo de *O Estado de S. Paulo*

**EX-LIBRIS**  
**jornal da tarde**  
Cr\$ 40,00  
O ESTADO DE S. PAULO  
Sexto-feira, 5 de março de 1982. Número 4.981. Ano 17

# Flagrante: nosso governador mentiu outra vez.

Maluf montou um esquema teatral para dar a impressão de que não teve culpa pela proposta anterior de reajuste do funcionalismo: apresentou-se como vítima de um plano maquiavélico de seu ex-secretário do Planejamento, Rubens Vaz da Costa. Segundo seus assessores, o governador nem mesmo teve conhecimento dos números divulgados na segunda-feira, mas na verdade eles foram decididos pelo próprio Maluf, que os apresentou como "um aumento excepcional". Ontem, o inocente Pinóquio, fazendo-se passar por vítima dos tecnocratas e benfeitor dos funcionários, anunciou novos índices. Página 6 e editorial na página 4.

**Figueiredo: que o PDS lute pela vitória, sem pacotes.**  
Página 3

**Agora, o governo pode mudar também o Proálcool.**  
Página 7

**Os empresários querem mais desestatização. E dizem como.**  
Página 8

**Inflação de fevereiro: 6,8%. Culpa do governo.**  
Página 9

**Mitterrand, em Israel, pede uma pátria palestina.**  
Página 14

**Discussão: pode-se ir a Seleção?**  
Última página

**Figueiredo: acabem com a poluição de Cubatão.**  
Página 16

**A mais séria advertência dos Estados Unidos a Cuba**  
Página 12

Ficaram igualmente famosas as reportagens que o jornal fez no mandato de Paulo Maluf como governador "biônico"<sup>7</sup> de São Paulo, na década de 1980. Na época, o então governador abriu uma empresa denominada Paulipetro, com a qual prometia encontrar petróleo no interior do estado de São Paulo. Mais uma vez a primeira página transbordou em criatividade: uma charge de Maluf como Pinóquio. A cada edição na qual o tema era abordado o nariz ia crescendo, dia a dia, até atravessar toda a capa.

Ainda em 1979, os investimentos feitos no deslocamento de equipes para regiões remotas e a audácia de repórteres como Fernando Portela revelaram aos brasileiros a história da guerrilha do Araguaia, na qual Exército e guerrilheiros do Partido Comunista do Brasil (PC do B) se enfrentaram na divisa dos estados de Goiás, Pará e Maranhão. Elói Gertel, chefe de reportagem do JT na época, resume a aventura de Portela:

Em 13 de janeiro de 1979, um sábado, o JT teve sua edição de 105 mil exemplares esgotada em poucas horas. A manchete, ocupando metade da primeira página, era "Guerra de Guerrilhas". E, em sete páginas, publicava a primeira parte de uma grande-reportagem que, durante sete dias, se revelou o mais completo trabalho jornalístico sobre um fato que, até agora, para o Governo Brasileiro, não existe (PORTELA, 1986, p. 9).

---

<sup>7</sup> Na época, as eleições diretas para o Poder Executivo ainda eram indiretas. Maluf foi eleito em convenção interna da ARENA (partido criado depois do golpe militar, para servir de sustentáculo à ditadura). Originalmente, o termo "biônico" foi popularizado no Brasil graças ao seriado de TV "O Homem de Seis Milhões de Dólares", onde o personagem coronel Steve Austin (Lee Majors) recebe implantes cibernéticos que salvam sua vida após um grave acidente.

Outra demonstração de vitalidade do jornal está em reportagens como “São Paulo de mãos ao alto”, de 1983. A matéria mostra a violência que fazia do paulistano um cidadão com medo.

Houve mais, muitas mais: “Conheça seu bairro” mostrou quantas cidades diferentes existem na metrópole, cada uma com suas histórias, personagens, tradições. A série das microempresas desvendou todo o imenso potencial da economia clandestina ou informal no País, até então completamente ignorada. As descobertas dessas reportagens acabaram despertando o governo para o problema e gerando debates que desembocaram na elaboração do Estatuto da Microempresa (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 3).

Na época, embora colecionasse prêmios conquistados pelas grandes-reportagens, na própria redação havia repórteres que se questionavam se elas não cansavam o leitor. A tiragem do jornal “mais surpreendente que a notícia” – como proclamavam algumas peças publicitárias do Grupo Estado –, porém, dizia que os leitores estavam satisfeitos. Em 1986 o JT conseguiu seu maior êxito em vendas: 144 mil exemplares diários (SETTI, 2012). Segundo Mitre, essas narrativas mais amplas e profundas

[...] são um recurso fabuloso, a ser usado sempre na dosagem certa. E continua: “Não abriria mão delas nunca, até porque um de seus objetivos é criar o hábito de leitura, levando o leitor a acompanhar o jornal por vários dias, como nas novelas em capítulos” (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 3).

E foram muitas – além das já citadas – as histórias acompanhadas diariamente pelos leitores do JT em seus anos áureos: a morte do presidente Castelo Branco, em 1967; os incêndios dos edifícios Andraus, em 1972, e Joelma, em 1974; as Copas do Mundo; as passeatas estudantis, a prisão de quase mil estudantes no congresso da UNE, em Ibiúna, em 1968; a visita do papa João Paulo II ao Brasil, em 1980.

### 1.3 A ressaca

A virada dos anos 1980 para 1990 trouxe mudanças na conjuntura política e econômica do país após o fim do chamado “milagre econômico”. Em 1982, a dívida externa brasileira era de US\$ 83,2 bilhões (NASSIF, 2014). Pressionado pelos credores externos, o governo brasileiro aplicou uma política recessiva. O então ministro do Planejamento Delfim Netto limitou a expansão da moeda, cortou investimentos de empresas estatais, as taxas de juro internos subiram e o investimento privado caiu. O Brasil teve de pedir nova ajuda ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

A recessão de 1981-1983 teve pesadas consequências. Pela primeira vez desde 1947, quando os indicadores do PIB começaram a ser estabelecidos, o resultado em 1981 foi negativo, assinalando queda de 3,1%. Nos três anos, o PIB teve declínio de 1,6%. Os setores mais atingidos foram as indústrias de bens de consumo durável e de capital, concentradas nas áreas mais urbanizadas do país, gerando desemprego. Apesar da imposição desses sacrifícios, a inflação não baixou significativamente. Tendo alcançado o índice anual de 110,2% em 1980, caiu para 95,2% em 1981 para voltar a subir em 1982 (99,7%). Desenhou-se naqueles anos um quadro de “estagflação”, combinando estagnação econômica e inflação (FAUSTO, 2012, p. 278-279).

O Grupo Estado, que editava *O Estado de S. Paulo* e o JT, encontrava-se em situação econômica delicada, pois, para montar sua nova sede, na Marginal Tietê, havia recorrido a um empréstimo em dólares, junto a um banco estrangeiro, depois de esperar por créditos da Caixa Econômica Federal que nunca saíram. Ruy Mesquita conta essa história:

Nós aguardamos aqui o sinal verde do governo e nada. Até que um dia nós dissemos para o Juca [primo de Ruy Mesquita], que era o homem que estava em cima dos projetos financeiros: “Vamos falar com o sr. Delfim Netto para saber se vai sair ou não vai sair, senão a gente vai pra outro lugar” [...] O Delfim Netto, com toda a honestidade, disse: “Olha, a ordem do governo é cozinhar em banho-maria esse negócio aí. É melhor você falar direto com o presidente da República” [João Baptista Figueiredo]. [...] Aí a outra fonte de recursos eram os bancos americanos — porque não havia banco brasileiro em condições de fazer isso, esse financiamento —, havia três ou quatro bancos americanos nos oferecendo. E nós pegamos o financiamento do banco americano. O resto é história, com toda a desvalorização cambial e

tudo e 11 anos de “vacas magras” — que agora [1986], se não voltarmos à situação que o Brasil acaba de deixar graças a Deus, estão encerrados. A previsão para a empresa é a partir de abril, uma situação de folga total para novos projetos e para fazer com que o JT volte a merecer da empresa uma atenção que ele tinha no começo (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 8).

Embora em 1985 a crise tenha se amenizado temporariamente e o Brasil voltado a crescer, os investimentos do Grupo Estado no JT não voltaram mais aos patamares das décadas de 1960 e 1970. Além disso, a partir de então, o mundo da comunicação passaria a assistir a uma série de transformações tecnológicas no ecossistema jornalístico que levou alguns pesquisadores a identificar o surgimento de uma nova era, batizada de “jornalismo pós-industrial”. A identificação dessa nova etapa histórica para a comunicação pode ser encontrada no relatório de pesquisa elaborado em 2012, nos Estados Unidos, pela Columbia University.

Em linhas gerais, o documento, elaborado por C.W. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky avalia que o estágio atual do jornalismo, compreendendo as bases técnicas, materiais e as maneiras utilizadas na apuração e divulgação das notícias pelo jornalismo impresso, sofreu mudanças profundas. Posto isso, jornalistas e empresas de comunicação terão de se adaptar às novas fronteiras da profissão para sobreviver. O novo cenário se caracteriza pelo uso intensivo de bases de dados e a interação com múltiplas fontes e com o público.

[...] As transformações em curso no ecossistema jornalístico já tiveram o efeito de derrubar a qualidade da cobertura jornalística nos Estados Unidos. Estamos convencidos de que, antes de melhorar, a situação do jornalismo em solo norte-americano irá piorar ainda mais [...] Também mostramos que novas possibilidades para o jornalismo exigem novas formas de organização. [...] Partimos de cinco grandes convicções: o jornalismo é essencial, o bom jornalismo sempre foi subsidiado, a internet acaba com o subsídio da publicidade, a reestruturação se faz, portanto, obrigatória; há muitas oportunidades de fazer um bom trabalho de novas maneiras (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p.32-33).

No Brasil, a informatização das redações, a paulatina adoção da internet como fonte de informação e produção de jornalismo on-line, a massificação e penetração da TV aberta e fechada e a conseqüente queda da verba de publicidade anunciaram o fim dos anos dourados para os jornais de papel. Numa tentativa de se adaptar ao ritmo de vida da cidade e evitar o crescimento da concorrência, em 1988 — já instalado ao lado de

*O Estado de S. Paulo* no prédio construído do Bairro do Limão –, o JT tentou se reerguer. Nesse ano o jornal, a exemplo dos concorrentes, passou a fechar suas edições no final da noite e começo da madrugada. Essa operação havia sido acelerada a partir de 1986 quando, sem perder público, começou a chegar às 7h em 67% das bancas e às 9h nas demais. “[Nos primeiros anos] o JT acabava chegando tarde demais às bancas”, afirmou Ruy Mesquita (JORNAL DA TARDE, 6/1/1986, p.6).

As primeiras mudanças mais significativas, porém sem os resultados esperados, começaram em meados dos anos 90, quando o jornal ainda tinha uma tiragem diária média próxima aos 140 mil exemplares, segundo dados fornecidos por Rabinovici (1984), de seu arquivo pessoal, a este pesquisador. Demissões, cortes orçamentários, frequentes e reformas gráficas foram mudando a cara do jornal e fazendo com que, aos poucos, muitos leitores não se reconhecessem mais no JT.

O jornal passou a buscar um novo público em potencial e muda seu logotipo. Após encomendar algumas pesquisas, a direção do JT chegou à conclusão de que a publicação deveria se transformar em jornal “popular de qualidade”. Entre o final dos anos 1990 e 2000, a tabloidização e a gratuidade crescentes dos jornais foram pauta de inúmeras reuniões das quais este pesquisador participou junto aos demais editores de texto, foto, diagramação, diretores do setor comercial e acionistas. Na época, o lançamento em São Paulo de tabloides como *Metro* e *Destak* – ambos gratuitos – fez com que a direção do JT pensasse em adotar a mesma fórmula. Uma das propostas previa que o jornal fosse impresso de segunda-feira a sábado no formato tradicional e, aos domingos, no formato tabloide. Este, além do tamanho, teria uma pauta mais leve (destaque para cultura, lazer e futebol, sem perder de vista as notícias da cidade).

Objetivamente, o JT tentava sobreviver aos desafios apontados, em 2006, por Mar de Fontcuberta e Héctor Borrat na obra *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*. Segundo os dois pesquisadores “a tendência a reduzir o tamanho dos diários é um fenômeno que não pode ser detido em todo o mundo”.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Os trechos citados nesta dissertação, referentes à obra *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*, foram traduzidos por este pesquisador.

A decisão do diário britânico *The Independent*, em 30 de setembro de 2003, de publicar sua edição em dois formatos, o tradicional e o tablóide ou compacto, provocou grandes debates sobre o impacto que poderia operar entre o público, principalmente em sua percepção sobre a credibilidade do jornal. Até agora, principalmente no mundo anglo-saxão, o tamanho de um diário estava ligado à sua imagem de qualidade. Quanto maior, mais prestígio tinha o diário. Do mesmo modo, durante muito tempo o conceito de diário tablóide se associou a conteúdos sensacionalistas. Entretanto, em outras partes, como por exemplo na Espanha, muitos diários de referência foram sempre de formato tablóide (*ABC*, *El País*, *El Mundo*, entre outros). Atualmente a “tabloidização” é um fenômeno crescente (FONTCUBERTA; BORRAT, 2006, p. 45).

Para mensurar o impacto dessas mudanças entre os leitores, várias pesquisas foram encomendadas. Em sua maioria eles opinaram que não gostariam de ver o jornal “encolher”, pois estavam acostumados ao formato tradicional e consideravam que o tabloide o transformaria em um produto de “segunda categoria”. A ideia de transformar o JT em tabloide foi abandonada. Na obra citada, Fontcuberta e Borrat fornecem outras pistas que podem ajudar jornalistas e pesquisadores a entender a decadência do JT. Alguns deles defendem que o surgimento dos blogs e dos blogueiros provocou uma mudança fundamental na relação jornais-público.

Os editores analisaram que a característica mais interessante não é que sejam considerados uma nova fonte de informação, mas que têm o potencial para mudar todo o processo informativo. Muitos veem a blogosfera mais democrática que o jornalismo tradicional (FONTCUBERTA; BORRAT, 2006, p 45).

No que tange ao chamado “desafio do cão de guarda”, os autores identificam que a presença de cidadãos blogueiros, “capazes de se constituir em informantes alternativos frente aos meios tradicionais, supõe um controle sobre a informação que se soma à exercida pelos que velam (ou deveriam fazê-lo) pelo rigor dos conteúdos nos diários” (FONTCUBERTA; BORRAT, 2006, p. 46).

Em meados dos anos 2000, na redação do JT vários jornalistas, entre os quais este pesquisador, expressavam informalmente a opinião de que o jornal deveria ter se antecipado à concorrência, tanto investindo na plataforma tradicional quanto na digital. Em 2004 o JT possuía uma tiragem de 61 mil exemplares/dia, que foi caindo sucessivamente para 58 mil (2005), 55 mil (2006) e 53 mil (2007). Em 2008 houve



pequeno aumento do número de exemplares impressos (56 mil), que cairia novamente para 46 mil em 2009, 41 mil em 2010 e 38 mil em 2011 (SETTI, 2012). No mesmo período o jornal lançou um site de notícias. O conteúdo, porém, era insuficiente para fazer frente às necessidades de um público à procura de informações em tempo real. Uma reduzida equipe de editores, redatores e repórteres dividia a responsabilidade pela execução do site com o fechamento diário da publicação impressa.

A edição de textos para a plataforma digital também era problemática. Não bastava transplantar para as telas, sem uma edição voltada ao público da internet, o mesmo conteúdo do jornal impresso. Para tanto seria necessário investir em pessoal, pesquisa e tecnologia, já que o site do JT era tecnicamente deficiente, de acesso intermitente ao leitor. Não raramente, o noticiário on-line de editorias como Cidades, Divirta-se e Esportes – estratégicas para o jornal em sua nova meta de se consolidar como “popular de qualidade” – passava horas sem ter suas notícias atualizadas.

Ao periódico, que em sua época áurea reservava horas e criatividade ilimitada para burilar textos e imagens, faltava tempo para a apuração a fundo da notícia. Muitos jornalistas do JT passaram a publicar blogs. E muitos deles escreviam o que lhes era possível apurar por telefone. Outros não tinham tempo de discutir qual era o tema mais candente para a cidade. A quantidade de informação publicada era privilegiada em detrimento da qualidade.

Atrás das câmeras, repórteres fotográficos viram suas posições ameaçadas pela presença do fotógrafo amador, que segundo Mar de Fontcuberta e Héctor Borrat, “transforma o fotojornalismo”.

[São] pessoas capazes de fotografar ou filmar acontecimentos importantes que posteriormente são publicados pelos meios que supõem um desafio para os fotógrafos profissionais e para a organização da mídia. Os editores afirmaram que este fenômeno, que cresce, implica que os diários devem destinar uma parte de seu pessoal para checar a veracidade das imagens, uma tarefa contraditória à tendência de redução no tamanho das redações (FONTCUBERTA; BORRAT, 2006, p. 46).

Entre os jornalistas que trabalharam no jornal, as explicações para a decadência e o fim do JT são variadas. O editor de mídia Rodrigo Manzano acredita que, embora continuasse produzindo boas capas, “o JT ficou mais parecido com os outros” (SETTI, 2012). Sandro Vaia afirma que os jornais impressos tomaram um caminho sem volta:

Por razões empresariais, industriais, estratégicas, econômicas e o que mais se queira usar como justificativa, os jornais impressos estarão em marcha acelerada rumo à irrelevância e à obsolescência que os levará à morte na medida em que insistirem em se tornar registros formais e sem vida das notícias de ontem. [...] O dia em que se contar a história do Jornal da Tarde será possível verificar que sua revolucionária trajetória editorial nunca conseguiu ser acompanhada por um equivalente êxito empresarial por razões que escapam totalmente do controle dos profissionais que puseram em andamento aquele projeto notável (VAIA, 2013, p. 10).

Miguel Jorge, repórter especial e editor do JT entre 1966 e 1977, entende que o jornal tenha “morrido” muito antes de 2012:

A época do JT era aquela da revolução sexual, de costume, do movimento hippie. Todos os setores da sociedade mudaram e o JT refletia muito isso, porque era lido por jovens e foi capaz de acompanhar todo os movimentos. A partir do momento em que começou a ser um jornal mais comum, passou a perder leitores, isso a partir dos anos 80. Nós temos uma frase no jornalismo que é interessante: o jornal começa a morrer 10 anos antes, não morre de repente (JORGE, 2014).

Carta, o jornalista que fez o JT virar realidade, avalia o fim do jornal:

A morte de um jornal sempre me entristece, mas, neste caso específico, eu devo dizer que me entristece em dobro, talvez ao cubo, pois foi um jornal que nasceu por obra de uma equipe que eu comandi [...] Acreditávamos que o jornalismo era uma forma de literatura, coisa que se perdeu no jornalismo brasileiro. Achávamos que a investigação era fundamental, que reportagens bem trabalhadas e profundas eram fundamentais para o êxito do jornal. [...] É uma perda, sem dúvida, para o meu coração e para a minha alma (UOL NOTÍCIAS, 2012).

Em entrevista concedida a este pesquisador, Carta acredita que uma mudança de rumo mercadológico poderia ter dado mais fôlego ao jornal: “Se o JT se tornasse um jornal de São Paulo, do ponto de vista de São Paulo, contando bem [as notícias] do Estado e seus eventos, sua política, sua economia, o social... mas olhando também para o Brasil, seria um jornal poderoso”.<sup>9</sup>

Sejam quais forem os motivos, em seus últimos anos de vida faltaram ao JT

---

<sup>9</sup> Entrevista completa em Anexos.

justamente os ingredientes primordiais que o fizeram nascer e prosperar: investimentos e criatividade. Em 29 de outubro de 2012, dois dias antes do fim do JT – então com uma melancólica tiragem de 35 mil exemplares diários<sup>10</sup> –, o Grupo Estado noticiou o fechamento do jornal em um comunicado publicado em seu site:

O Jornal da Tarde deixará de circular por uma decisão empresarial, tomada para o aprimoramento do foco estratégico do Grupo Estado. A última edição sairá no dia 31 de outubro. A determinação leva em conta o objetivo de investir na marca Estadão com uma estratégia multiplataforma integrada (papel, digital, áudio e vídeo e móvel) para levar maior volume de conteúdo a mais leitores, sem barreira de distância e custos de distribuição. “Hoje, o meio jornal é a segunda mídia mais importante para a publicidade, com o dobro de participação do terceiro colocado. Daí a estratégia de focar no Estadão, principal marca do Grupo, e de investir em uma plataforma digital mais robusta e avançada”, declara Francisco Mesquita Neto, diretor presidente do Grupo Estado. [...] Ao longo de seus 46 anos de circulação, o JT foi polo de inovação e criatividade e, com seus premiados jornalismo e design gráfico e sua prestação de serviço, influenciou gerações de leitores e de profissionais da comunicação. “O Grupo Estado agradece aos leitores do Jornal da Tarde por todos os anos de convivência, aos anunciantes, pelo apoio com que sempre nos prestigiaram, e a todos os profissionais que participaram dessa história: jornalistas, colunistas, equipe de arte, integrantes das áreas comercial e administrativa, e das áreas de produção e distribuição”, finaliza Mesquita Neto (O ESTADO DE S. PAULO, 2012).

Em 31 de outubro de 2012, às 23h15, os 52 funcionários restantes do JT realizaram seu último fechamento. Manchete: “Obrigado, São Paulo”. Linha fina: “Termina hoje a história de 46 anos do JT, um jornal que nasceu para ser diferente e fez da cidade sua inspiração e do paulistano, seu parceiro”. Naquele dia, muitos paulistanos sequer devem ter notado o fim do jornal que um dia fora “mais surpreendente do que a notícia.”

---

<sup>10</sup> Dado do Instituto Verificador de Circulação (IVC) - circulação média diária no período de janeiro a dezembro de cada ano correspondente. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 30.set.2015.

Figura 6: Capa de 31 de outubro de 2012  
Fonte: Arquivo de O Estado de S. Paulo



Última edição do JT homenageia a cidade que lhe serviu de inspiração.

## CAPÍTULO 2

### UM JEITO DIFERENTE DE NARRAR

#### 2.1 As origens

A narrativa é até hoje uma fórmula universal por meio da qual o ser humano se comunica, se relaciona com o meio que o cerca e influi sobre ele. Palavras, cores, traços estampados em uma tela ou nas paredes de uma caverna. Símbolos, gestos e sons relatam o cotidiano da vida, os sentimentos de amor e ódio. Narrando, a humanidade expressa o medo e a atração frente ao conhecido, ao desconhecido, às descobertas. Fala sobre as alegrias e tristezas do cotidiano, o pavor ou a esperança de um mundo melhor. Passados milênios, o homem ainda relata a busca por sua origem e destino; compartilha no papel, nos livros, nas múltiplas telas o encontro com seus deuses ou demônios. O semiólogo francês Roland Barthes diz serem “inumeráveis as narrativas do mundo” e as vê em inúmeras manifestações humanas:

[...] Há em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas as substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (recorde-se a Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral!, no cinema, nas histórias em quadrinho, no *fait divers*, na conversação [...] (BARTHES, 1971, p. 18-19).

Narrar, contar um caso à beira de uma lareira numa perdida cidade do sertão; relatar uma viagem a terras desconhecidas em um pergaminho, dar notícias em uma carta a parentes distantes ou por e-mail ao colega da escola. Um bilhete ao futuro em uma cápsula do tempo. Hoje, no passado imemoriável ou em um recado para o desconhecido amanhã. Em todos os tempos imagináveis, a narrativa lá estará.

Uma rápida panorâmica pelas formas de narrativa utilizadas na história do jornalismo brasileiro descritas por Medina (1978) mostra sua relação direta com as mudanças inerentes à conjuntura política, econômica, cultural e à própria maneira de fazer jornalismo. A exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, a imprensa brasileira do século XIX está diretamente ligada aos fatos relacionados ao poder estabelecido, ocorrências relatadas em cartas e crônicas. Em geral, comunicar as opiniões das elites em artigos de fundo e formar opiniões tinha mais importância do que noticiar fatos. Praticamente artesanais em termos de técnica, em suas folhas esses assuntos dividiam espaço com histórias de folhetim, pequenos relatos de viagem, capítulos de clássicos da literatura.

A virada do século XIX para o século XX inaugurou uma multiplicação das atividades empresariais e sua modernização tecnológica. Cresceu o número de leitores e anunciantes. Embora tenha modernizado sua infraestrutura, o que poderia se chamar de linha editorial ainda mantinha traços do passado. A imprensa não ultrapassava as fronteiras regionais e os jornais circulavam apenas entre a minoria alfabetizada. “O repórter estava por surgir. Era preciso que, antes dele, surgisse a notícia” (MEDINA, 1978, p. 61).

Repórter e leitor vão ganhar relevância com o advento da I Guerra Mundial (1914-1918) e a invenção do rádio. A atualidade e a universalidade da notícia adquirem nesse período novas qualidades que um público até então inexistente começa a valorizar:

A notícia empurra a opinião de grande parte das páginas de jornal; a necessidade de a cada dia conseguir levantar um novo mar de novidades, via telegrama, vai montar a manifestação-núcleo do jornal-notícia. Internacionalmente formam-se as agências de notícias, o telégrafo encurta distâncias, o rádio dá informações “em cima da hora”; nas salas de redação, uma modificação fundamental: do escritor, figura principal de produção individualizada, chega-se à criação anônima pelo corpo de repórteres (MEDINA, 1978, p. 62).

Nos primeiros anos do século XX o Rio de Janeiro – capital federal, cidade cuja elite se quer bem informada e culta – respira modernidade através de suas artérias-avenidas, automóveis e cinemas. Uma das marcas dessa época, também para o jornalismo, pode ser encontrada na figura de João do Rio, pseudônimo literário de Paulo Barreto. Colaborador de jornais como *O Paiz*, *O Dia* e *Correio Mercantil*, entre outros,

ele já demonstra uma característica que iria marcar o repórter do futuro, aquele que sai à cata de informações nas ruas, onde a vida acontece de maneira múltipla e vibrante.

Em seu texto, João do Rio capta a alma da cidade e dos cariocas. Podemos reconhecer em sua narrativa muito do que iria ser encontrado, meio século depois, nas melhores reportagens do JT, onde a humanização dos personagens e a descrição de costumes, tipos e situações sociais também eram parte fundamental da informação.

Avesso à linguagem empolada e afetada dos cronistas, advogados e literatos da época, sua narrativa era composta, sobretudo, de vida, movimento, transformações de uma cidade habitada por homens de carne, osso e nervos:

[...] A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres [...] A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. A rua criou todas as blagues e todos os lugares-comuns (RIO, 2008, p. 30).

O que João do Rio realmente representa na evolução da imprensa brasileira, além de reconhecido por vários autores, se identifica em suas palavras:

O literato do futuro é o homem que vê, que sente, que sabe porque aprendeu a saber, cuja fantasia é um desdobramento moral da verdade, misto de impossibilidade e sensibilidade, eco de alegria, de ironia, de curiosidade, da dor do público - o repórter (MEDINA, 1878, p. 63).

Medina (1978) afirma que a modernização técnica e a estruturação da empresa jornalística em moldes comerciais lucrativos, com faturamento prioritário por meio da venda de espaço à publicidade, vai levar a uma ruptura com os padrões editoriais predominantes no século XIX. “[...] o jornal empresa passa a considerar preferencialmente o gosto do leitor. A ênfase recai sobre o que o público quer e não sobre a opinião do grupo que manipula o jornal” (MEDINA, 1978, p. 55).

Em consonância com o processo de industrialização e urbanização do Brasil, cresce paulatinamente o jornal noticioso. Suas páginas passam a refletir um país mais complexo, com uma população que em grande parte se urbaniza. O advento do rádio, no final da década de 1920, e da televisão, na década de 1950, “contribuiu para avançar mais um passo no sentido da concentração, seja do ponto de vista administrativo, seja quanto à produção de mensagens” (MEDINA, 1978, p. 56-57).

Caberá ao Rio de Janeiro ser, junto com São Paulo, nas décadas seguintes, o eixo

da nascente indústria cultural do Brasil. Não por acaso, as duas cidades são berço de empresas jornalísticas de alcance nacional. Nelas são lançadas revistas como *Cruzeiro*, *Manchete* e *Realidade* além de jornais como *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal da Tarde* – apenas para citar alguns.

E nessa fermentação, a mensagem jornalística se multiplica em formas ou manifestações. O relato noticioso, a reportagem, a entrevista, o editorial e outros comentários opinativos, a pesquisa de reconstituição histórica (biográfica) dos fatos do dia, a crônica, a crítica de espetáculos e arte. A mistura de tudo isso é um resultado colorido – não mais páginas uniformemente compostas, mas um festival de títulos, seções, editoriais, recursos gráficos. Informação/distração/opinião se inter-relacionam de forma tal que montar um esquema de classificação não é fácil (MEDINA, 1978, p. 77).

O fato jornalístico ganha tratamento no tempo em que se desenvolve a ação e no processo narrativo como pontos diferenciais entre notícia e grande-reportagem. “A reportagem seria 'uma grande narração noticiosa'”, escreve Medina. Para a autora, a emoção do narrado pode substituir os conceitos frios da objetividade, do tempo cronológico. “A linha da humanização se define em fazer viver para fazer compreender e tratar de, acima de tudo, emocionar” (MEDINA, 1978, p. 134-135).

Ao estudar alguns jornais que já na década de 1970 se preocupam com as questões formais relativas à estética da página e ao acabamento do texto encontrado nas grandes-reportagens, carregadas de conteúdos da cultura de massa e sua narrativa característica, Medina toma o JT como exemplo. A base da análise são 13 reportagens produzidas pelo jornal em 1972, quando a publicação completou seis anos, em um suplemento especial.

O traço predominante nas matérias publicadas no suplemento do JT [...] é exatamente o processo narrativo dos fatos jornalísticos. Nas treze matérias há muito mais preocupação de narrar do que relatar fatos ou tipos. O narrador, umas vezes completamente diluído na ação (como autor contemporâneo), outras vezes explicativo (jornalista falando para seu leitor) [...] coloca os fatos numa perspectiva interpretativa, porque seleciona, conjuga, integra situações de um quadro maior do que o 'aconteceu isso e aquilo em lugar tal em tal tempo' da notícia. [...] Relacionada com estas características de tempo está a angulação predominante. A tentativa de encontrar o permanente ou fixar um tempo mais rico que o momentâneo leva quase sempre à humanização do fato jornalístico (MEDINA, 1978, p. 134-135).



## 2.2 Marcas de um jornalismo de qualidade

Por “jornalismo de qualidade” entendo não outra forma de jornalismo, mas o velho e bom jornalismo de sempre, praticado com dedicação, esforço, apuração rigorosa, criatividade. Não cabem, pois, neste trabalho, chavões saudosistas do tipo: “Não se faz mais jornalismo como no nosso tempo”. O bom jornalismo transcende épocas, fronteiras e modismos. Está em todos os lugares onde uma boa história espera por um repórter criativo para narrá-la.

A transição de um jornalismo apenas informativo para um jornalismo interpretativo, presente na grande-reportagem, enriquece as linhas de tempo e espaço. “Enquanto a notícia registra o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente”, afirmam Medina e Leandro, em *A arte de tecer o presente: jornalismo interpretativo*. (MEDINA; LEANDRO, 1973, p. 25)

Cabe então ao jornalismo interpretativo dar ordem, sentido, à avalanche de notícias publicadas todos os dias. “A ideia de que as histórias que contamos, de todos os tipos, representam uma tentativa de ordenar o caos de sentidos é recorrente nos estudos da narrativa em geral e do jornalismo em particular”, afirma Künsch (2015, p.18).

Chegara a hora de ultrapassar a camisa de força da pirâmide invertida, da fórmula engessada do quem, o que, quando, como, onde e por quê. O jornalismo interpretativo inaugura uma forma mais abrangente e exigente, pede outro olhar sobre a vida e os acontecimentos que esta coloca em nosso caminho. A grande-reportagem – classificada pelos autores como “laboratório de formas estilísticas” (MEDINA; LEANDRO, 1973, p. 52) – ocupa-se com o contexto e o envolvimento do ser humano.

Como forma de analisar a reportagem interpretativa, em sua obra, Medina e Leandro produzem um estudo em profundidade de matérias dos principais jornais brasileiros da época (década de 1970), como *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal da Tarde*. Para tanto, dividem de forma esquemática o conteúdo interpretativo em quatro tipos de reportagem.

São eles: 1) a *reportagem de contexto*, que possui conteúdo informativo, se detém no presente, mas na qual o repórter complementa a matéria com outros fatos correlacionados; 2) a *reportagem de reconstituição histórica*, cujo conteúdo informativo reconstrói o passado do fato que dá origem à notícia sem deixar de interpretá-lo numa

perspectiva de tempo mais ampla; 3) a *reportagem individualizada*, que particulariza o fato por meio da humanização e interpreta uma situação objetiva na vivência de um personagem, e 4) a *entrevista*, que aprofunda a reportagem por meio de opiniões especializadas (MEDINA, LEANDRO, 1973, p. 45-47).

Como ocorre em qualquer esquema, cada item de análise da reportagem interpretativa não pode ser encontrado em estado puro. Uma grande cobertura, como alertam os autores, combina duas ou mais tipos de tendência.

Aprofundando ainda mais a análise estrutural das grandes-reportagens, os autores apontam dois ângulos de visão sobre a formulação estilística encontrada nelas: 1) o fluxo das unidades informativas na estrutura da matéria e 2) o processo narrativo da reportagem. Este último pode ser linear ou não linear. A linearidade apresenta-se em quatro formas: 1) estruturação cronológica dos fatos, também é caracterizada por Medina (1978), em sua análise sobre sequência informativa e ritmo narrativo no jornalismo, como “ilusão cronológica” ou tentativa de recomposição do real referendado; 2) informações que vão se complementando na medida em que os fatos são narrados; 3) No caso da entrevista especializada que interpreta a notícia, a linha de argumentação pode ser aprofundada gradativamente. No tocante à sua estrutura, segundo os autores, pode haver o encadeamento por meio de formas diretas (pergunta/resposta) e/ou indiretas (presença do narrador para situar as declarações); finalmente, 4) a hierarquização das unidades informativas dentro da estrutura da notícia.

A narrativa não linear – muitas vezes fruto de falta de articulação –, se utilizada pelo repórter com habilidade, na busca por efeitos de estilo especiais, como se escrevesse um roteiro de cinema ou romance, pode ser encontrada em quatro formatos: 1) reconstituição de tempos diferentes, trabalhando com passado, presente e futuro em planos justapostos; 2) por meio da fusão de espaços distintos, onde as cenas que compõem a notícia se mesclam de forma não sequencial; 3) nas reportagens de humanização, por meio da reconstituição psicológica, onde o mundo interior do personagem noticioso se liga aos fatos objetivos, fundindo tempos biográficos e articulando fonte e narrador e 4) a desarticulação das unidades informativas, uso de redundâncias ou mesmo contradições internas numa narrativa não linear.

Feita aqui a síntese dos principais pontos de coincidência entre o livro de 1973, de Medina e Leandro, e os objetos desta dissertação, vale esclarecer que, anos depois, na obra *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano* (2003), Medina faz uma autocrítica em relação àquela obra, afirmando que, na época (início dos anos 1970), “a

bússola que nos guiava era a racionalidade decifradora” (2003, p.125).

Künsch, em seu livro *Maus Pensamento: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística* (2000, p.114), referindo-se à obra de Medina, sugere uma guinada da autora rumo a uma visão mais ampla sobre as narrativas:

A ideia de que o real se apresenta “cifrado” – ligado à noção freudiana de decifração dos sonhos –, e não objetivamente dado ou terreno objetivo e coleta de informações, bem como o acento semiológico, de produção simbólica, representam para a autora, já naquela época, um “namoro com a complexidade”, namoro esse que foi se consolidando com o tempo, como resultado de novas pesquisas e práticas acadêmicas (KÜNSCH, 2000, p.114).

Na busca por classificar as narrativas jornalísticas – e dentro delas as grandes-reportagens – a partir do “extraordinário progresso experimentado pelas técnicas de comunicação de 1970 para cá”, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari buscaram estudar, em *Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*, cada uma das formas de reportagem. Sodré e Ferrari a classificam como “gênero jornalístico privilegiado”, “lugar por excelência da narração jornalística”.

E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada, entretanto, da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. Esse laço obrigatório com a informação objetiva vem dizer que, qualquer que seja o tipo de reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o 'estilo direto puro', isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 9).

Como forma de “desconstruir” a produção jornalística, de identificar cada tipo de reportagem, os autores veem nas transformações do período compreendido entre as duas guerras mundiais (1918 e 1939) a abertura de espaço para as “mitologias heroicas”. Nelas, a figura central é a do indivíduo jogado frente a um mundo hostil, como “personagem solicitado pela imprensa, pela literatura e pelo cinema”. Para Sodré e Ferrari, sem um “quem” e um “o quê”, não se pode narrar.

Posto isso, os autores dividem a reportagem em três características básicas, chamando a atenção para o fato de que “será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente nela. Ou não será reportagem”, e, também a humanização do relato e um texto de natureza impressionista, já que a primeira condição “é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador”.

Finalmente, a objetividade dos fatos narrados, pois eles – e as referências a que estão ligados – serão relatados com precisão, garantindo, mais ainda, a verossimilhança, a coerência entre os fatos narrados.

Sodré e Ferrari (1986, p. 45-64) admitem haver hoje um universo de maneiras de burilar uma narrativa e identificam pelo menos três modelos de reportagem encontrados na “prática contemporânea do jornalismo”:

1) A reportagem de fatos (*Fact-story*) realiza o “relato objetivo de acontecimentos, que obedece na redação à forma da pirâmide invertida [...], mas que pode fazer de cada flash uma pequena notícia independente”. Como forma de fazer com que o leitor possa se informar rápida e objetivamente do que trata a notícia, o repórter constrói um lide tradicional. Isso, não necessariamente, o impede de, no decorrer do relato, jogar luz sobre um fato paralelo à notícia em si mas que ajuda a contextualizá-la.

2) A reportagem de ação (*Action-story*) faz um “relato mais ou menos movimentado, que começa pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes”. O primordial nesse modelo é o “desenrolar dos acontecimentos de maneira enunciante”, que leva o leitor à “visualização das cenas, como um filme”. Aqui, o repórter foge ao lide tradicional. Mantém o leitor preso à notícia a partir das primeiras linhas, detalhando cenas, personagens ou situações inusitadas, fazendo com que ele se interesse pela narrativa como alguém que passa a ler um conto ou romance.

3) A reportagem documental (*Quote-story*), “apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado”. Trata-se de um modelo “mais habitual nos documentários da televisão ou do cinema”. Essa característica da reportagem documental não significa que o texto não possa adquirir uma dinâmica parecida ao do cinema ou da televisão. Nesse caso, caberá ao repórter construir uma narrativa imagética, que faça o leitor “ver” a cena.

Os modelos não são rígidos: é possível haver combinações. Para quebrar a frieza de uma reportagem documental e captar o interesse do leitor para o assunto, muitas vezes usam-se recursos da “action-story” ou da “fact-story” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 57).

Um dos grandes desafios do repórter é prender a atenção do leitor logo no início. As aberturas das matérias também são objeto de análise dos autores de *Técnicas de*

*reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.* Sodré e Ferrari destacam pelo menos cinco modelos de aberturas: 1) as que realçam a visão do leitor, promovendo a descrição do ambiente (hora, condição climática, localização geográfica do lugar onde se passa a reportagem; 2) as aberturas que realçam a audição, com o uso de citações ou declarações reais ou imaginárias de um personagem da notícia; 3) as que estimulam a imaginação do leitor, comparando fatos objetivos da notícia com outros, hipotéticos; 4) as aberturas que realçam a pessoa, fazendo com que o leitor seja colocado na cena da notícia; joga com fórmulas (frases feitas ou “clichês”); 5) as aberturas que jogam com as palavras (trocadilhos, paradoxos, anedotas etc.).

A relação do texto jornalístico com a literatura, a tênue fronteira que divide os dois gêneros, talvez seja um dos pontos mais delicados para quem pesquisa as narrativas que animam as grandes-reportagens. Até que ponto a realidade e a fantasia podem se entrelaçar durante a narração de um fato? Até que ponto essa mistura pode ser distinguível Sodré e Ferrari advertem ser "preciso não perder de vista a diferença de projeto entre literatura e jornalismo: na primeira predomina o imaginário; no segundo, deve-se impor a realidade histórica, atual dos fatos narrados" (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 123).

No capítulo intitulado “Namoros com a literatura”, os autores traçam paralelos entre o conto e a reportagem:

Na narrativa literária, o conto costuma ser a forma mais curta; em jornalismo, a reportagem é a mais longa. Mas as duas formas muito se assemelham: pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personificação da informação ou aquilo que também se indica como “interesse humano”. Na literatura, o conto apresenta uma centelha, um momento, uma fatia temporal da existência de um personagem. No jornalismo – tanto no chamado livro-reportagem, quando no jornal diário – a reportagem amplia a cobertura de um fato, de assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 75).

Tais fatores são apontados (1986, p. 76-77) como primordiais para esse tipo de narrativa, pois ela contempla em seu interior características como “força” para atrair o leitor e levá-lo a ler a reportagem até seu final através da “emoção ou da razão”; “clareza”, uma peculiaridade sem a qual o jornalismo perde sua objetividade; “condensação” ou “compactação dos elementos”, com a qual o repórter elimina

“aspectos intermediários e supérfluos” da narrativa; “tensão” aplicada durante a narrativa dos fatos por meio da qual, propositalmente, o repórter leva o leitor a um “clímax”, e à “novidade”, que pode estar ligada a um “acontecimento inédito” determinado às vezes por uma “abordagem original”.

*Tensão, condensação e novidade* – elementos que fundamentam a força – são essenciais para a efetivação do “namoro” entre jornalismo e literatura e na construção da “reportagem-conto” e da “reportagem-crônica”. Observe-se, por exemplo, na edição número 1 do JT, a abertura de uma matéria sobre as condições de vida em São Paulo. Nela, o repórter mostrava em seu estilo alcançar a busca pelo equilíbrio entre criatividade, informação e tensão. O título da reportagem: “Sirva-se, a morte está na mesa”. Na introdução: “A cidade não tem e jamais teve plano geral de saúde pública”. Vejamos a abertura:

Você já pensou em beber um cálice de água da sarjeta? Não? Pois é o que milhões de paulistanos fazem diariamente, almoçando e jantando na cidade. Num copo ou num garfo, em restaurantes de São Paulo, pode-se encontrar até cinco milhões de bactérias: isso é o que existe em um milímetro de esgoto bem sujo, 50 mil vezes mais sujo que o limite tolerável para um utensílio de bar (JORNAL DA TARDE, 1986, p. 2).

O JT teve, entre seus méritos, o de conseguir em muitas de suas reportagens combinar características do jornalismo e da literatura para informar o leitor. Foram inúmeras as grandes-reportagens publicadas em série e que por dias seguidos prenderam a atenção do público. Para Sodré e Ferrari, “reproduz-se, então, a mesma fórmula do folhetim, que veio a dar no romance – e surge o livro-reportagem” (1986, p. 94).

Como já apontado, o JT foi fruto de uma conjuntura marcada pelas várias transformações nos campos da política, das artes, da cultura, da comunicação e do comportamento. A influência do chamado *New Journalism* também chegou à redação do jornal. Ainda que muitas vezes de forma empírica, vários repórteres que nele escreveram produziam textos cuja narrativa lembrava a do novo jornalismo. Rabinovici afirma, em entrevista a mim concedida, as influências do contexto vivido nos anos 1960:

Nós nascemos numa época em que o mundo renascia, com muitas novidades. Vimos-nos dentro de um contexto que poderia incluir o *New Journalism*. Vivíamos uma época de fartura criativa. Nós tivemos Beatles, o Nouveau Cinéma. Em todas as áreas houve um

florescer. No JT brotou o que aconteceu no mundo, os cabeludos, a minissaia. O JT falava a língua desse mundo novo, e que os leitores aprendiam (RABINOVICI, 2014).<sup>11</sup>

O estilo de narrativa que se convencionou chamar de *New Journalism* desenvolveu-se com força nos Estados Unidos, na década de 1960. Até então, os jornais davam pouca liberdade ao autor em relação à maneira utilizada para construir o texto e confeccionar a notícia. “Trata-se de um modo de captação, apuração e expressão da realidade regido por princípios muito bem demarcados, que deixam pouca margem de autonomia aos repórteres” (LIMA, 2003, p. 9).

Assim, o texto tradicional mantinha-se enquadrado ao lide tradicional, da já citada pirâmide invertida, na elaboração de uma reportagem. Nesta, não caberia ao repórter se envolver com os personagens da matéria, com os cenários que a ambientam ou investir em um estilo criativo, para oferecer ao leitor uma imagem viva da história narrada.

A principal característica do *New Journalism*, de acordo com o autor, está na produção de reportagens de apuração aprofundada, nas quais o repórter mergulha na realidade. Esta característica tornou-se a principal marca de autores como Gay Talese, Tom Wolfe, Truman Capote, Norman Mailer, George Sacks e Joan Didion, entre outros.

Segundo Lima (2003, p. 10), se o *New Journalism* foi responsável pela criação de novos modelos de narrar um acontecimento, também sofreu influências de uma tradição anterior, vinda do jornalismo literário, já presente antes mesmo de Capote escrever *A sangue frio*, em 1966, livro-reportagem que o tornou famoso internacionalmente.

Caracterizado pela utilização de recursos e técnicas de redação vindas da literatura, o jornalismo literário também pode ser compreendido como uma escola que prima pela valorização do repórter enquanto autor do texto. É aquele com uma narrativa cativante, que deixa sua marca pessoal, que propicia ao leitor vivenciar as histórias contadas e se tornar íntimo de seus personagens, feitos de carne, osso e sentimentos.

Mino Carta, em entrevista concedida a mim, nega que tenha havido influência direta do chamado *New Journalism* no estilo de narrativas do JT:

Não creio que houvesse influência direta do *New Journalism* sobre nossos textos. O jornalismo inglês, o jornalismo italiano e mesmo o francês – inferior, a meu ver – faziam isso [*New Journalism*] desde o começo. O Luigi Barzini partiu para a Transiberiana e escreveu, no fim dos anos 1800, com verve de jornalista; John dos Passos escreveu a morte de Rodolfo Valentino [em 1926]. Na verdade, é escrever em

---

<sup>11</sup> Entrevista completa em Anexos.

forma literária. O jornalismo é uma forma de literatura. Isso vem bem antes de se falar em *New Journalism*.<sup>12</sup>

O diálogo entre jornalismo e literatura, expresso no livro-reportagem, pode ser encontrado no Brasil muito antes do chamado *New Journalism*, dos já citados João do Rio (1881-1921) e Euclides da Cunha (1866-1909). No panorama internacional ele aparece de forma clara e magistral, nas narrativas do jornalista americano John Reed (1887-1920) em *México rebelde*, de 1914, sobre a Revolução Mexicana de 1910, ou em *Os dez dias que abalaram o mundo*, lançado em 1919, sobre a Revolução Russa de 1917.

Podemos recuar ainda mais, para encontrar o “namoro” (SODRÉ E FERRARI) entre literatura e jornalismo em romances clássicos do século XIX, como os criados pelo inglês Charles Dickens (1812-1870) ou pelo francês Honoré de Balzac (1799-1850). Coube a eles inspirar jornalistas a utilizar em seus textos técnicas narrativas da obra de ficção. Sob pena de reduzir o *New Journalism* a uma “versão própria e renovadora do jornalismo literário”, a um fenômeno apenas norte-americano, note-se que ele também pode ser encontrado entre as obras de romancistas de outros países, como frisa o próprio Lima:

Os escritores do realismo social – movimento que teria repercussão na América do Norte e no Brasil do século XX, através de nomes como John dos Passos, William Faulkner, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos –, haviam aberto o precedente do desenvolvimento de recursos eficazes como a técnica de símbolos do *status* de vida. Pesquisavam minuciosamente uma situação real – o modo de falar das classes marginais de Londres, os hábitos da classe burguesa decadente de Paris – para posicionar, naquele contexto, sua narrativa de ficção (LIMA, 2003, p. 11).

Entre outros jornalistas latino-americanos também podemos destacar, pela utilização do jornalismo literário, o mexicano Manuel Gutierrez Najera, o cubano José Martí, o colombiano Gabriel García Márquez e o nicaraguense Rubén Dario. Caberia então aos jornalistas utilizar técnicas comuns às usadas pelos romancistas citados, porém com o objetivo de transmitir com fidelidade e sensibilidade, ao leitor de jornal, o tema abordado sobre o mundo real. Foi o que fizeram, por exemplo, A.J. Liebling, Joseph Mitchell, Lillian Ross e Ernest Hemingway.

---

<sup>12</sup> Entrevista completa em Anexos.



Dos anos de 1960 aos de 1970, outros autores aperfeiçoaram tais práticas e introduziram novas maneiras de narrativa. Foi o caso de Tom Wolfe, que inovou com sua técnica do fluxo de consciência – já utilizada na literatura por James Joyce em *Ulisses*. Coube a Norman Mailer criar o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa.

Em *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, sempre utilizando exemplos de matérias clássicas de autores como Gay Talese Susan Olean, John McPhee, Paul Theroux, Zuenir Ventura, George Orwell, Eliane Brum, Norman Mailer e Jorge Caldeira, Lima aborda as premissas que regem o que ele denomina jornalismo literário. Vamos olhar mais de perto cada uma dessas premissas:

1) *Exatidão e precisão*: tem a ver com um cuidado especial que o repórter precisa cultivar na apuração e edição da notícia que o jornalista utilizará para transmitir a notícia. Ao mesmo tempo em que se preocupa com a criatividade e o tratamento literário que dará ao texto, ele, repórter, tem de se ater ao fato de que a quantidade de informações e a precisão de dados formam o alicerce para qualquer boa reportagem. Isso permitirá ao leitor não apenas visualizar e tornar real a cena narrada, mas avaliar a importância dos fatos observados pelo repórter. Por sua importância documental, é comum que dados retirados de reportagens jornalísticas alimentem estudos, pesquisas e até inquéritos policiais. “O modo como essas informações são apresentadas, porém, nada tem a ver com textos burocráticos e entediantes que muitas vezes encontramos em relatos jornalísticos recheados de números” (2009, p. 357).

2) *Contar uma história*: O homem conta histórias desde que a humanidade organizou-se. “Artificialmente, o jornalismo convencional esqueceu-se disso, buscando estruturar seu discurso de modo considerado por muito tempo lógico, racional e objetivo. Pelo exagero, o que se gerou foi um modo de comunicação social muitas vezes asséptico, que o leitor logo esquece” (2009 p. 358).

3) *Humanização*: é um dos pontos-chave dos quais se valeu o *New Journalism* para “descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real” (2009, p. 359). Seja no palco de um teatro, nas páginas de um jornal, livro ou revista, nas ondas de uma novela de rádio ou narração de uma partida de futebol, na tela do cinema, da TV, do computador ou do celular, a abordagem profunda e criativa

do ser humano fará com que o jornalista literário, ou o jornalismo, consiga transmitir, com maior vigor, sua mensagem ao público.

O jornalista e cientista político Gianni Carta afirma que a humanização dos personagens, a criatividade e até o humor são fatores importantes para o jornalismo literário não apenas nos Estados Unidos, mas também na Europa:

Eles (jornais europeus) recheiam páginas com imagens, impressões, análises. Todos nós queremos, afinal, saber como o enviado especial enxerga quadros que, para nós, de fora, parecem bastante abstratos. Gostaríamos, por exemplo de entender como vive uma família nos subúrbios de Moscou pós União Soviética. Nesses dias de globalização, em que a CNN, assim como o diário USA Today, contam tudo em três minutos ou linhas, a grande-reportagem europeia é um enorme alívio (CARTA, 2003, p.40).

Mas o autor menos capacitado pode se defrontar com uma armadilha: em vez de humanizar, acaba por estereotipar o personagem. Temos aqui um “pecado original” de muitas narrativas encontradas em revistas e programas de TV sensacionalistas. Nestes casos, as singularidades e complexidades do ser humano são deformadas, o transformam em personagem inverossímil, de consumo elevado, porém, rápido e descartável. O humano acaba por ser espetacularizado. Com frequência, vira celebridade. Ou, como diz Morin, personagem do mundo dos “olimpianos modernos” (...), que “a informação transforma em vedetes da atualidade” (MORIN, 1977, p.105).

4) *Compreensão*: Para fazer valer tais requisitos – que servem não apenas à função educativa e informativa como à difusão do conhecimento – o jornalista deve compreender a realidade que o cerca. “Compreender é diferente de explicar. A explicação adota uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo” (2009, p. 366).

5) *Universalização temática*: é outro fundamento indispensável do jornalismo literário ou de qualquer espécie de jornalismo. Por conta dessa necessidade organizativa, as redações dos jornais são divididas em editorias. Cada uma trata de um tema em especial (esportes, política, economia, ciências, etc.). Para que o leitor não especializado não deixe de se interessar por determinados assuntos ao não encontrar um tratamento que permita compreendê-los, cabe ao jornalista literário – quer escreva ele sobre o tsunami que matou milhares de pessoas no oriente, em 2011, ou sobre os efeitos do Césio-137, que vitimou centenas de pessoas que entraram em contato com a substância radioativa em Goiânia, em 1987 – buscar temas subjacentes à pauta que a torne de interesse universal. Mais uma vez, o aspecto humano é o caminho que melhor conduz o jornalista à universalidade do tema, tratado então como assunto interessante e inteligível a todos, não apenas a especialistas. Para tanto, não basta ao jornalista ser sensível; também precisa estudar a fundo, dominar o assunto, cativar, traduzir para o leitor o tema transformado em matéria.

6) *Estilo próprio e voz autoral*: “Ver o mundo com olhar diferenciado, liberto de condições limitadoras que empobrecem a visão, é condição desejável. Pois a singularidade individual do olhar do ator transmite à obra um toque de exclusividade que a diferencia, valorizando-a” (2009, p. 369). Vencido o desafio de desvendar os códigos que se escondem sob a linguagem técnica, o autor de jornalismo literário e seus textos devem ter personalidade para oferecer sua visão individual dos fatos, pois não estamos falando de um compilador de dados que se esconde por trás das informações e aspas do especialista entrevistado. “Autor de jornalismo literário tem nome, rosto, cabeça, tronco, membros. Tem mente e coração. [...] Tem virtudes e defeitos. Enxerga coisas que pessoas menos exercitadas para contar histórias não enxergam” (2009, p.369).

7) *Imersão*: É a única maneira do repórter literário compreender a realidade. O jornalista deve mergulhar na realidade, no ambiente da notícia. São clássicos os exemplos de narrativa onde, ao abordar a vida miserável de um lixão, o repórter se passa por catador de lixo para, assim, retratar mais fiel e sensivelmente a vida nestes locais. Em outros casos, o jornalista se faz passar por frequentador de prostíbulos. Assim, vivencia e conta com mais autoridade a vida de uma

prostituta, descobre os padrões de comportamento dos personagens que compõem sua matéria e faz com que o leitor conheça, e se identifique, por ser humano, com a realidade reportada. Mas nem sempre pode-se ou deseja-se uma imersão radical. “Uma opção menos extremada, porém igualmente eficaz, em determinadas histórias, é o que poderíamos chamar talvez de *imersão soft*” (2009, p. 377). Nela, por meio de uma “observação camuflada”, o repórter vivencia a realidade transmitida em sua matéria sem participar efetivamente dela. Radical, camuflada, ou de qualquer outro tipo, fica claro que a arte de “sujar os sapatos” exige do repórter esse tipo de abetura compreensiva frente aos fatos e e às pessoas. Evidentemente, não basta ir onde o fato está. Porque, às vezes, se vai atrás da notícia levando uma carga acumulada de preconceitos, estereótipos e ideologias. Nesses casos, o encontro de um Eu com o Tu, como dirá Buber (2015) não acontece. Seja qual for a técnica narrativa utilizada, da mesma forma que cada matéria tem suas características próprias, o repórter deverá ter uma qualidade imprescindível: a reportagem tem a sua personalidade.

8) *Simbolismo*. Apenas o repórter dono de agilidade de raciocínio e sensibilidade para captar as sutilezas do fato, sua carga simbólica, poderá chegar, digamos assim, ao coração e à mente do leitor. Nesse aspecto, o simbolismo captado e reproduzido pelo jornalismo literário está, em certo sentido, muito próximo à música popular brasileira – principalmente nos anos de ditadura militar, uma época em que a utilização de metáforas fazia com que certas palavras ou imagens (o significante) expressassem o significado, uma coisa à qual não estavam normalmente associadas. Aqui, vale mais uma vez lembrar os versos de Gilberto Gil na música “Metáfora”: “Uma lata existe para conter algo, mas quando o poeta diz lata pode estar querendo dizer o incontável. Uma meta existe para ser um alvo, mas quando o poeta diz meta pode estar querendo dizer o inatingível”.

9) *Criatividade*: “Todo autor é um criador. Mesmo o de jornalismo literário e livros-reportagem. Primeiro, ele é um repórter - seja jornalista ou não [...], alguém que mergulha nas entranhas agradáveis ou horripilantes da realidade para conhecê-las bem, destrinchá-las, trazê-las à luz da compreensão. Em

seguida, é um escritor, alguém que organiza sua história do que viu e viveu numa narrativa consistente, representação simbólica de ações, cenários e personagens reais. Nas duas pontas do trabalho, precisa ser criativo. Isto é, precisa ter engenhosidade, gerar o novo” (2009, p. 384). No tocante à criatividade, Lima frisa o papel do JT na utilização desse componente das grandes-reportagens e sua aplicação à cobertura da cidade de São Paulo. Nela o jornal “consegue firmar duas tendências de forma – a excelência da linguagem plástica, criatividade do textos literário – e uma tendência de fundo – a busca da interpretação” (LIMA, 2009, p. 237).

A criatividade como valor primordial das narrativas encontradas nas grandes-reportagens do JT, já a partir do lide, foi um dos primeiros aspectos citados por Rabinovici durante nossa entrevista:

O texto não tinha aquele lide que eu tinha aprendido a escrever. A ideia não era pegar o leitor pelas informações mais objetivas no lide tradicional. Tentávamos dar um choque nos leitores pela emoção, às vezes pela razão. Mas o lide tinha que ter esse fermento. Depois, vinha o editor que, antes de ele próprio desenhar a página, lia o texto e via as fotos. Isso era inédito para mim, porque tinha a experiência de escrever e o diagramador dizer o tamanho da página. Se ficasse além do número de linhas estipuladas, a gente cortava pelo pé. No JT era diferente. Fui ver que a matéria que eu escrevi, que tinha 50 linhas, e ele [editor] dava uma página inteira. Abriam-se fotos. Esse jornal eu não conhecia. Esse jornal me matou de paixão.<sup>13</sup>

10) *Responsabilidade ética*: Pelo fato de o jornalista ter responsabilidade com a realidade dos fatos – por mais subjetivo que este conceito pareça –, a responsabilidade ética é o que garante a ele credibilidade junto ao público e a seus colegas. O fato de o jornalista se utilizar de técnicas da literatura, não significa que possa quebrar sua relação de confiança com o leitor e deixar de relatar a verdade dos fatos. São inúmeros os casos ocorridos na história do jornalismo onde, na ansiedade de dar um furo ou “esquentar” a notícia, jornalistas faltam com a verdade, perdem a confiança do público e provocam verdadeiras tragédias pessoais. Um dos mais emblemáticos casos de falta de ética por parte de jornalistas ocorreu em São Paulo, em 1994, quando praticamente todos os jornais, valendo-se apenas de indícios e sem provas

---

<sup>13</sup> Entrevista completa em Anexos.

materiais concretas, levaram a opinião pública a condenar os donos da Escola Base, supostamente envolvidos em abusos sexuais a alunos menores. Embora as acusações publicadas pela imprensa tenham se mostrado infundadas anos depois, os proprietários da escola tiveram suas reputações e atividades profissionais destruídas.

A partir daqui, visitaremos mais um teórico da narrativa jornalística. Assim como um biólogo durante um estudo de anatomia, Oswaldo Coimbra, em *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*, “disseca” o texto jornalístico. No capítulo dedicado à reportagem narrativa, ele afirma que esta não se apoia em raciocínio exposto. Sua característica fundamental é a de conter os fatos organizados dentro de anterioridade ou de posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas. Para o autor, trata-se de um modo de narrativa que “pretende recriar a realidade diante dos olhos dos leitores, mostrando um eterno acontecer” (COIMBRA, 1993, p. 44). Vamos encontrar nas características da reportagem narrativa abordadas por Coimbra importantes pontos de contato com as reportagens estudadas no terceiro capítulo desta dissertação.

O primeiro ponto refere-se ao que o autor classifica como “Foco narrativo”. Para tanto, ele determina pelo menos quatro focos narrativos: 1) O “Narrador testemunha” aparece como personagem e testemunha do fato narrado. “Seu ângulo de visão, portanto, é limitado” (1993, p. 46), está narrando de fora para dentro, como testemunha dos fatos, na periferia dos acontecimentos. Independentemente de ser um personagem primário ou secundário, sua presença na narrativa valoriza a reportagem.

2) No caso do “Narrador protagonista”, que desenvolve a narrativa em 1ª pessoa, observa-se uma exposição limitada às percepções, pensamentos e sentimentos do repórter. “Ocorre nos depoimentos extensos dos entrevistados em que o texto é escrito como se fosse deles, restringindo-se o jornalista à tarefa de ouvir, transcrever e editar. Ocorre, ainda, quando o próprio repórter se torna o centro do acontecimento” (1993, p. 47). 3) “Narrador onisciente” (3ª pessoa). Trabalha com o texto em 3ª pessoa, não apenas conhece todos os fatos, mas inclusive mostra conhecer os pensamentos dos personagens da narrativa. 4) O tipo caracterizado como o mais corriqueiro de narração é o “dramático”, “quando o narrador se limita a informar o que as personagens fazem e o que falam. O texto se compõe de uma sucessão de cenas” (1993, p. 48).

Coimbra também estuda as “modalidades de expressão do tempo narrativo”. Há

casos de narrativas onde o tempo não é dividido cronologicamente, mas por estados interiores. O autor aponta quatro tipos de tempo. 1) O “Tempo psicológico” não corresponde a medidas objetivas, já que é composto por uma cadeia onde se narram estados internos, subjetivos. O passado e o presente são momentos imprecisos, fundidos. 2) O “Tempo físico é o tempo da natureza, do cosmo. Qualquer sistema de relação entre eventos, em qualquer ponto do Universo pode medi-lo. O presente é percebido em função do passado e do futuro” (1993, p. 51). Qualquer sistema de relação entre os fatos narrados, em qualquer espaço físico, pode ser medido, a exemplo das reportagens que abordam viagens de barco de um ponto a outro de um determinado território, de determinar data precisa ou número de dias. Aqui o presente é percebido em função do passado e do futuro. 3) Já o “Tempo cronológico” é aquele que podemos acompanhar nos calendários. Sua referência pode ser um acontecimento histórico, como o nascimento de Jesus. 4) O “Tempo linguístico” trabalha com eventos relatados a partir de um marco temporal instalado no texto: "agora", que, não necessariamente é o momento de sua produção pelo repórter. “É apenas um eixo temporal que define o que é passado e futuro na narrativa” (1993, p. 52).

Outro aspecto frisado na estrutura da reportagem narrativa relaciona-se à "Retardação". Ocorre quando o repórter interrompe a sequência dos fatos para, primeiramente, esclarecer alguns aspectos como local e horário. O narrador pode ainda, antes de retomar a narração do fato principal, introduzir um plano de tempo mais recuado antes do "agora".

Coimbra cita cinco tipos de “Retardação”. 1) A que "evoca na narrativa momentos anteriores" pode se dar por meio de recuos, quando o salto temporal se dá para trás. É muito comum encontrá-la nas retrospectivas publicadas no final de cada ano, ou sobre acidentes aéreos, após a cobertura da tragédia. Tal retardação pode aparecer nas páginas separadas da matéria principal, em forma de boxes. 2) A que ocorre por meio de “antecipações de momentos posteriores àquele em que está transcorrendo a narrativa” se dá para a frente. “Frequentemente, o texto da reportagem narrativa abre com uma antecipação do desenlace, mostrado de modo parcial. Logo em seguida, a história começa e vai avançando com linearidade até chegar, de novo, ao desenlace, mostrado, então, de forma completa” (1993, p. 55). 3) A retardação “através de projeções do mundo interior das personagens” evoca lembranças, sonhos e desejos do narrador em relação ao narrado (um ídolo da música, do esporte). 4) As retardações “através de digressões, desvio da sequência narrativa”, são provocadas pelo narrador,

que torna lento o desenvolvimento da ação. São comuns em diálogos com o leitor, em reflexões, avaliações, opiniões, considerações filosóficas ou comentários sobre o fato ou pessoa narrada. 5) Por fim, a retardação “através de micronarrativas”. “O segmento correspondente ao presente (ao “agora” instalado no texto) é fragmentado em vários segmentos menores que, espalhados entre os segmentos correspondentes a outros planos de tempo e separados apenas por linhas ponteadas, funcionam como micronarrativas” (1993, p.57).

Coimbra aponta ainda a aceleração da linearidade da sequência temporal, obtida por meio da “Aceleração da narrativa”. O autor cita três tipos. 1) A “aceleração através de diálogo” ocorre quando o narrador cede a palavra às personagens, “abdicando, aparentemente, de sua função mediadora” (1993, p.58). 2) Na aceleração “através do discurso direto”, quem narra limita-se a reproduzir a fala das personagens, utilizando suas palavras. “A voz das personagens autonomiza-se” (1993, p. 60). 3) Na aceleração “através do antes seguido do depois”, nada interrompe a sequência linear de tempo da narrativa. Ela se desenvolve mais rapidamente do que quando são usados recuos, antecipações, digressões.

No que se refere à duração da reportagem narrativa, Coimbra aborda a relação entre o tempo de duração de um fato e o espaço que este ocupa no texto narrativo. Um incidente transcorrido em alguns poucos minutos pode ocupar dez linhas de um texto. Já na mesma reportagem, um fato que dura vários dias pode ser narrado no mesmo espaço de linhas.

Como forma de explicar esse fenômeno, o autor distingue dois termos da teoria da narrativa: *História* e *Discurso*. 1) “História é a sucessão de acontecimentos, personagens e cenários evocados pelo texto narrativo. É o conteúdo da narrativa. 2) Discurso é o modo como o narrador dá a conhecer a história aos leitores, logo, é o próprio texto narrativo em que a história é plasmada. A unidade de medida da duração da História é temporal (segundo, minuto). A do Discurso é espacial (linha ou página)” (1993, p.61).

Aprofundando sua “dissecação”, Coimbra estabelece a relação da duração da “História” com o “Discurso”. Ela se dá por meio de cinco “figuras de duração”. 1) No “Sumário”, o tempo da história aparece em espaço bem reduzido do discurso. Um exemplo: o passo-a-passo na receita de um bolo ou tópicos principais de uma lei noticiada. 2) Na figura do *Alongamento*, o tempo da história apresenta-se num espaço ampliado do discurso, com passagens em “câmera lenta”. 3) A *Cena* apresenta a



aproximação entre duração do tempo do fato e o espaço que ele ganha no texto, “com reprodução do discurso do personagem, com respeito integral às suas falas e à ordem em que elas se desenvolvem” (1993, p.63). 4) Na *Pausa* o tempo da história para, mas o discurso continua. “O Prosseguimento do discurso – do texto – fora do tempo da história é o que acontece em diversas formas de digressão e, às vezes, na descrição” (1993, p.63). Após a digressão, o narrador retorna ao tempo da história. 5) Na *Elipse*, é o tempo do discurso do texto que cessa, enquanto prossegue o da história, a sucessão de acontecimentos, personagens, cenários. Trata-se do corte, um recurso muito utilizado no cinema. Caso o salto no tempo seja anunciado por expressões como "dez meses depois", é, segundo Coimbra, uma "elipse explícita".

O Espaço dos acontecimentos recriado nas reportagens também é dividido em três categorias. 1) Na do *Espaço físico*, “o cenário natural serve ao desenrolar da ação e da movimentação das personagens e como elementos de decoração de interiores” (1993, p.66). Ele está tanto em locais gerais e amplos como ruas e praças, como em locais restritos e fechados: salas, escadas, campos de futebol. 2) O *Espaço social* “apreende a atmosfera que reina em certos ambientes” (1993, p.67) O repórter dá voz a pessoas das mais variadas condições e locais, ligadas aos mais variados setores, como o da política, economia, arte, religião etc. 3) A categoria que abarca o *Espaço psicológico* “leva em conta a necessidade de tornar evidente atmosferas densas, interfere no comportamento das personagens, perturbando-o” (1993, p.68). Isso faz com que espaço psicológico e personagens passem a ter estreita relação.

As grandes-reportagens podem ter como principal característica a capacidade de o repórter construir a ambientação. Quando aborda este item dentro da reportagem narrativa, o autor se vale de três tipos criados pelo romancista Osman Lins e citados na obra de Coimbra. 1) O da *Ambientação franca*, na qual o narrador, alheio à ação, “introduz a ambientação na narrativa” (1993, p.69). 2) Já na *Ambientação reflexa* “as coisas são percebidas através das personagens, sem a intromissão do narrador” (1993, p. 70). Coimbra adverte que esses dois tipos de ambientações podem criar o *chamado vazio narrativo se forem muito prolongadas*. 3) A ambientação *Dissimulada ou oblíqua* “não interrompe o fluxo narrativo. É constituída de uma fusão de componentes com natureza variada” (1993, p.70). Neste caso, diz o autor, a harmonização entre espaço e ação é perceptível apenas ao leitor mais sagaz.

Possivelmente, um dos componentes principais das narrativas literárias ou jornalísticas, a figura do personagem tem na densidade psicológica um importante

elemento de distinção no que se refere à sua composição. O autor confere cinco classificações ao personagem. 1) A *Personagem plana*, construída em torno de uma única ideia ou qualidade. Neste ponto, Coimbra cita Cremilda Medina em sua obra *Entrevista: o diálogo possível*, onde ela mostra como uma visão parcializada faz o repórter enxergar o seu entrevistado por um único ângulo: o da valorização do pitoresco e do inusitado. É comum encontrar esse tipo de personagens nas chamadas revistas de fofoca, onde os "famosos" aparecem caricaturados pela repetição de tiques verbais ou pela glamourização. 2) A *Personagem redonda* pode ser caracterizado como a antítese da *personagem plana*. Revestida de complexidade, tece os personagens e os revela gradualmente durante a narrativa, com suas dinâmicas e múltiplas facetas. 3) A *Personagem referencial* remete o leitor a um tipo pleno e fixo, imobilizado por uma cultura. Por isso, será reconhecido na medida em que o leitor possua algum grau de conhecimento ou participação de tal cultura. 4) A *Personagem anáfora* "só pode ser completamente apreendida dentro do texto, ou, mais especificamente, na rede de relações que os elementos do texto mantêm entre si" (1993, p. 74). Bons exemplos são os personagens que passam a existir em textos específicos, como pessoas anônimas, entrevistadas em uma reportagem sobre foliões no Carnaval, por exemplo. 5) A *Personagem Figurante* tem "função figurativa, ocupa um lugar claramente subalterno, distanciado e passivo em relação aos incidentes narrados [...] Nem por isso é dispensável. Serve para ilustrar uma atmosfera, uma profissão" (1993, p.74).

### 2.3 Jornalismo interpretativo e compreensão

Viver, apreender, compreender. Aprender com o oposto, o contraditório e o múltiplo. Ensinar a compreensão humana. Essa é, para Edgar Morin, uma das tarefas intelectuais e éticas mais importantes do ser humano. “A incompreensão nos devasta [...] A compreensão é, simultaneamente, meio e fim da comunicação humana [...] Não haverá o menor progresso humano se não houver o progresso da compreensão” (MORIN, 2010, p. 293-294). A afirmação do sociólogo francês é um bom começo para entendermos a importância, no campo das narrativas jornalísticas, do pensamento compreensivo apresentado por Dimas Künsch na obra *Comunicação, jornalismo e compreensão* (2010).

Avesso ao cientificismo, à racionalização, à absolutização e à ditadura dos conceitos, o pensamento compreensivo – até por sua natureza – filia-se ao sentido original de “compreendere”, juntar, abraçar, integrar. “Na perspectiva de uma ética complexo-compreensiva, investiga-se o confronto com a incomunicação e a incompreensão, na chamada era da informação e da comunicação”! (KÜNSCH, 2010, p. 14).

Pobre daquele que vê apenas na ciência e na tecnologia – por vezes cegas por arrogância – a única ferramenta para se chegar ao conhecimento. Na medida em que nos leva a pensar o mundo e a vida em suas multicausalidades, visões, sentidos, mitos, artes, religiões, sentimentos e contradições, o pensamento compreensivo repele as simplificações em nome da complexidade que “convoca o viajante a se enfronhar pelas redes da contextualização. Do texto e de seus contextos” (Künsch, 2010, p.17).

O jornalismo que fala a todos os sentidos também convoca o leitor a essa aventura. Mas é preciso ter serenidade e uma boa lanterna na proa para não se perder. Isso porque o mar de informações que a cada segundo chega ao ser humano com rapidez descomunal, por meio das múltiplas telas, o arrasta em uma onda muitas vezes sem sentidos, teorias, em uma massa caótica e impossível de ser compreendida. Como aponta Künsch, à luz de um argumento de Walter Benjamin, sem a narrativa “o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização a as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital”.

Contar histórias, tecer sentidos, narrar a vida como forma de organizar o caos em um cosmos. Reatar o diálogo com as histórias que sempre fizeram parte da história

imemorial da vida e da morte, do racional e do não-racional. Harmonizar *logos* e *mythos*. Eis uma difícil, mas necessária tarefa que cabe ao homem cumprir para que entre no terceiro milênio compreendendo e reconhecendo o outro como seu semelhante, traduzindo e compartilhando – sem negar sombras e mistérios – o mundo e suas múltiplas narrativas.

E abraçar as múltiplas narrativas compreende “o diálogo entre saberes e o reconhecimento compreensivo da alteridade epistemológica”. “A compreensão está em entender, nesse outro, um interlocutor a partir do qual outras instâncias da realidade podem ser sonhadas – vistas, talvez até explicadas” [...] (KÜNSCH, 2014, p. 29-30). Para o autor, a compreensão como método está ligada a uma abertura de ao menos três instâncias: primeiro, como uma abertura aos modos de ser e conhecer da alteridade, sedimentados nas experiências do cotidiano; segundo, como uma abertura epistemológica a outros saberes, propondo o diálogo entre ciências e singulares; e terceiro, como abertura para o outro pensando de forma relacional e dialógica em um movimento reflexivo de apropriação mútua” (KÜNSCH, 2014, p.34).

No artigo “A palavra que cura, a narrativa e o jornalismo interpretativo” (2015) Künsch e Cilene Victor da Silva fazem uma reflexão sobre os vários dons da palavra – inclusive seu poder terapêutico. Da palavra como que uma parteira das narrativas do mundo e do jornalismo. Não de um jornalismo qualquer, mas de um jornalismo compreensivo e interpretativo. Porém, para que verbo e jornalismo alcancem juntos um patamar mais elevado na arte de contar a vida, há que saber interpretar quem fala e seu mundo. Antes ainda, para saber interpretar, é preciso (re)aprender a ouvir. Ouvir, interpretar e dar um sentido ao caos que eventualmente envolve a vida e o jornalismo, transformando-o em um cosmos inteligível para o leitor, encarado não como um “consumidor de notícias”, mas como ser humano, protagonista, sujeito.

Os autores nos fazem vislumbrar, com essas proposições, a importância do jornalismo interpretativo – cem anos após seu nascimento – como caminho de superação da crise do jornal em sua antiga plataforma. O exemplo deixado pelo JT, com certeza, joga luz sobre essas questões.

Valendo-se de Hipócrates (460-360 a.C.) – pai da medicina, ou, como os autores preferem, “pai das artes médicas”, a palavra é resgatada em seu plano mais humano, aquele pelo qual o médico busca a cura de seu paciente pelo resgate de sua narrativa e memória: “Me conte sua história”. Na mesma linha apontam Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961) – gênios do estudo da psique humana – que se

valeram também da escuta como forma de ajudar o paciente a alcançar a cura.

A atitude hipocrática de reconhecer o direito sagrado da pessoa à palavra revela uma das percepções mais inteligentes de como se processa, no concreto da vida, aquilo que, com muitos autores, podemos chamar de poder terapêutico da palavra, da fala ou, mais propriamente, da narrativa. Temos, nesse momento de ver as coisas, magistralmente apresentadas, uma verdadeira teoria do conhecimento, fundada na velha e boa arte de contar histórias, a arte da narrativa (KÜNSCH, DA SILVA, p. 17).

Cabe ao repórter – e principalmente em meio à avalanche de informações muitas vezes desconexas trazidas pela era da informação digital – colocar-se lado a lado (nunca acima) e ajudar o leitor a se orientar em meio aos fatos, com suas variadas polifonias (vozes) e polissemias (sentidos). Apoiando-se em Medina (2003), os autores apontam a narrativa “como uma das respostas humanas diante do caos”.

Künsch e Silva indicam ainda nos sentidos – e na produção de sentidos que se constrói nas narrativas –, na linha de pensamento de Néstor Garcia Canclini, uma importante ferramenta que contribui para “administrar, renovar ou reestruturar o dado social”. Os autores advertem que tais produções “podem servir aos interesses dos grupos e classes dirigentes, aos poderes estabelecidos, ao mercado e ao consumo, como podem, de novo numa outra direção, tornar menos dramática a vida no planeta, e menos ameaçador o futuro”.

Lembrando o jornalista Luiz Beltrão (1918-1986), o artigo citado aponta novamente no jornalismo interpretativo – surgido como forma de fazer frente à crise da notícia de então – “uma alternativa à notícia ligeira, ao factual, ao *hard news*. Mais que uma alternativa, uma urgência. Quase uma questão de sobrevivência”. Em 1967, lembram Künsch e Silva, durante uma palestra pelo aniversário de 20 anos da Faculdade Cásper Líbero, Beltrão defendeu a adoção do jornalismo interpretativo como “elemento de juízo” para dar conta dos anseios de uma “massa elevada gradativamente no campo do conhecimento”. Já naquela época, segundo os autores, Beltrão via no JT uma referência de jornalismo interpretativo, de profundidade. Profundidade e complexidade possíveis apenas para aqueles que veem na crise “um momento de se tomar decisões, eleger novos caminhos” (2015, p. 24).

A interpretação requer uma visão compreensiva como método de abordar a realidade. Ela também se apresenta como um dos aspectos marcantes nas narrativas construídas nas grandes-reportagens do JT. Apoiado no poeta mexicano Otávio Paz,

para quem “Compreender é alguma coisa mais do que entender; também significa abraçar, no sentido físico e também espiritual”, Luís Mauro Sá Martino (2014, p. 17) indica que o diálogo polifônico, no qual o questionamento convive e também privilegia o exercício da escuta ao da crítica, “permite unir ideias que, em seu núcleo, talvez só de maneira oblíqua concordem” em uma proposta que não busca concordâncias, senão questionamentos.

Ao investigar a vida humana, a reportagem pratica um exercício de desconstrução. Desconstrução, antes de tudo, das verdades absolutas, dos reducionismos de variadas matizes, baseados em apenas um plano de vida. “O estritamente racional, na esfera do cálculo, da racionalidade excessiva, acaba por reduzir todo o humano a um conjunto de algoritmos a ser lido por máquinas, tornando o ser vivo um ‘funcionário’ da máquina que ele opera - no sentido dado por Fluser – e racionalizando também seu próprio mundo e ser” (MARINO, 2014, p. 18).

Para o repórter, assim como para o pesquisador, a emoção – sem desprezar a razão – o ajuda a percorrer os caminhos da complexidade na vida. No mundo das narrativas, das ações cotidianas que também compreendem o texto jornalístico, o desafio das certezas do próprio conhecimento, dos limites do “eu”, na compreensão do “ele” e em busca do “nós”, sem no entanto deixar de desenvolver o juízo intelectual, faz do jornalismo uma arma na busca de entender outras concepções de saberes e de mundos.

A escolha dos autores e obras utilizados neste capítulo reveste-se de grande pertinência na medida em que o JT se insere na tradição do jornalismo que “namora” com a literatura, que interpreta, contextualiza, amplia, conversa com diferentes fontes/vozes (polifonia), com diferentes pensamentos e sentidos para os fatos e acontecimentos (polissemia). Esse conjunto de inspirações teóricas deve nortear o estudo específico de três reportagens do JT no próximo capítulo como já nomeou, de forma geral, a breve apresentação das demais reportagens ao longo dos dois capítulos anteriores. Com isso, fica claro, também, que não nos interessa perder-nos no emaranhado de distinções entre tipos, formas, modelos, estilos, estruturas de reportagens. Em suma, interessa-nos a narrativa – como construtora de sentidos sobre o acontecimento jornalístico, de produtora de um “cosmos” pessoal em meio ao “caos” – e não a narratologia, no sentido de Roland Barthes, Vladimir Propp e outros.

## CAPÍTULO 3

### O DNA DAS GRANDES REPORTAGENS

Quadro 1 – As três reportagens estudadas em profundidade

<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Edição</b>	<b>Tema</b>	<b>Observação</b>
<b>1</b>	“Primeira aventura na Transamazônica”	Fernando Moraes e Ricardo Gontijo	28/8/1970	Construção da Rodovia Transamazônica	Reportagem recebeu Prêmio Esso de Jornalismo
<b>2</b>	“Os habitantes da arquibancada”	Marcos Faerman	9/5/1975	Os torcedores de futebol	Reportagem recebeu Prêmio Esso de Jornalismo
<b>3</b>	“Avisar o soldado que ele morre antes do meio-dia”	Fernando Portela	19/1/1979	Guerrilha do Araguaia	Reportagem rompeu a barreira da censura ao abordar a guerrilha do Araguaia

Neste terceiro capítulo, faz-se um estudo aprofundado de três grandes-reportagens caracterizadas pela qualidade das narrativas do JT entre as décadas de 1960 e 1980. Em cada uma delas serão apontadas marcas com os padrões da boa narrativa jornalística descritos no segundo capítulo. Entre as qualidades que compõem a “grande narração noticiosa” caracterizada por Medina (1978), identificar-se-ão preceitos como “força” para atrair o leitor e levá-lo a ler a reportagem até seu final através da “emoção ou da razão”, da criatividade e da “clareza” (SODRÉ; FERREIRA, 1986) que, juntamente com a humanização dos personagens e a sensibilidade para captar as sutilezas do fato e sua carga simbólica, fizeram do JT um exemplo de bom jornalismo e um personagem vivo da história da reportagem no Brasil.

### 3.1 “Primeira aventura na Transamazônica”

Em 1970, os repórteres Fernando Moraes, Ricardo Gontijo e o repórter fotográfico Alfredo Rizzutti percorreram 5.269 quilômetros do que seria a Rodovia Transamazônica – uma das obras mais emblemáticas da ditadura militar. A viagem-reportagem, na qual a equipe utilizou uma caminhonete equipada para a jornada, durou 43 dias. Os repórteres percorreram selva, caatinga, visitaram cidades, vilarejos, entrevistaram a população local e revelaram um cenário político e social então pouco conhecido pelo público dos grandes centros do Brasil. A matéria – publicada em três cadernos especiais – cobrou deles cansaço, fome, medo e angústia. A recompensa veio com a produção de uma reportagem histórica, vencedora do Prêmio Esso de jornalismo.

Aos moldes de Medina e Leandro (1973, p. 45-47) é ao mesmo tempo *reportagem de contexto*, que possui conteúdo informativo, se detém no presente, mas na qual o repórter complementa a matéria com outros fatos correlacionados, e *reportagem individualizada*, que particulariza o fato por meio da humanização e interpreta uma situação objetiva na vivência de um personagem.

“Primeira aventura na Transamazônica” pode ser considerada também uma homenagem ao jornalismo compreensivo, estudado por Medina, Künsch e Lima, entre outros estudiosos avessos ao cientificismo e à ditadura dos conceitos. Um reconhecimento aos que veem no sentido original de “compreender” verbos e sentidos



como abraçar, integrar. Essa grande-reportagem, de nítida voz autoral, é um elogio à humanização da notícia e aos elementos subjetivos que ela exhibe e retira da própria vida, pois, como nos ensina Künsch (2000, p.94), “a objetivação das coisas, pelos que rezam pela cartilha da ortodoxia científica ocidental, pode ter trazido e continuar trazendo à sociedade progressos e avanços tecnológicos indizíveis, em 'mares nunca dantes navegados', nas não esgota, substitui ou dispensa a nobreza do gesto poético, da compreensão gratuita, de uma vivência”. É esse o caminho que Moraes, Gontijo e Rizzutti convidam o leitor a percorrer.

Ao trilhar os caminhos poeirentos e esburacados da rodovia símbolo do chamado “Brasil Grande”, os repórteres trafegam pelos campos do jornalismo informativo e interpretativo, marca da grande-reportagem, que, segundo Medina e Leandro, “determina um sentido do aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente” (MEDINA e LEANDRO, 1973, p. 25).

Como forma de aproximar o leitor do terreno a ser desbravado e contextualizar o fato para que melhor ele possa ser compreendido em suas dimensões mais amplas, os repórteres colocam esse leitor, logo na abertura da matéria, frente às promessas oficiais. Anos depois elas se revelariam bravatas do governo:

Quando a Transamazônica estiver pronta, daqui a dois anos, ligará o Oceano Atlântico, em João Pessoa, na Paraíba, Brasil, ao Oceano Pacífico, em Lima, no Peru, ao unir-se ao trecho já em construção pelo governo peruano. Então, a América do Sul estará cortada, de Leste a Oeste, por uma única rodovia. Por ela, o governo pretende transferir para o Norte os flagelados nordestinos que hoje fogem da seca, e povoar a Amazônia, uma das regiões mais ricas do Brasil em minérios e pedras preciosas. A estrada atravessará regiões que, segundo os técnicos do governo, têm terras mais férteis do que as de S. Paulo e do Paraná, e em cujas metas estão as madeiras mais valorizadas no mercado exterior (JORNAL DA TARDE, 1970, p. 8).

Como forma de jogar luz sobre a realidade da região e os desafios que ela imporá ao governo, os jornalistas também apresentam a outra face da moeda:

Antes de ligar Recife (Pernambuco) e João Pessoa (Paraíba) e Cruzeiro do sul, no Acre, o governo terá de vencer tribos de índios selvagens, doenças tropicais desconhecidas, rios e mosquitos transmissores de malária [...] O presidente Médici decidiu: na terça-feira da semana que vem, dia 1º de setembro, as quatro empresas vencedoras da concorrência pública – construtoras Cristo Redentor, Mendes Júnior, Queiroz Galvão e Empresa Industrial e Técnica – começarão a desmatar a floresta amazônica. Será o início de uma das maiores aventuras já vividas no Brasil (JORNAL DA TARDE, 1970, p. 8).

Carro e pé na estrada, Moraes, Gontijo e Rizzutti – tendo ao volante o motorista pernambucano José Donizete – passam à narrativa dos locais e situações com as quais se defrontam em sua aventura. Cada uma das matérias do caderno recebe como título o quilômetro da Transamazônica a ser enfrentado e transposto. O primeiro intitula-se “Km zero”. Nele, buscam “mapear” a ação. Aqui, reconhecemos preceitos encontrados em Medina e Leandro (1973, p. 45-47) para explicar o fluxo das unidades informativas na estrutura da matéria e o processo narrativo da reportagem. Em “Km zero” a linearidade do texto enquadra-se em uma estruturação cronológica dos fatos. As informações se complementam na medida em que eles, fatos, são mostrados. Nos deparamos na análise dos próximos trechos da reportagem com algumas características das aberturas estudadas por Sodr e e Ferrari (1986, p. 68-74), onde “realça a visão do leitor, promovendo a descri o do ambiente; estimulam a imagina o, realçam as pessoas, suas histórias pessoais”.

Um exemplo desse processo é a narrativa na qual se fica sabendo, passo a passo, que os repórteres partiam do quilômetro zero da Transamazônica, em João Pessoa (Paraíba), “com calor de 29 graus às dez horas da noite”. Duas horas depois, a reportagem chega a Campina Grande, onde ainda havia camas limpas e banho quente. A narrativa recomeça às 6 horas da manhã do dia seguinte, quando a equipe sai de Campina Grande. Duas horas depois, há o relato de que a reportagem começa “a sentir os primeiros sintomas da seca, os primeiros sinais de que já estávamos em pleno sertão”. Moraes e Gontijo informam que o percurso que compreende a cidade de Soledade, descrita como “pequeno amontoado de casas”, e Patos, leva 70 quilômetros e fazem o leitor visualizar o novo desconforto que começa, pois o asfalto termina e se descortina “uma cidade empobrecida pela seca, onde os habitantes não sabem mais como sobreviver”. A narrativa linear e cronológica de “Km zero” culmina no

quilômetro 418 da Transamazônica, quando a reportagem chega a Aparecida, cidade em que “havia sido feita a distribuição de mantimentos aos flagelados das frentes de trabalho”.

Utilizaremos o mesmo trecho da jornada pela Transamazônica, a partir do “Km zero”, para mostrar que nele também reconhecemos os ensinamentos de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari sobre a classificação das narrativas jornalísticas em modelos de reportagem. Assim, na reportagem de ação (*Action-story*), o leitor “embarca” em uma viagem na qual se depara com personagens e descrições de ambiente em “estilo puro”. A humanização dos personagens e a criatividade serão o caminho que melhor conduzirá o jornalista à universalidade do tema, como nos aponta Lima em *Páginas ampliadas*. Aos repórteres caberá a façanha de combinar a emoção da realidade pungente, da vida diversa e cumprir a missão de informar os fatos objetivamente.

Literatura e jornalismo caminham juntos, mas este sempre prevalece sobre aquela, sem esmaecer o colorido da narrativa. De João Pessoa (Paraíba), a equipe parte do quilômetro zero, viajando até o quilômetro 1.801 pela BR-230, aproveitada como trecho inicial da Transamazônica. Note-se no trecho seguinte a utilização de uma combinação de narrativas que têm como pano de fundo o “espaço físico”, o *cenário natural* do sertão – seus bosques de árvores secas, pretas queimadas pelo sol; uma ou outra vaca magra – com o “psicológico” e o “social” (Coimbra, 1993, p. 66-68), claras na despedida da civilização, dos garçons, que *torna evidente a atmosfera densa*. Fica clara ainda uma ambientação *franca*, na qual o narrador, alheio à ação, *introduz a ambientação na narrativa* (Coimbra, 1993, p.69).

Os primeiros quilômetros não foram como esperávamos. Pensávamos encontrar apenas uma picada aberta no meio do sertão, nunca aquela enorme rodovia asfaltada. Esta impressão – uma certa surpresa – permaneceu conosco até a chegada a Campina Grande, duas horas depois. Campina Grande foi a nossa despedida da civilização e do conforto. E nós já esperávamos por isso. Dali em diante, não íamos ver mais as camas limpas dos hotéis, os garçons, o chuveiro quente. Saímos no dia seguinte [...] começávamos a sentir os primeiros sintomas da seca, os primeiros sinais de que já estávamos em pleno sertão. A vegetação verde havia desaparecido completamente, e, à volta das estradas, só víamos enormes bosques de árvores secas, pretas, queimadas pelo sol. Entre elas, num capim curto, cinzento e uma ou outra vaca magra, comendo pequenos cactus, tão cinzentos como toda a vegetação. De vez em quando, pequenos bandos de carneiros imundos e magros à beira da estrada. (JORNAL DA TARDE, 1970, p. 8).

A primeira parada dos repórteres é em Soledade, “pequeno amontoado de casas em volta de uma única rua”. Na abertura, lançando mão do realce à *audição* e à *visão* (Sodré, Ferrari, p. 68-70), Moraes, Gontijo e Rizzutti trabalham com uma miscelânea de imagens, sons e personagens encontrados no interior de um bar. Descortina-se para o leitor uma síntese cultural da povoação em forma de músicas de Agnaldo Timóteo emitidas por um alto-falante instalado na porta do bar e interrompida para o anúncio de uma nota fúnebre relativa a uma moradora local. As paredes do estabelecimento, transformadas em uma espécie de galeria rústica, são ilustradas por fotos de personagens históricos tão relevantes quanto díspares: rainha Elizabeth, Fidel Castro, D. Pedro II, Getúlio Vargas, Castelo Branco, Duque de Caxias e Franco, entre outros. O *realce à pessoa* (Sodré, Ferrari, p. 72) é visível na figura do dono do bar, que pede desculpas aos jornalistas por não haver ainda na “galeria” uma foto do então presidente Médici: “Estamos esperando aparecer por aqui uma revista com um bom retrato dêle na capa. Já vi alguns em jornais velhos, mas até agora nenhum colorido. Vou esperar as revistas do Rio”, diz o comerciante.

No segundo capítulo de seu livro *Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística* (2000), Künsch, ao se referir às mazelas acarretadas pelo “jornalismo superficial”, cita o jornalista Igor Fuser e sua obra *A arte da reportagem*. “Ele [Fuser] observa que esta [a reportagem], como gênero jornalístico que, dentro todos, mais dá espaço aos oprimidos, [...] é por excelência o lugar dos humildes, dos anônimos, dos que só aparecem no jornal uma vez na vida” (KÜNSCH, 2000, p.104). Trata-se de uma das preciosas características que permeiam a narrativa de Moraes e Gontijo.

Soledade é deixada para trás pela equipe do JT. A reportagem passa a ganhar traços de documentário, no modelo Reportagem Documental (*Quote-story*), na visão de Sodré e Ferrari. A exemplo do que aponta Medina (1978, p.134-135), “o narrador é completamente diluído na ação (como autor contemporâneo)”. E bem caberia em uma cena de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Em Patos (Paraíba), o perfil de personagens e o relato de sua vida embrutecida mostram a precariedade das estradas, a falta de estrutura e trabalho especializado para transformar a Transamazônica em realidade se torna flagrante. Ressalte-se aqui o diálogo polifônico (Sá Martino, 2014, p.17), no qual o questionamento convive e também privilegia o exercício da escuta ao da crítica, “permite unir ideias que, em seu núcleo, talvez só de maneira oblíqua concordem em

uma proposta que não busca concordâncias, senão questionamentos”.

Já era mais de meio-dia quando vimos um homem de meia-idade carregando um enorme saco de batatas secas na cabeça. Atravessada no saco, uma carabina chumbeira, carregada. O homem dizia ter 32 anos, mas parecia ter mais de 45 e estava andando desde o nascer do sol:

— Para chegar até a casa da minha mãe ainda tenho que andar até a noite.

— E a espingarda, para quê é?

— Essas batatas que estou levando estão secas demais, não vai dar para comer. Já matei um periquito hoje, e, se não encontrar sal até de noite, a gente com ele assim mesmo, sem sal (JORNAL DA TARDE, 1970, p. 8).

Após percorrer mais 70 quilômetros, a caminhonete da reportagem chega a Patos (Paraíba). O relato, ainda se valendo da descrição do “Espaço Social” (COIMBRA, 1993, p.67) dá conta de uma cidade empobrecida, “onde os habitantes não sabem mais como sobreviver”. O rebanho foi quase dizimado pela seca. Quase todos os trabalhadores da cidade foram incorporados às frentes de trabalho do Exército, do Ministério do Interior e do então DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem). Há mão de obra suficiente, mas pouco especializada. Ou, ainda pior: “Os homens são aproveitados mais para justificar o salário de 2 cruzeiros por dia que por necessidade de trabalho. E ali mesmo, perto de Patos, encontramos uma dessas frentes de trabalho com mais de 80 homens varrendo uma estrada de terra que seria cascalhada dias depois”.

A cada parágrafo, “Km zero” torna-se um relato carregado de responsabilidade ética (LIMA, 2009, p. 389) e corajoso testemunho (não nos esqueçamos de que o Brasil vivia então no período mais duro da ditadura militar) sobre um projeto que mais servia ao regime do que à população.

A partir de Patos, começamos a sentir que viajávamos por uma estrada que, na verdade, só existia nos mapas. Em volta era a caatinga, um denso emaranhado de galhos secos, cactos e palmas cheias de espinhos. A estrada não passava de um caminho empoeirado, um palmo de poeira fina e amarela cobrindo tudo em volta [...] Adiante de Patos encontramos outra frente de trabalho: flagelados trabalhando numa estrada do Exército. Obedecendo ao Plano de Emergência da

Sudene, os Batalhões de Engenharia e Construções pagam 2 cruzeiros por dia a cada flagelado que queira trabalhar nas frentes, independentemente de haver trabalho para ele (JORNAL DA TARDE, 1970, p. 8).

Na terceira página, depois de percorrer cerca de 500 quilômetros na Transamazônica, a reportagem prossegue após Moraes, Gontijo e Rizzutti passarem por Souza, São Gonçalo e Marisópolis (extremo oeste da Paraíba) –, cujo cenário de pessoas maltrapilhas e famintas se repete. Mais 70 quilômetros de terra vermelha os leva a Cajazeiras – ainda na Paraíba – cidade considerada grande, com seus 30 mil habitantes, já no extremo da Paraíba. Mais relatos de hospedagem precária, em um hotel onde o banheiro era “imundo”, havia apenas redes para dormir e falar em água quente “provocava risadas”. A ambientação se completa com o cardápio do restaurante e uma retardação da narrativa (COIMBRA, 1993, p. 56-57), na qual o repórter faz reflexão sobre o momento vivido: “No cardápio do restaurante do hotel, a única escolha era para o acompanhamento da carne de bode, o melhor prato. Mas não havia jeito: ou dormíamos ali mesmo ou continuávamos a viagem, cansados e no escuro”. A apuração dos números referentes à economia local esclarecem o drama: “Cajazeiras perdeu mais de 80 por cento de sua produção agrícola. O que restou do rebanho local só dava para o consumo interno”.

Após uma noite mal dormida, provocada pelo calor e pelos pernilongos, a equipe realiza sua imersão na realidade local e entrevista moradores em meio à feira que reúne comerciantes de 16 municípios vizinhos. Sensíveis ao impacto causado na cidade pela chegada de jornalistas vindos de São Paulo, eles se integram, se misturam à população. Em busca de boas fontes, obtém uma declaração elucidatória de como se processava (ainda se processa) a informação oral, do boca-a-boca entre as pessoas. Ao mesmo tempo oferecem ao leitor um exemplo de como explorar a riqueza dos personagens. Nas próximas cenas observam-se exemplos de humanização bem característica do jornalismo literário (LIMA, 2009, p. 359). “Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações”.

Atrás de nós, um grupo enorme de pessoas, seguindo-nos por toda a parte. O grupo, calado, curioso, aumentava cada vez mais. Na porta de uma barraca, um vaqueiro menos tímido aproximou-se e perguntou:

**- É verdade que os senhores são astronautas**, e vão levar os retratos da gente para a Lua? (JORNAL DA TARDE, 1970, p.8).

Na volta ao hotel, os jornalistas notam a presença do gerente e mais um grupo de pessoas da cidade. Todos discutiam sobre a Transamazônica. A perspectiva do comerciante incluía levantar mais dois ou três andares no prédio do hotel e aumentar o espaço para motoristas de caminhão que, com certeza, seriam atraídos pela estrada.

Mas os planos eram só de aumentar a quantidade de quartos. Nada de colocar mais banheiros ou comprar camas:


- Se eu coloco banheiros nos quartos e compro camas, vira luxo. Aí eu morro de fome, porque aqui todo o mundo é pobre demais, ninguém tem dinheiro. Entre 50 hóspedes, um ou dois perguntam se tem banheiro no quarto, ou se é cama ou rede (JORNAL DA TARDE, 1970, p. 8).

As consequências do projeto da Transamazônica – de certo modo já sugeridas pela grande-reportagem do JT – fazem parte hoje do balanço histórico negativo do chamado “milagre econômico” brasileiro. A avaliação do historiador Boris Fausto dá a justa medida de uma de suas marcas mais indelévels:

O “capitalismo selvagem” caracterizou aqueles anos e os seguintes, com seus imensos projetos, que não consideravam nem a natureza nem as populações locais. A palavra “ecologia” mal entrara nos dicionários e a poluição industrial e dos automóveis parecia uma bênção. No governo Médici, o projeto da rodovia Transamazônica representou um bom exemplo desse espírito. Foi construída para assegurar o controle brasileiro da região – um eterno fantasma na ótica dos militares – e para assentar em agrovilas trabalhadores nordestinos. Após provocar muita destruição e engordar empreiteiras, a obra resultou em fracasso (FAUSTO, 2012, p. 269-270).


Figura 7: Reportagem “Nossa aventura na Transamazônica”, de 28 de agosto de 1970

Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo

 **jornal da tarde**  
Cr\$ 0,40  
Sexta-feira, 28 de agosto de 1970 Número 1432 Ano 5 **O ESTADO DE S. PAULO**

QUE A ARGENTINA NÃO SOFRA COMO DA OUTRA VEZ COM ESTE ASSASSINATO DE JOSE ALONSO. PÁGINA 16.


# NOSSA AVENTURA NA TRANSAMAZÔNICA



ACABAMOS DE VIVER PARA VOCE UMA DAS MAIORES AVENTURAS QUE O BRASIL COMEÇARA A VIVER A PARTIR DE TERÇA-FEIRA. PERCORREMOS OS EMOCIONANTES 5.269 KMS DA FUTURA TRANSAMAZÔNICA E PUBLICAMOS HOJE O PRIMEIRO DE UMA SÉRIE DE TRÊS CADERNOS ESPECIAIS PARA CONTAR ESTA AVENTURA. NA 7, 8, 9 E 10.

## ORIENTE MÉDIO: PAZ À FÔRÇA?

Uma ideia dos Estados Unidos, para garantir a paz no Oriente Médio, depois que drabs e israelenses chegassem a um acordo: tropas suas e da Rússia licitariam no Canal de Suez, para evitar novos choques. É apenas uma ideia, por enquanto. Página 14.



O governo federal apóia a criação da Superprefeitura da Grande São Paulo e vai ajudá-la com recursos financeiros e técnicos. O ministro João Paulo dos Reis Velloso anuncia este apoio na pág. 28.

Começa esta noite o jogo sem regras entre um arquiteto e o imperador da Assíria. Este belo jogo, escrito pelo gênio de Arábia, desafia o seu gosto e a sua sensibilidade na página 17.

Herman Khan, arrependido, se confessa ao Brasil: este país tem um bom futuro; este país tem um governo competente; este país não precisa preocupar-se com o terrorismo, que vai acabar logo. Chega? Página 6.

Repórteres percorreram 5.262 quilômetros do que seria uma obra emblemática da ditadura.



### 3.2 “Os habitantes da arquibancada”

O futebol é tratado por boa parte dos jornais não apenas como um esporte. É uma manifestação cultural mais ampla, que mexe com milhões de corações. É o que o dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues (2013) qualificou como “a pátria de chuteiras”, em seu livro homônimo: “[...]Eu lhes digo que a primeira missa, de Portinari, é inexata. Aqueles índios de biquíni, o umbigo à mostra, não deviam estar na tela, ou por outra: — podiam estar, mas de calções, chuteiras e camisa amarela”. Mas futebol também é dinheiro. É um negócio e tanto. É poder. Chega até a influenciar os rumos da política.

Já a torcida é um caso à parte. O repórter Marcos Faerman — ardoroso torcedor do Grêmio, de Porto Alegre — sabia disso. Reconhecia no jogo um ritual em que ela, torcida — a exemplo dos jogadores —, poderia virar protagonista da narrativa jornalística com suas variadas polifonias e polissemias. A torcida é o 12º jogador. De sua expressão de alegre louvor ao time ou aos ídolos após uma batalha vencida, ou de suas lágrimas e fúria incontida após uma derrota, o jornalista sensível pode extrair narrativas profundamente humanizadas.

Na reportagem “As palavras aprisionadas”, publicada em 7 de setembro de 1976, no jornal alternativo *Versus*, do qual foi editor, e reproduzida na dissertação de Mestrado de Guilherme Fernandes de Azevedo (2004), Faerman faz algumas reflexões sobre jornalismo e reportagem. No que tange à formação do repórter e seus desafios, ele afirma:

O texto nasce do olhar do repórter sobre a realidade. Mas um olhar que não baixou para a realidade pode modificar as palavras [...] No jornalismo, uma casa ou pessoa tem apenas o mais limitado dos seus significados através do repórter. Seu verdadeiro significado é muito maior. O personagem existe num ser concreto, como você e eu [...]. A busca de uma realidade implica uma linguagem capaz de captá-la [...] Essa linguagem não é uma fuga. É o único caminho para nos levar à débil captação de uma sociedade e de suas contradições. E da única coisa que nos interessa: o ser humano sufocado em sua vontade de ser (AZEVEDO, 2014, p. 106-108).

Oswaldo Coimbra, em *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*, citando o poeta, ensaísta e tradutor Cláudio Willer, coloca as narrativas de Faerman como exemplo da tênue fronteira que separa narrativa literária e jornalística:

As reportagens do *Jornal da Tarde* e no tablóide *Versus*, de São Paulo, podem ser lidas não só como um conjunto de documentos históricos e sociológicos, mas ainda como alegoria e exercício do "prazer do texto", e como criação de novos códigos de metalinguagem. Willer classifica a produção de Faerman como um jornalismo mais solto, sem pudor de ser literário, "sensível e belo como texto" (COIMBRA, 1993, p.18).

Entremos no estádio. Quando aborda o que caracteriza como “ambientação reflexa”, aquela em que *as coisas são percebidas através das personagens, sem a intromissão do narrador*, Coimbra (1993) poderia utilizar como exemplo “Os habitantes da arquibancada”. As citações feitas por Azevedo e Coimbra encontram eco na reportagem com a qual Faerman mistura-se aos torcedores e nos revela as diversas reações provocadas pelo jogo de futebol durante disputas envolvendo Corinthians, Santos, Palmeiras, São Paulo e Portuguesa nos estádios Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi) e Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu).

O repórter combina três tipos de reportagem estudados por Medina e Leandro (1973, p.45-46). Produz principalmente a *reportagem individualizada, que particulariza o fato por meio da humanização e interpreta uma situação objetiva na vivência de um personagem*. E são vários os personagens que ele retrata: um deles é o corintiano fanático, representante das plebes urbanas, apaixonado pelo clube: “O Corinthians estava fora do Nacional. Fui para casa triste, desesperado [...] misturei soda com cáustica [sic] e tomei”; ou a declaração de amor do torcedor santista: “Gostaria de ir com meu time até o Planeta Marte”.

O jornalista utiliza ainda a “reportagem de contexto, com conteúdo informativo, que se detém no presente [...], mas complementa a matéria com outros fatos correlacionados, de reconstituição histórica”. Não escapa a Faerman, quando aborda a torcida da Portuguesa, frisar a utilização do nome do ditador Antonio de Oliveira Salazar (1889-1970) pelos torcedores rivais, quando se dirigem aos torcedores da Lusa, como também é conhecida a Associação Portuguesa de Desportos. “Ó Salzaire, tu tem pé- quente [sic]”, descreve Faerman, sem deixar de frisar a maneira pitoresca como o

nome do presidente português é pronunciado.

Que universo é esse que se revela, no ambiente de uma simples arquibancada de concreto, um mundo de histórias e vivências? É o abraço das múltiplas narrativas. “O diálogo entre saberes implica o reconhecimento compreensivo da alteridade epistemológica. É entender que, na disputa de significados nos espaços disciplinares científicos, a compreensão está em entender, nesse outro, um interlocutor a partir do qual outras instâncias da realidade podem ser sonhadas – vistas, talvez até explicadas” (KÜNSCH, 2014, p. 29-30). No texto de Faerman encontramos também um dos ensinamentos de Künsch (2015) sobre os dons da palavra na narrativa – “a palavra que cura”, de Hipócrates –, no jornalismo compreensivo, na arte de contar a vida, quem fala e seu mundo.

Como forma de abarcar uma realidade tão rica, o repórter do JT utiliza ainda vários focos narrativos estudados por Coimbra (1993). Ora ele é o “narrador testemunha e protagonista”, que desenvolve a narrativa em primeira pessoa, aparece como personagem e testemunha do fato narrado, em tempos onde não havia ainda o “politicamente correto”: “Terminou o primeiro tempo de Santos e Palmeiras, e ninguém imaginava que o jogo podia virar: Alguns santistas suspiravam e falavam baixinho que era uma vergonha ver alguns perna-de-pau com a camisa em que jogou o Negrão”. Em outros momentos, Faerman é o “narrador onisciente”, que desenvolve a narrativa em terceira pessoa, não apenas conhece todos os fatos, mas inclusive mostra conhecer os pensamentos dos personagens: “Não bastassem todos os problemas, mais essa, pensou Adalberto”, referindo-se ao torcedor do Santos durante uma discussão com torcedores do São Paulo.

Com estilo próprio e voz autoral, Faerman produz uma *reportagem de humanização* (Medina e Leandro, 1973), que leva o leitor ao estádio e faz com que conviva com os torcedores mais fanáticos, quase personagens de ficção que o futebol tem o dom de criar. Por meio da reconstituição psicológica, onde o mundo interior do personagem noticioso se liga aos fatos objetivos, fundindo tempos biográficos, articulando fonte e narrador. Assim é com Batata, torcedor-símbolo do Corinthians, que Faerman descreve em tom épico, usando algumas palavras em negrito, marcando o personagem, suas expressões mais enfáticas, revelando os sentimentos mais apaixonados e mesmo incoerentes:

**Batata** está quieto. Batata está sofrendo. Batata é mais do que um corintiano. Batata é o corintiano suicida [...] O que não lutaria **Batata** com a camisa do Corinthians? Ele às vezes fica deitado, pensando nisto: o que não lutaria pelo seu Corinthians, lá dentro de campo? (JORNAL DA TARDE, p. 10).

A paixão não pode ser medida. Possui dimensões variadas. Assim, o repórter do JT percorre vários tempos narrativos descritos por Coimbra (1993, p. 51-52). Por exemplo, o “tempo psicológico”, que não corresponde às medidas objetivas, onde passado e presente são momentos imprecisos, fundidos:

[...] um dia no meio da torcida do Corinthians mostra coisas inesperadas...Sim, os corintianos, hoje em dia, torcem mais pela sua torcida do que pelo time que está jogando [...] podem perder mil campeonatos que serão cada vez mais corintianos (JORNAL DA TARDE, p.10).

Os personagens do repórter não existem apenas em um “espaço físico”, o estádio, como mostra Coimbra (1993, p.65-68), mas também em um “espaço social”, onde a atmosfera que reina em certos ambientes é apreendida: “No Pacaembu só se viam bandeiras corintianas, imensas, de muitos metros, e gritos corintianos [...]”, e no “tempo psicológico”, que torna evidente atmosferas densas:

O palmeiras foi lá e fez um gol. Um moço santista, com a cara marcada numa briga de torcidas, não aguentou. Veio correndo até onde estavam os são-paulinos e gritou: “O que é que vocês estão fazendo aqui no meio da gente?” (JORNAL DA TARDE, p.10).

Quando um repórter narra uma ação que tem como pano de fundo seres humanos, deve colocar o leitor em contato com pessoas de carne, osso e traços culturais e históricos com os quais ele pode eventualmente se identificar. Para tanto, Faerman reproduz o linguajar de duas tradicionais colônias de São Paulo: a italiana, ligada à Sociedade Esportiva Palmeiras (que até a Segunda Guerra Mundial tinha como nome oficial Palestra Itália, modificado para evitar a associação ao líder fascista italiano Benito Mussolini); e a Portuguesa, cuja história política até o fim da década de 60 esteve marcada pela ditadura de Salazar, em Portugal. Como forma de moldar o tempo narrativo à dinâmica acelerada do duelo verbal entre as torcidas, o repórter utiliza parágrafos curtos, alternando frases de cada personagem. Assim, mais uma vez, Faerman oferece ao leitor uma verdadeira colagem de vozes, imagens e sentimentos:

Pra frente Palestra — gritava o velho palmeirense, com sotaque italiano, enquanto olhava os crioulos de cabelo black-power...que zombavam! [...] Ó Salazaire, tu tem pé-quente! gritava o patriócio

brincalhão — os dois se abraçavam, animadíssimos [...] Não ficou triste nem com o empate, depois. Ao menos a festa dos seus vinte anos de Brasil não teria uma derrota de sua Lusa, pensava, enquanto uns são-paulinos gritavam para o juiz:

- Ladrão, Ladrão (JORNAL DA TARDE, p.10).

Figura 8: reportagem “Os habitantes da arquibancada”, de 9 de maio de 1975

Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo.



Marcos Faerman recebeu Prêmio Esso de Jornalismo pela matéria.

### 3.3 “Avisar o soldado que ele morre antes do meio dia”

Em 1967 – inspirado pelas rebeliões camponesas que levaram ao poder Mao Tsé-tung, na China (1949), e Fidel Castro, em Cuba (1959) –, o Partido Comunista do Brasil (PC do B) iniciou na região do rio Araguaia, entre o sul do Pará e o norte de Goiás, o que historicamente ficou conhecido como a “Guerrilha do Araguaia”. O objetivo dos guerrilheiros era derrotar a ditadura militar que se implantara no Brasil em 1964, “abrir uma frente revolucionária no interior do país, incorporar as massas da área rural, criar um exército popular, envolver os trabalhadores urbanos e deflagrar uma guerra popular prolongada” (Morais e Silva, 2005, p. 28). O desfecho do confronto com o Exército Brasileiro ocorreu em 1975 e do ponto de vista militar resultou favorável às forças do governo. “Foram mortos mais de 50 militantes do PC do B após cruel repressão que se abateu sobre a população de toda a região” (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1985, p. 99).

Por conta da censura aos meios de comunicação, o conflito só veio à tona em 1979 – quatro anos após seu encerramento –, por meio de uma série de reportagens pioneiras do JT assinadas por Fernando Portela. Como forma de reconstituir a história do conflito, o repórter viajou por mais de dois meses pela região, entrevistou militares que participaram das operações, ex-guerrilheiros, trabalhadores rurais, pesquisou arquivos, processos judiciais, livros, jornais, publicações clandestinas. Os critérios de apuração aparecem logo na apresentação da reportagem: “Quase tudo o que me foi dito em São Paulo e repetido no sul do Pará mereceu crédito. As informações que não coincidiram foram simplesmente postas de lado” (JORNAL DA TARDE, 1979, p.1).

Portela analisa detidamente as táticas dos guerrilheiros aplicadas contra as tropas do Exército na selva e a estratégia militar do governo para derrotar a guerrilha. Antes de qualquer coisa, a reportagem de Portela chama a atenção pela formulação do título: “Avisar o soldado que ele morre antes do meio dia”. Ao abordar a elaboração dos títulos nas grandes-reportagens, Medina (1978) frisa que a mensagem jornalística, como um produto de consumo da indústria cultural, *desenvolveu uma componente verbal específica, que serve para chamar a atenção e conquistar o leitor para o produto/matéria* (1978, p. 137). Aqui, o repórter atrai o leitor como se o convidasse a assistir a um bom filme de faroeste.

Seja como for, Portela não deixa de narrar uma saborosa reportagem de ação, a *action-story* estudada por Sodré e Ferrari (1986), onde o repórter faz “um relato mais ou menos movimentado, que começa pelo fato mais atraente, para ir descendo aos poucos na exposição dos detalhes. O importante, nessa reportagem, é o desenrolar dos acontecimentos de maneira anunciante, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme” (1986, p.52).

Em sua abertura, o repórter do JT utiliza ainda referenciais próximos à vida do leitor e “busca temas subjacentes à pauta que a torne de interesse universal” (Lima, 2009, p.366-365), realiza a *universalização temática* e informa que os militares brasileiros, adestrados em guerras de guerrilhas, esperavam encontrar no Araguaia um cenário parecido ao do Vietnã. Militares de um lado, guerrilheiros de outro. O leitor, mergulhado em um mar de informações muitas vezes nebulosas e difíceis de decifrar. Nesses termos, um dos méritos do repórter é, como aponta Künsch (2010, p.17) no contexto do pensamento compreensivo, convocar “o viajante a se enfronhar pelas redes da contextualização. Do texto e de seus contextos”.

Os guerrilheiros nacionais não chegaram a usar as sofisticadas táticas dos vietcongs, como aquela famosa armadilha que o cinema já mostrou algumas vezes, com grande efeito para a plateia: um buraco bem fundo, com uma leve esteira por cima, e camuflado de humo, folhas secas, pequenos arbustos; ao cair, o soldado 'ianque' é transpassado por estacas de bambu, afiadíssimas e envenenadas. Alguns de nossos oficiais, cursados em guerra antiguerrilha, esperavam encontrar algo parecido, no Araguaia. Nesses cursos, as incríveis táticas vietcongs são estudadas, esquematizadas, assim como todas as maneiras de escapar delas. São as chamadas armadilhas antipessoais. De qualquer forma, não faltou imaginação à guerrilha brasileira ( JORNAL DA TARDE, 19/1/1979, p. 11).

Como forma de permitir a “visualização” do cenário que a reportagem vai descortinar, ou seja, um combate na selva do Araguaia, a metade superior da página é ocupada por um storyboard.<sup>14</sup>

Nela, o repórter vale-se do que Coimbra (1993, p.57) classifica na estrutura da reportagem narrativa como retardação “através de micronarrativas”. “O segmento correspondente ao presente (ao “agora” instalado no texto) é fragmentado em vários

---

<sup>14</sup> Recurso constituído de ilustrações, ao modo das histórias em quadrinho, utilizado em jornais e revistas, para fazer com que o leitor “veja” a cena narrada na matéria.



segmentos menores que, espalhados entre os segmentos correspondentes a outros planos de tempo e separados apenas por linhas ponteadas, funcionam como micronarrativas”. Aqui o leitor é apresentado às cinco fórmulas empregadas pelos guerrilheiros do PC do B para liquidar as tropas do Exército: 1) “Tática da emboscada”, 2) “Emboscada dissimulada”, 3) “Tática de retardar avanço de pelotão”, 4) “Tática de guerra psicológica” e 5) “Tática de camuflagem”. Ao descrevê-las, Portela assume a postura do “narrador onisciente” lembrado por Coimbra, trabalha o texto em 3ª pessoa, não apenas conhecendo todos os fatos, mas, inclusive, mostrando conhecer o pensamento dos personagens.

Portela descreve cada ação valendo-se do “tempo psicológico”, modalidade de expressão do tempo narrativo estudada pelo autor de *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. Aqui, “o tempo não corresponde a medidas objetivas, já que é composto por uma cadeia onde se narram estados internos, subjetivos. O passado e o presente são momentos imprecisos, fundidos”.

O repórter também se vale da *retardação através de digressões, desvio da sequência narrativa*, outro dos aspectos da estrutura da narrativa apontados por Coimbra (1993). Com ela, Portela remete o leitor a um tempo mitológico, neste caso vivido pelo cangaço, e faz até *considerações filosóficas*: “Os cangaceiros de Lampião chamavam de **atucaia**. Simples, antiga como o ódio entre os homens e sempre muito eficiente. A maioria dos soldados das forças do governo no Araguaia morreu assim”, informa ele ao narrar a “Tática de emboscada”, primeira da série.

Seguem-se a ela a cena da segunda tática (“Emboscada dissimulada”), na qual os guerrilheiros armam dispositivos de pólvora seca, do lado esquerdo de uma trilha na mata: “[...] Os soldados vêm pela trilha, com batedor à frente. Uma ação muito rápida: [...] o guerrilheiro atira para matar [...] após esse susto [...] o dispositivo de pólvora seca é acionado [...] criando uma segunda confusão [...] é só o guerrilheiro escolher seu alvo”.

A terceira tática faz parte das que podem ser “inventadas na hora”. O guerrilheiro atira em um soldado apenas para feri-lo e fazer com que urre de dor para amedrontar seus colegas de farda; ou colocar na trilha um objeto estranho (“um animal morto, amarrado de cabeça para baixo”) para atrasar a marcha dos militares. “O pelotão sempre vai parar e perder muito tempo até descobrir que aquilo não é nada”. Sobre esta tática, Portela aplica a “antecipação de momentos posteriores ou anteriores” – duas das

modalidades de retardação do tempo narrativo apontadas por Coimbra – e revela ao leitor uma frase que supostamente ouviu de um oficial instrutor durante a apuração da reportagem: “Quanto mais moleque, mais perigoso se torna o guerrilheiro”.

Quando aborda as “Táticas de guerra psicológica”, o repórter demonstra claramente que suas apurações o fizeram garantir que os guerrilheiros “usaram bastante dessas táticas, que se mostraram eficientíssimas”. Portela apresenta o cenário por meio de uma *ambientação franca* (Coimbra, 1993, p.69), introduzida por ele na narrativa, e constrói a ação com a *força*, a *clareza* e a *tensão* postulados por Sodré e Ferrari (1986, p.76) para atrair o leitor e levá-lo a um clímax: Como a selva é densa, escura, e o guerrilheiro sabe andar nela sem fazer barulho, é relativamente fácil espionar os acampamentos das forças do governo [...] No outro dia, o pessoal do governo encontra bilhetinhos, assim: “Avisem o soldado Fulano que ele vai morrer antes do meio-dia”.

Medina e Leandro (1973), ao analisar a estrutura das grandes-reportagens, apontam a *estruturação cronológica dos fatos* como uma das formas do processo linear narrativo. Medina (1978) também caracteriza tal estruturação cronológica em sua análise sobre sequência informativa e ritmo narrativo no jornalismo como *ilusão cronológica ou tentativa de recomposição do real referendado*.

No rodapé da página, Portela vale-se dessa estruturação para demonstrar os três movimentos básicos da guerra de guerrilhas e a estratégia do governo para derrotar os guerrilheiros. Aqui, texto e ilustrações à base de mapas e legendas identificando cada uma das forças em confronto se complementam para construir uma cronologia constituída por três movimentos: abril de 1972, outubro de 1972 e outubro de 1973. Note-se que o repórter não se limita a uma descrição fria e esquemática dos movimentos e áreas de ação, mas informa os efeitos psicológicos, o “clima emocional” após cada movimento, levando ao leitor uma informação importante para avaliar política e socialmente a amplitude das relações entre guerrilha, população e tropas governamentais.

No primeiro movimento, “[...] O governo ocupa toda a periferia do teatro de operações, com milhares de homens [...] Mas não consegue penetrar na mata [...] Os guerrilheiros fogem para a mata [...] O governo retira o grosso das tropas [...] os guerrilheiros são recebidos como vitoriosos nos povoados e aldeias [...]”. No segundo, “[...] Governo e guerrilheiros usam a mesma estratégia da primeira campanha, com os mesmos resultados [...] Os guerrilheiros são recebidos não como vitoriosos, mas como

heróis”. No terceiro movimento, “agentes oficiais dos serviços de informação infiltram-se na região como fazendeiros, forasteiros, viajantes. As forças do governo atacam com o grosso de suas tropas [...], usando muita violência contra as populações e chegam mais próximas dos guerrilheiros [...] Cercados, os guerrilheiros começam a perder soldados” (JORNAL DA TARDE, 19/11/79, p. 11). Em janeiro de 1975 a guerrilha já estava derrotada.

Prova de que Portela efetuou um importante trabalho de pesquisa e se valeu de fontes privilegiadas, o repórter exhibe o primeiro e o oitavo dos nove comunicados, elaborados entre 1972 e 1974, que as Forças Guerrilheiras do Araguaia distribuíram à população da região do conflito, de São Paulo e do Rio de Janeiro. O jornalista ainda apura que os documentos foram redigidos na capital paulista, por um “comitê de organização” da guerrilha ligada ao Comitê Central do PC do B. Tais documentos eram levados ao Araguaia por elementos de ligação classificados como “pombos-correios”.

Nesta reportagem, identificamos que o jornalista combina dois modelos de reportagem preconizados por Sodré e Ferrari (1986): a de fatos (*fact-story*), com o “relato objetivo de acontecimentos, que obedece na redação à forma da pirâmide invertida [...], mas que pode fazer de cada flash uma pequena notícia independente”, e a documental (*Quote-story*), onde os elementos são apresentados “de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado”.

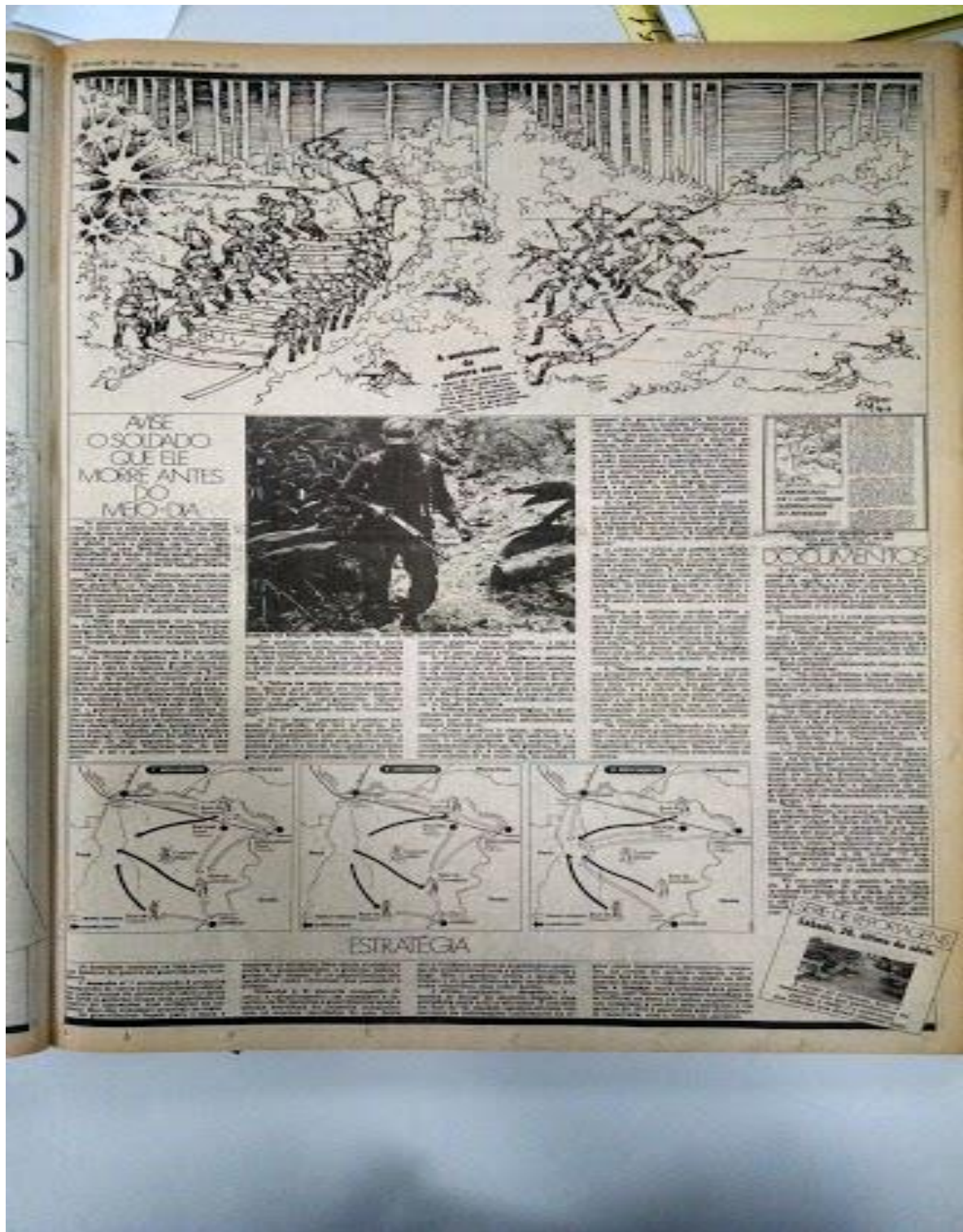
Portela reproduz trechos literais do comunicado, que denuncia o primeiro ataque das forças governamentais contra a guerrilha, e deixa aos próprios guerrilheiros o julgamento das ações: “[...] Este traiçoeiro ato de violência praticado contra honestos trabalhadores do campo é mais um dos inúmeros crimes que a ditadura militar vem cometendo em todo o país contra camponeses, operários, democratas e patriotas [...]”. Em outro trecho, os guerrilheiros relatam feitos militares: “[...] Na zona próxima a Santa Cruz, alguns combatentes dessas forças defrontaram-se com inimigos superiores em número, matando um, ferindo outro e dispersando os demais [...]”. Já o comunicado número 8 é escrito em tom de desespero e pede apoio à guerrilha. “[...] As forças guerrilheiras do Araguaia apelam a todos os habitantes do Pará, Goiás, Maranhão e Mato Grosso para que intensifiquem sua ajuda aos combatentes da selva e criem toda sorte de dificuldades para as tropas federais”.

A reportagem informa ainda que os guerrilheiros redigiam e imprimiam em São Paulo, para ser distribuído no Araguaia, o jornal tabloide *O Araguaia*, com dez páginas

e circulação mensal. Portela revela: “No seu número de janeiro de 75, quando a guerrilha já estava aniquilada (a ordem de dispersar foi dada pelo Comitê Central do PC do B em maio de 1974), o editorial de *O Araguaia* continuava pedindo apoio aos combatentes”.

Figura 9: Reportagem “Avisar ao soldado que ele morre antes do meio-dia”, de 19 de janeiro de 1979

Fonte: Arquivo O Estado de S. Paulo



Reportagem pioneira revelou existência de guerrilha na selva contra a ditadura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma das estrofes mais pungentes da música “Pedaço de mim”, Chico Buarque canta a dor das separações e da saudade: Oh, pedaço de mim / Oh, metade arrancada de mim / Leva o vulto teu / Que a saudade é o revés de um parto / A saudade é arrumar o quarto / Do filho que já morreu. Talvez uma das tarefas mais difíceis para um jornalista seja escrever sobre o jornal que era seu e sobre tantos outros sem ser piegas, saudosista ou cego à jornada da vida.

Este trabalho que agora concluo é, antes de tudo, um acerto de contas sereno com um ente que deu a mim e a milhares de profissionais da comunicação no Brasil um belo exemplo de bom jornalismo, um caminho a ser seguido e ampliado. Para aprender a construir o caminho caminhando. O JT foi – por quase meio século – um ganha-pão e o pão que alimentou o corpo e o espírito de milhões de repórteres, redatores, editores, fotógrafos, diagramadores, contínuos e especialmente leitores. É um acerto de contas que mal começou, que prossegue e ainda prosseguirá. Por certo, ainda levaremos – pesquisadores, jornalistas – muitos anos tentando identificar seu DNA, resgatar e entender a concepção, o crescimento e a glória do JT.

Bons guias me orientaram nesta pesquisa. Entre eles o velho ex-colega e amigo Edmundo Leite, no arquivo de *O Estado de S. Paulo*. Ele e eu numa jornada árdua, noturna, por alguns dias madrugada adentro e às vezes erráticas entre cadernos que guardam em suas páginas amareladas a história e as histórias do JT, as primeiras ideias e concepções. Depois, a formação da primeira equipe, os números zero, as primeiras matérias, fotos, diagramações. Acertos e erros colossais, como só os grandes jornais podem produzir.

Esta dissertação é também inventário profundo e vagaroso das muitas obras que o JT deixou para todos nós. grandes-reportagens que ainda hoje – passados cinquenta anos de seu nascimento – nos deixam surpresos com tanta inventividade e vigor. Aqui,

utilizei três. Percorri suas narrativas, tornei a encantar-me com suas paisagens e personagens. Em suas entrelinhas descobri mundos e segredos que meus olhos de adolescente – ou dos adultos desinformados pela censura da ditadura militar – jamais poderiam conhecer.

Mais do que nunca, comprovei, o jornalista contemporâneo defronta-se com o desafio de ajudar as pessoas a se orientar em meio ao caos e às múltiplas teias de fatos que fazem do cotidiano labirinto difícil de percorrer, repleto de falas (polifonias) e sentidos (polissemias). Apartado da arrogância daquele que acredita tudo saber e tudo poder explicar, o jornalista, tal como um mediador, nas palavras de Dimas Künsch em seu artigo "A palavra que cura, a narrativa e o jornalismo interpretativo", "é alguém que trabalha para que a interpretação se torne possível", e para que o ato interpretativo traduza, de fato, "um movimento em primeiro lugar do leitor, da audiência, do cidadão".

Neste inventário estiveram a meu lado os melhores guias, professores e professoras que me emprestaram sua bússolas, réguas e compassos para que eu traçasse o mapa da pesquisa. Enfronhado nela, quando via apenas floresta, mais uma vez orientou-me Künsch, guia na emaranhada mata de conhecimentos deste e de outros mundos. Mostrou não apenas florestas, mas árvores, plantas e picadas às vezes fechadas e traiçoeiras das teorias. Apresentou-me também suas obras e as de outros autores que desconhecia ou pensava conhecer.

Com suas lições aprendi que muitos dos repórteres e suas obras por mim selecionadas eram fruto da influência de anos e anos de estudos, aprendizados e construções de sentidos por eles apreendidos. Surgiu da busca de um pensamento compreensivo e de um conhecimento plural, gerado na aurora da literatura e do jornalismo. Outros eram de uma genialidade espontânea, de uma força criativa e sensível que vinha de uma natureza que apenas os repórteres por vocação podem ter. Essas reportagens serviram como ponto de partida para tantos estudos que nos orientam e orientarão.

Foi um inventário cheio de medos. Receio de ser cego ou injusto, de escolher apenas algumas histórias entre um mundo de tantas outras, tão ou mais extraordinárias. Ávido em abraçar o mundo, valeu-me mais uma vez a experiência do paciente orientador, a apontar o que meus braços poderiam envolver com segurança. Creio ter feito as escolhas possíveis e melhores para mostrar que as três reportagens mantinham

ainda suas páginas quentes e apaixonantes. Estou certo de que elas podem nos ensinar onde e como se fazem as grandes-reportagens. Provam que o jornalismo pós-industrial e os avanços tecnológicos que o acompanham não representam necessariamente a decadência da profissão ou do profissional. Tampouco representam a negação da criatividade e da ousadia com a qual são tecidas as grandes narrativas. Estas estão ainda presentes na imprensa – seja ela no papel ou nas múltiplas telas. Nelas, o JT nunca morrerá.

Mas, agora, depois dessa “viagem” sob o embalo da música “Pedaço de mim”, de Chico Buarque, retornemos o fio das formalidades que traduzem exigências de um trabalho acadêmico nesta parte, dedicada às considerações finais, ou, tradicionalmente, às “Conclusões”.

Este trabalho de dissertação buscou compreender os modos de produção narrativa construídos pelo JT. Neste sentido, os estudos de Cremilda Medina, Paulo Roberto Leandro, Dimas Künsch, Edvaldo Pereira Lima, Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari e Oswaldo Coimbra proporcionaram a este pesquisador as bases teóricas para entender o JT no âmbito da história do jornalismo mundial e brasileiro, da produção das grandes-reportagens, que privilegiam as narrativas textuais e imagéticas pautadas na apuração árdua e ética dos fatos, sem perder de vista aspectos como criatividade e a humanização do relato jornalístico. Essa compreensão também foi possibilitada por meio de pesquisa realizada no arquivo do jornal O Estado de S. Paulo – cujo acervo guarda todas as reportagens em edições impressas do JT –, de bibliografia voltada à história do jornal, sites, entrevistas com jornalistas que fizeram parte de sua história e de minha própria vivência como repórter e editor do jornal por cerca de 15 anos.

Como forma de estruturação da pesquisa a dividi em três capítulos. No primeiro, intitulado “Jornal mais surpreendente que a notícia”, pesquisei a história do JT – principalmente no que se convencionou chamar de período áureo, entre as décadas de 1960 e 1980 – à luz da conjuntura política, econômica e cultural do Brasil e do mundo neste período histórico. Neste capítulo, de modo a revelar um pouco do universo criativo presente no JT, me detenho tanto nas reportagens estudadas no segundo capítulo desta dissertação como em outras, que fizeram história no jornalismo.

No segundo capítulo, intitulado “Um jeito diferente de narrar”, realizei um estudo teórico da reportagem enquanto gênero jornalístico que dá à informação um



tratamento de maior qualidade, que busca não apenas o fato supostamente objetivo, mas que procura revelar ao público, de forma aprofundada, as conexões entre os fatos narrados, a realidade que cerca e a história que os origina. Para tanto, tomei por base os autores brasileiros, citados nestas conclusões, com reconhecida produção teórica na área.

Em “O DNA das grandes reportagens”, título do terceiro capítulo, foi feito um estudo aprofundado de três grandes reportagens do JT: “Os habitantes da arquibancada”, de Marcos Faerman; “Primeira aventura na Transamazônica”, de Fernando Morais e Ricardo Gontijo e “Avisse o soldado que ele morre antes do meio dia”, de Fernando Portela. Nelas, demonstro não apenas sua singular construção enquanto texto jornalístico, mas faço conexões entre suas narrativas e os postulados teóricos presentes no segundo capítulo.

Isto posto, a dissertação que ora apresento ajudou a compreender a importância do JT – no âmbito do jornalismo brasileiro – no que se refere à elaboração das grandes reportagens e muitas narrativas inovadoras, realizadas em diferentes épocas por uma gama diversa de jornalistas. Mostrou que, embora tais qualidade de texto possam ser encontradas em produções historicamente anteriores, algumas delas datadas do século XIX, no Brasil e em outros países, os repórteres do JT revelaram sua característica autoral. Cada um à sua maneira, amparados na ética profissional, no esforço de apuração, eles fizeram da habilidade e criatividade narrativa uma ferramenta que ajudou a orientar o leitor – inclusive durante épocas de arbítrio político – na compreensão de um mundo repleto de informações muitas vezes díspares e caóticas.

O estudo aqui apresentado mostra ainda que as narrativas do JT tiveram o mérito de possuir olhos e espírito aberto ao pensamento dialógico, considerados por este pesquisador cada dia mais importantes no sentido de fazer frente ao pensamento de tendência puramente racionalista, mecanicista e simplificadora, presente não apenas no jornalismo, mas em vários outros campos do conhecimento. Neste sentido, o resgate histórico e o conteúdo teórico empregado nesta dissertação, somados a reportagens como “Os habitantes da arquibancada”, “Primeira aventura na Transamazônica”, e “Avisse o soldado que ele morre antes do meio dia”, apenas para citar três eleitas por este pesquisador, nos levam às seguintes conclusões:

- a) As grandes narrativas produzidas pelo JT não foram apenas resultado da rica

conjuntura política e cultural dos anos 1960. Representam em grande parte o potencial subjetivo de jornalistas de qualidade, criativos, conectados à sua época e de olhos abertos às perspectivas que se abriam ao jornalismo em suas variadas fórmulas. Parte dos méritos para a produção desse tipo de jornalismo cabe objetivamente à decisão dos diretores de *O Estado de S. Paulo*, que investiram tempo e capital para tornar o JT uma realidade.

b) O surgimento do JT, assim como de revistas como *Realidade* e *Veja*, para citar dois títulos lançados na mesma época, e que não foram objeto desta dissertação, não seria possível sem a herança histórico-teórica de alguns precursores do chamado jornalismo-literário brasileiro e internacional, como João do Rio, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Tom Wolfe, Truman capote e Norman Mailer.

c) Junte-se à conclusão anterior ao fato de o moderno jornalismo brasileiro ter sido favorecido pelas condições econômicas que levaram, em meados do século XX, a um impulso na industrialização do Brasil e no conseqüente crescimento urbano do país, fatores que propiciaram o surgimento de uma sociedade de consumo afeita ao produto jornal.

d) A crise do modelo de jornal impresso, supostamente associada ao surgimento da internet, não significa diretamente uma fase terminal do jornalismo enquanto método de produção e divulgação de informações. Acredito que passamos por um período de transformação histórica de modelos e plataformas jornalísticas. A propalada crise do jornalismo tampouco significa o fim das grandes reportagens, das narrativas de qualidade ou do jornalismo literário, como o provam publicações como as revistas *Piauí*, *Caros Amigos* e *Carta Capital*, para citar apenas algumas.

Por fim, penso que o trabalho aqui apresentado tem um caráter de colaboração teórica para que futuras pesquisas abordem novas questões e conclusões a respeito da história das narrativas jornalísticas e do futuro da comunicação e do jornalismo no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, C.W.; BELL, E.; SHIRKY, C. O Jornalismo Pós-Industrial. **Revista de Jornalismo ESPM**. São Paulo, ano 2, n. 5, p. 30-40, abr. 2013. Disponível em: <[http://www.espm.br/download/2012\\_revista\\_jornalismo/Revista\\_de\\_Jornalismo\\_ESPM\\_5/files/assets/common/downloads/REVISTA\\_5.pdf](http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf)>. Acesso em: 01 jul. 2015.

ANGELO, I. O Jornal da era de Aquário. In: PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Secretaria especial de comunicação. **NEW journalism: a reportagem como criação literária**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2003. p.75-80. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil Nunca Mais**. 3ª ed. Petrópolis, 1985.

AZEVEDO, G. F. **Jornalismo é poesia: uma viagem compreensiva pela obra de Marcos Faerman**. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2014.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa In: **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 18-58

BATTAGLIA, V. **Ah!**: Atestado de óbito do Jornal da Tarde e outras histórias do jornalismo. São Paulo: Editora detalhe, 2012.

BRICKMANN, C. Crônicas de uma morte anunciada. **Observatório da Imprensa**. São Paulo, 23 out. 2012. Disponível em <[http://observatoriodaimprensa.com.br/circo-da-noticia/ed717\\_cronica\\_de\\_uma\\_morte\\_anunciada/](http://observatoriodaimprensa.com.br/circo-da-noticia/ed717_cronica_de_uma_morte_anunciada/)>. Acesso em: 1 ago. 2015. ok

\_\_\_\_\_. Especial: Jornal da Tarde. **Quíper**. Sorocaba, jul. 2014. Disponível em: <<http://quiper.com.br/especial-jornal-da-tarde/>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro Editora, 2015.

CARTA, G. **O velho novo jornalismo europeu**. In: PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Secretaria especial de comunicação. **New journalism: a reportagem como criação literária**. Rio de Janeiro: Secretaria especial de comunicação, 2003. p. 39-52. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

CHAGAS, C.; MAYRINK, J. M.; PINHEIRO, L. A. **3X30: os bastidores da imprensa brasileira**. São Paulo: Best Seller, 1992.

COIMBRA, O. **O Texto da Reportagem Impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

FARO, J. S. **Revista Realidade 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira**. [S.l.: s.n.]. 1998. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/artigos/revistarealidade.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

FAUSTO, B. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2012.

FERRARI, M. H.; SODRÉ, M. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

FONTCUBERTA, M.; BORRAT, H. **Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción**. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

GRECO, A. Copas Eternas. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 31 out. 2012. Blogs Antero Greco. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/blogs/antero-greco/capas-eternas/>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

JÚNIOR, José Ferreira. **Capas de jornal: A primeira imagem e o espaço gráfico visual**. São Paulo: ed. Senac, 2003.

JORGE, M. *Especial: Jornal da Tarde*. **Quíper**. Sorocaba, ago. 2014. Disponível em: <<http://quiper.com.br/especial-jornal-da-tarde-03/>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

JORNAL DA TARDE. Caderno especial **Meus 20 anos: Entre**. Você está convidado a comemorar conosco. São Paulo, p. , 6 jan. 1986.

\_\_\_\_\_. **Primeiro transplante de coração na América do Sul.** São Paulo, p. 2-9, 26 maio 1968.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

KÜNSCH, D. A. **Maus pensamentos:** os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

\_\_\_\_\_. A palavra que cura, a narrativa e o jornalismo interpretativo. **Revista Líbero**, n.36, p. 15-26, jul./dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Comunicação, jornalismo e compreensão. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. Disponível em: < <http://www.nacorrenteza.jor.br/blog/wp-content/uploads/2012/02/jornalistas-e-revolucionarios-kucinski.pdf>>. Acesso em: 20 jul.2015.

LEITE, Paulo Moreira. **Réquiem para um jornal:** o fim do jornal que mostrou a notícia além das palavras. Edição digital da Revista Época. São Paulo, 2/11/2012. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/11/requiem-para-um-jornal.html>>. Acesso em 23/2/2016.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009.

MEDINA, C. A. **Notícia:** um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

\_\_\_\_\_. **A arte de tecer o presente.** 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, C.A. e LEANDRO, P.R. \_\_\_\_\_ **A arte de tecer o presente:** jornalismo interpretativo. São Paulo: Edição dos Autores, 1973.

MORAIS, F. Protagonistas da imprensa brasileira. **Jornalistas & Cia**, São Paulo, ed. 15, 20 set. 2010, p. 1-26. Disponível em <<http://www.jornalistasecia.com.br/edicoes/protagonistas15.pdf>> Acesso em 24 jul 2015.

MORAIS, T e Silva. E. **Operação Araguaia:** os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

MORIN, Edgar. **Meu Caminho**: entrevistas com Djénane Kareh Tager. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

NASSIF, L. O histórico da Crise da Dívida Externa Brasileira. **Jornal GGN**: o jornal de todos os Brasis, São Paulo, 22 fev. 2014. Luis Nassif Online. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/noticia/o-historico-da-crise-da-divida-externa-brasileira>>. Acesso em: 25 ago.2015.

O ESTADO DE S. PAULO. Grupo Estado anuncia revisão de portfólio. **Estadão**, São Paulo, 29 out. 2012. Disponível em: <[http://economia.estadao.com.br/noticias/geral\\_grupo-estado-anuncia-revisao-de-portfolio,132724e](http://economia.estadao.com.br/noticias/geral_grupo-estado-anuncia-revisao-de-portfolio,132724e)>. Acesso em: 28 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Imagens fortes ficaram daquele caos em 1967. **Estadão**, São Paulo, 19 jan. 2011. Disponível em: <[http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral\\_imagens-fortes-ficaram-daquela-caos-em-67-imp-668156](http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral_imagens-fortes-ficaram-daquela-caos-em-67-imp-668156)>. Acesso em: 2 ago. 2015.

PORTELA, F. **Guerra de Guerrilhas no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Editora Globo, 1986.

\_\_\_\_\_. Especial: Jornal da Tarde. **Quíper**. Sorocaba, 30 jul. 2014. Disponível em: < <http://quiper.com.br/especial-jornal-da-tarde-02/>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. Secretaria especial de comunicação. **New journalism**: a reportagem como criação literária. Rio de Janeiro: Secretaria especial de comunicação, 2003. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

RODRIGUES, Nelson. **A Pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013.

RIO, J. **A Alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnica de Reportagem**: Notas sobre a Narrativa Jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

SETTI, R. Pequena história de um jornal pioneiro que morreu: o 'Jornal da Tarde', de SP. **Veja**, São Paulo, 10 nov. 2012, Coluna do Ricardo Setti. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/pequena-historia-de-um-jornal-pioneiro-que-morreu-o-jornal-da-tarde-de-sp/>>. Acesso em: 1 ago. 2015.  
UOL NOTÍCIAS. "Morte do Jornal da Tarde me entristece em dobro", diz Mino Carta, idealizador do jornal. **UOL**. São Paulo, 29 out. 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/10/29/morte-do-jornal-da-tarde-me-entristece-em-dobro-diz-mino-carta-idealizador-do-jornal.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

VAIA, S. Réquiem para um jornal que nunca existiu. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 31 out. 2012. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/requiem-para-um-jornal-que-nunca-existiu/>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. IN: BARRETO, A. **Histórias que os jornais não contam mais**. São Paulo: editora Bela letra, 2013.

WERNECK, H. O meu Jornal da Tarde: lembranças de um dos mais belos e inovadores diários já feitos no Brasil, contadas por quem viveu a redação em seus melhores tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**. São Paulo, ano 2, n. 5, p. 22-29, abr. 2013. Disponível em:<[http://www.espm.br/download/2012\\_revista\\_jornalismo/Revista\\_de\\_Jornalismo\\_ESPM\\_5/files/assets/common/downloads/REVISTA\\_5.pdf](http://www.espm.br/download/2012_revista_jornalismo/Revista_de_Jornalismo_ESPM_5/files/assets/common/downloads/REVISTA_5.pdf)>. Acesso em: 25 jul.2015.

**ANEXO 1**  
**- ÍNTEGRA DAS REPORTAGENS ESTUDADAS**



***JT28/8/1970***

***“Primeira aventura na Transamazônica”.***

***Por Fernando Moraes e Ricardo Gontijo***

Terça-feira, um enorme caminho começará a ser aberto na Amazônia. Será o começo de uma aventura que os repórteres Fernando Moraes e Ricardo Gontijo e o fotógrafo Alfredo Rizzutti já viveram e contam aqui.

Quando a Transamazônica estiver pronta, daqui a dois anos, ligará o Oceano Atlântico, em João Pessoa, na Paraíba, ao Oceano Pacífico, em Lima, no Peru, ao unir-se ao trecho já em construção pelo governo peruano. Então, a América do Sul estará cortada, de leste a oeste, por uma única rodovia.

Por ela, o governo pretende transferir para o Norte os flagelados nordestinos que hoje fogem da seca, e povoar a Amazônia, uma das regiões mais ricas do Brasil em minérios e pedras preciosas. A estrada atravessará regiões que segundo os técnicos do governo, têm terras mais férteis do que as de São Paulo e do Paraná, e em cujas matas estão as madeiras mais valorizadas no mercado exterior. Antes de ligar Recife (Pernambuco) e João Pessoa (Paraíba) a Cruzeiro do Sul, no Acre, o governo terá de vencer tribos de índios selvagens, doenças tropicais desconhecidas, rios, e mosquitos transmissores de malária. E, principalmente, terá de vender os governadores nordestinos, que não concordam com a forma de custeio da construção da estrada: ela será paga com parte dos 30% do Imposto de Renda que antes eram destinados à Sudene.

Apesar dessas e de outras queixas, o presidente Médici decidiu: na terça-feira da semana que vem, dia 1º de setembro, as quatro empresas vencedoras da concorrência pública – construtoras Cristo Redentor, Mendes Júnior, Queiroz Galvão e Empresa Industrial e Técnica – começarão a desmatar a floresta amazônica. Será o início de uma das maiores aventuras já vividas no Brasil.

Para percorrer os 5.269 quilômetros de extensão da futura Transamazônica, nossos repórteres viajaram durante 33 dias. Rodaram 2.970 quilômetros de automóvel, nas estradas quase intransponíveis do trecho nordestino da rodovia; voaram 69 horas em aviões da FAB, aviões de aluguel e de companhias particulares; e viajaram 10 horas de barcos nos rios da Amazônia. Foram presos sob suspeita de terrorismo, no Maranhão, e confundidos com astronautas em Cajazeiras, interior do Ceará; passaram fome e sede e levaram um dia inteiro para atravessar, de carro, um trecho de 15 quilômetros de estrada de areia. Foram provavelmente os primeiros a percorrer

os 5.269 quilômetros da Transamazônica, o maior empreendimento rodoviário já projetado no Brasil. Neste e em outros dois cadernos, a serem publicados amanhã e segunda-feira, eles contam a aventura da viagem e mostram quem são as pessoas que viverão nas regiões cortadas pela estrada que representará a Transamazônica no desenvolvimento brasileiro.

### *“Km zero”*

Árvores pretas, secas, queimadas pelo sol. E fome.

Fazia um calor de 29 graus, às dez horas da noite, quando nós dois, mais o fotógrafo Alfredo Rizutti e o pernambucano José Denizete, motorista, saímos de João Pessoa, Paraíba, quilômetro zero da Rodovia Transamazônica.

Sabíamos que até o quilômetro 1.801 estaríamos viajando, com nossa camioneta Chevrolet C-1416, pela BR-230: ela será aproveitada como trecho inicial da Transamazônica.

Mas os primeiros quilômetros não foram como esperávamos. Pensávamos encontrar apenas uma picada aberta no meio do sertão, nunca aquela enorme rodovia asfaltada.

Essa impressão – uma certa surpresa – permaneceu conosco até a chegada a Campina Grande, duas horas depois. Campina Grande foi a nossa despedida da civilização e do conforto. E nós já esperávamos por isso. Dali por diante, não íamos ver mais as camas limpas dos hotéis, os garçons, o chuveiro quente.

Saímos no dia seguinte, às seis horas da manhã, e duas horas depois começávamos a sentir os primeiros sintomas da seca, os primeiros sinais de que já estávamos em pleno sertão.

A vegetação verde havia desaparecido completamente, e, à volta da estrada, só víamos enormes bosques de árvores secas, pretas, queimadas pelo sol. Entre elas, um capim curto, cinzento e uma ou outra vaca magra, comendo pequenos cactos, tão cinzentos como toda a vegetação. De vez em quando, pequenos bandos de carneiros e cabritos imundos à beira da estrada.

### *UMA RUA, UMA CIDADE*

Nossa primeira parada foi em soledade, um pequeno amontoado de casas em volta de uma única rua. Um ônibus semileito estava parado no meio da rua, os passageiros dentro do bar, tomando café e comendo pequenas broas de fubá. Um alto-falante instalado da porta do bar interrompe o samba-canção de Agnaldo Timóteo para uma notícia fúnebre:

"A família de dona Cila Nascimento cumpre o doloroso dever de comunicar o seu falecimento, ocorrido hoje, às oito horas da manhã, e convida para o sepultamento, às dezessete horas. Por mais esse ato de fé e caridade cristã, agradece".

Em seguida volta a música de Agnaldo Timóteo. Dentro do bar, pregadas na parede, em diversos tamanhos, 25 fotos de chefes de Estado e políticos famosos formam uma estranha galeria: Salazar, Rainha Elizabeth, de Gaulle, Fidel Castro, Franco, Mussolini, Stalin, Churchill, Roosevelt, Hitler, Kennedy, Duque de Caxias, Ranieri Mazzilli, Dom Pedro II, Epiácio Pessoa, Venceslau Brás, Washington Luís, Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Juscelino, Jânio, Castelo Branco, Costa e Silva, Juliana de Holanda e, fechando a galeria, Caryl Chessmann, o homem que foi morto na câmara de gás, nos Estados Unidos, e que escreveu vários livros tentando provar sua inocência. O dono do bar pede desculpas por ainda não ter foto do presidente Médici:

– Estamos esperando aparecer por aqui uma revista com um bom retrato dêle na capa. Já vi alguns em jornais velhos, mas até agora nenhum colorido. Vou esperar as revistas do Rio.

Partimos de nôvo. Na estrada cruzamos com vários outros semileitos, no que eles dão aos ônibus cujas poltronas podem ser reclinadas alguns centímetros para trás. Os ônibus comuns são caminhões adaptados, com a carroceria coberta por um teto de madeira e bancos, também de madeira, sem encôsto, atravessados de um lado a outro. Já era mais de meio-dia quando vimos um homem de meia-idade carregando um enorme saco de batatas sêcas na cabeça. Atravessada no saco, uma carabina chumbeira, carregada. O homem dizia ter 32 anos, mas parecia ter mais de 45 e estava andando desde o nascer do sol:

– Para chegar até à casa de minha mãe ainda tenho de andar até de noite

– E a espingarda, para quê é?

– Essas batatas que estou levando estão sêcas demais, não vai dar para comer. Já matei um periquito hoje, e, se não encontrar sal até de noite, a gente como êle assim mesmo, sem sal.

Mais 70 quilômetros e o asfalto termina. Chegamos a Patos, Paraíba, uma cidade empobrecida pela sêca, onde os habitantes não sabem mais como sobreviver. O rebanho da cidade, que já era pequeno, está quase literalmente dizimado pela sêca. Para a própria subsistência, a cidade tem conseguido manter pequenas lavouras de arroz, feijão e cana-de-açúcar. Quase todos os lavradores da cidade foram para as frentes de trabalho que o Exército mantém – junto com o Ministério do Interior e o DNER – nas regiões assoladas pela sêca. Mas a mão-de-obra disponível é muito grande e pouco especializada: os homens são aproveitados mais para justificar o salário de dois cruzeiros por dia que por necessidade de trabalho. E ali mesmo, perto de Patos, encontramos uma dessas frentes de trabalho com mais de 80 homens varrendo uma estrada de terra que seria cascalhada alguns dias depois. A sêca foi tão forte nessa região, o Cariri, que Patos perdeu cerca de 80 por cento de sua produção de algodão, a base da economia da cidade.

## **A ESTRADA NA CAATINGA**

A partir de Patos começamos a sentir que viajávamos por uma estrada que, na verdade, só existia em mapas. Em volta era a caatinga, um denso emaranhado de galhos secos, cactos e palmas cheias de espinhos. A estrada não passava e um caminho empoeirado, um palmo de poeira fina e amarela cobrindo tudo em volta. Dentro da camionete já estávamos com os cabelos, o rosto e o corpo inteiro coberto de pó. Às 15 horas, debaixo de um sol insuportável, chegamos a Malta, uma vilazinha de casas no meio do cerrado. Não valia a pena parar ali. Seguimos viagem, passando por Condado e São Bento, cidades menores e mais miseráveis ainda que Malta. Um pouco depois chegávamos a Pombal, lugar melhor que os anteriores; uma cidade calçada e com casas de comércio em volta da praça da matriz.

Vimos à primeira **Loja dos Pobres**, uma firma que daí em diante seria muito comum em toda cidade ou vilarejo. Na saída da cidade tomamos uma bifurcação e seguimos com destino a Cajazeiras, no roteiro da Transamazônica. Às vezes perdíamos quase meia hora, pedindo informações sobre que estrada deveríamos tomar para ir a tal cidade. Quase ninguém sabia dar informações, pois a maioria dos habitantes dessas cidades nunca viajou para fora delas.

Adiante de Patos encontramos outra frente de trabalho: flagelados trabalhando numa estrada do Exército. Obedecendo ao Plano de Emergência da Sudene, os Batalhões de Engenharia e Construções pagam dois cruzeiros por dia a cada flagelado que queria trabalhar nas frentes, independentemente de haver ou não haver trabalho para ele. Mesmo que seja para varrer uma estrada de terra, o importante é não deixar que morram de fome os que puderem, quiserem trabalhar. O pagamento é feito em mantimentos: dois quilos de farinha, feijão e arroz, e uma rapadura. Para os feitores, escolhidos entre os flagelados, e que exercem cargo e chefia, há uma quota de gordura acrescida ao pagamento. Os mantimentos são distribuídos semanalmente, sempre aos sábados.

Já estamos no quilômetro 418 da Transamazônica quando chegamos a Aparecida, cidade em que havia sido feita a distribuição de mantimentos aos flagelados das frentes de trabalho. Na praça da igreja, todos continuavam acorados, segurando seus embrulhos de mantimentos, à espera do caminho que os levaria de volta para casa.

### **“Km 418”**

**RUAS CHEIAS DE PESSOAS MAGRAS, SUJAS E FAMINTAS**

Mais 70 quilômetros na terra vermelha e chegamos a

Cajazeiras, a cidade mais importante da região, já no extremo oeste da Paraíba. Antes tínhamos passado por Souza, São Gonçalo e Marisópolis, todas muito parecidas umas com as outras, sempre com as ruas cheias de pessoas sujas, magras e famintas, olhando-nos com uma curiosidade muito grande. Em São Gonçalo, há um dos maiores açudes irrigados da Paraíba, mas inteiramente inutilizado: sua drenagem foi mal feita e, com o tempo, as águas foram-se tornando salgadas, não servindo para mais nada.

Pouco depois das oito horas da noite, o primeiro problema: uma pedra enorme corta o pneu da camioneta, obrigando-nos a passar meia-hora na escuridão, trocando o pneu. Enquanto dois substituíam o pneu rasgado por outro novo, os outros dois ficavam vigiando, um deles com o revólver. Não conhecíamos a região e as referências que nos haviam dado eram as piores possíveis. O medo era de que algum ladrão se animasse com aquele carro cheio de malas, máquinas fotográficas e latas de comida e resolvesse assaltar-nos.

Em Cajazeiras, já havíamos feito quase 500 quilômetro na rodovia Transamazônica. O melhor hotel da cidade, um sobrado de dois andares em cima da estação rodoviária, não tinha o menos conforto. Se ali era a melhor cidade da região, se aquele era o melhor hotel da cidade, começamos a imaginar o que encontraríamos pela frente. No hotel não havia camas, só rédes. Para cada doze quartos, um banheiro imundo, de água fria; falar em água quente por ali provocava risadas.

No cardápio do restaurante do hotel, a única escolha era para o acompanhamento da carne de bode, o melhor prato. Mas não havia jeito: ou dormíamos ali mesmo ou continuávamos a viagem, cansados e no escuro.

Como quase todas as cidades do nordeste, por causa da seca Cajazeiras perdeu mais de 80 por cento de sua produção agrícola. O que restou do rebanho local só dava para o consumo interno, para os 30 mil habitantes do município. A cidade havia chegado àquele estágio de desenvolvimento (cidade com mais de 30 mil habitantes já é considerada grande), principalmente por causa do Colégio Padre Rolim, fundado há 60 anos, e que reúne todos os estudantes da região. Com um número bastante grande de secundaristas, foi preciso criar uma Faculdade de Filosofia e um Seminário Menor, mantido pelo Bispado, que também tem sede na cidade. Uma empresa de ônibus faz uma linha semanal para São Paulo, numa viagem que dura quatro dias, sem parada para dormir, via João Pessoa-Salvador.

No sábado de manhã, resolvemos dar uma volta pela cidade, depois de uma noite de insônia provocada pelo calor e pelos pernilongos, conhecidos por lá como carapanãs. Aos sábados, Cajazeira recebe os feirantes de 16 municípios das redondezas, que se espalham por quase todas as ruas da cidade, em barracas, e com esteiras, no chão, vendendo de tudo: roupas, fumo de rôlo, cachaça, carne de bode, vasilhas de barro e latão, artigos de couro. Atrás de nós, um grupo enorme de pessoas, seguindo-

nos por toda a cidade. O grupo, calado, curioso, aumentava cada vez mais. Na porta de uma barraca, um vaqueiro menos tímido aproxima-se e pergunta:

– É verdade que os senhores são astronautas e vão levar os retratos da gente para a Lua?

– Às dez horas da manhã, voltamos ao hotel para pegar as malas. Na rua, dezenas de meninos olhando para dentro da camioneta, pelos vidros. Na saída, os mesmos meninos oferecendo-se para limpar a carro, engraxar as botas, buscar côco gelado no bar, qualquer coisa em troca de dez ou vinte centavos. Na porta do hotel, o gerente e mais um grupo e comerciantes da cidade falavam da Transamazônica. O entusiasmo era muito grande, o homem tinha planos para levantar mais dois ou três andares do prédio do hotel e aumentá-lo para receber motoristas de caminhão que, naturalmente, viriam com a estrada. Mas os planos eram só de aumentar a quantidade de quartos. Nada de colocar mais banheiros ou comprar camas.

– Se eu coloco banheiro nos quartos e compro camas, vira luxo. Aí eu morro de fome, porque aqui todo mundo é pobre demais, ninguém tem dinheiro. Entre 50 hóspedes, um ou dois perguntam se tem banheiro no quarto, ou se é cama ou rede.

*JT 9/5/1975*

*“Os habitantes da arquibancada”.*

*Por Marcos Faerman - 9/5/1975*

Entre as 120 mil pessoas que foram aos nossos estádios, neste fim-de-semana, para ver os jogos finais, estava o repórter Marcos Faerman. Aqui ele conta o comportamento das torcidas.

Ah meu Deus do céu! Quem é que dá azar pro Corinthians?

– Isto mesmo: quem é que azara nosso time assim, e faz a gente empatar com um timinho desses?

– Já sei, já sei porque a gente empatou com o América: a culpa é deles.

E, dando uma risada, o corintiano aponta para os cães da Polícia Militar, deitados na grama do Pacaembu. Começam os gritos:

– Foi o cachorro, foi o cachorro!

– Cachorro canalha!

**Batata** está quieto. **Batata** não diz nada. **Batata** está sofrendo. **Batata** é mais do que um corintiano. **Batata** é o corintiano fanático. **Batata** é o corintiano suicida.

- Ô **Batata**, como é que vai o grande Batata?

É todo jogo do Corinthians assim: quem passa e vê o rapaz moreno, com cabelão enorme, vai logo parando, perguntando. O time está mal faz tempo e a torcida vai inventando ídolos no meio da torcida. **Batata** é o novo ídolo. Mais ainda que a famosa Elisa. Um jogador qualquer do ataque corre, perde a bola, não parece que está lutando muito nesta partida contra o América. O que não lutaria **Batata** com a camisa do Corinthians? Ele às vezes fica deitado, pensando nisto: o que não lutaria pelo seu Corinthians, lá dentro de campo? Mas ele não é bom de bola assim para jogar no **maior time do mundo**, mas sabe que lutaria, brigaria, morreria se fosse preciso, enfiaria a bola para dentro do gol do América de qualquer jeito, com a cara, com a mão, com a coxa. Morrer pelo Corinthians ele quase morreu e tem muita gente ali entre seus conhecidos que sabe disto. Por isto ele é o **Batata**, escolhido pelos próprios jogadores como símbolo do clube.

– Foi em 71 – conta **Batata** – foi em 71 que **aquilo** aconteceu.

O Corinthians ia jogar com o São Paulo no Morumbi, eu me

lembro que era um jogo pelo Campeonato Nacional. Nem vou lhe falar o que nós chutamos no gol deles, irmão. Mas nada da bola entrar. Teve bola que pagou na trave, teve bola que o goleiro nem sei como tirou. Mas nada da maldita entrar. Aí...o Paraná foi lá e marcou em nós. Pronto. O Corinthians estava fora do Nacional. Fui para casa triste, desesperado. Não sei como fiz isto mas misturei soda cáustica e tomei. Tomei pelo meu Corinthians. Fiquei três meses no Hospital, não sei como escapei. Quando nasci de novo pensei que tinha um destino: lutar mais pelo meu Corinthians. Por isso sou o **Batata** e tenho moral para entrar em qualquer estádio sem pagar. Mas se é jogo do Corinthians, faço questão de pagar, porque assim estou ajudando o meu time.

– Você é grande, **Batata!** – grita um torcedor que ouve a história.

– Eu não sou líder, diz ele. Sou apenas um **deles**. Nesta hora em que **Batata** falou, a torcida do Corinthians estava começando a ficar mais quieta.

Também quieta estava, ontem, a torcida do Santos. Com dois gols marcados pelo Palmeiras, parecia impossível acontecer qualquer coisa de bom em campo. Os meninos da "Torcida Independente" eram os únicos que ensaiavam gritar alguma coisa, apoiados pelos garotinhos da "Força Fanática".

– Olé, olé...

Adalberto, o chefe da torcida, tinha um problema para resolver. Uns garotos da Torcida Jovem do São Paulo resolveram, no começo do jogo entre Santos e Palmeiras, ir torcer na torcida do Santos, Uns quinze são-paulinos militantes ali chegaram, então, de camisa e tudo, liderados por uma torcedora muito conhecida, a Maria Luiza, que é secretária da Torcida Jovem, e começaram a gritar:

– Santos! Santos!

Não adiantou grito de santista autêntico nem de são-paulino: o Palmeiras foi lá e fez um gol. Um moço do Santos, com a cara marcada numa briga de torcidas, não se aguentou. Veio correndo até onde estavam os são-paulinos e gritou:

– O que é que vocês estão fazendo aqui no meio da gente?

– Ué, a gente veio torcer pra vocês!

– Não quero saber disto. Quero saber por que vocês estão torcendo pra gente. Olha, se é porque vocês acham o Santos mais fraco do que o Palmeiras, e menos perigoso na fase decisiva, podem ir embora, viram? Mas se é porque vocês gostam mais do Santos, muito bem.

– É, a gente **detesta** o Palmeiras, a gente gosta **mais** do Santos...



– Ah, sim...

Nesta hora, no meio da discussão, um rapaz que é um dos líderes da torcida do São Paulo levantou-se muito nervoso e foi conversar com Adalberto, chefe da torcida do Santos. Fizeram uma reunião de cúpula ali mesmo no meio da massa; conversa de pé-de-ouvido mas extremamente séria. Não bastassem todos os problemas, mais essa, pensou Adalberto – e foi falar com o rapaz santista que queria simplesmente exigir uma espécie de ato de fé dos são-paulinos, para aceitar...que eles torcessem pelo Santos! Foi lá e disse alguma coisa ao ouvido do rapaz.

Alguma coisa do gênero: "Hoje somos aliados". O rapaz não fez uma cara de quem concordava muito, mas fez um gesto de "sim", com a cabeça. Nesta hora, a confusão entre santistas e são-paulinos parecia resolvida. Voltariam depois, longe de Adalberto, e seis rapazes com a camisa do Santos seriam presos, por atividades anti-São Paulo. eles foram vistos rasgando bandeiras do São Paulo e detidos pelas autoridades policiais no Estádio do Morumbi. Só foram soltos pelas oito da noite e ficaram no posto policial do Estádio, quietos e assustados, sob a vigilância de um sargento que os liberou depois, com muitas advertências.

Maria Luiza, torcedora do São Paulo, ficou se explicando para o pessoal do Santos:

– Eu gosto do Santos, não é? Gosto, não é? Não é porque o Santos é fraco, que nada, é que eu gosto do Santos. Mas vem aquele moço aqui discutir com a gente: **é cara de fora**, não é de **torcida**.

Adalberto, que é da **torcida** (isto é, da torcida uniformizada do Santos – que como as outras têm mensalidade, camisa, bandeiras e chapeuzinhos, e que acompanha todos os jogos do time, até mesmo quando ele viaja para fora do Estado...e que gostaria de ir com seu time até o Planeta Marte, se Marte fosse habitada e praticasse nosso futebol do Santos, só podia concordar. Adalberto não concorda com outros **uniformizados**, quando algum santista começa a vaiar seu time.

Os uniformizados são favoráveis, detestam as ordens da polícia, que não quer saber de batucada durante os jogos ("isto é um absurdo, no Maracanã é uma beleza: a torcida manda...mas aqui..."), gostam de fazer de cada jogo de seu time uma festa, mesmo se o time não está muito bem...mas vêm esses aí e começam a vaiar...isto não está certo...

– A gente tem que ter paciência, diz o Adalberto, a gente tem que olhar para o exemplo do Corinthians, da torcida do Corinthians, eles sabem esperar...e a gente foi campeão há pouco tempo. Meu Deus!, há dois anos atrás. Agora chegou a nossa vez de esperar. Mas virão novas contratações, eu sei, vai vir por aí o Tonhozinho e o Nenê...o Nenê volta para o Santos, eu sei, mesmo que ele ganhe um pouco menos do que está ganhando...não é fantástico?

E o Palmeiras fez mais um gol.

– **Avante Palestra** – gritava um senhor bigodudo, de uns 50 anos, que aplaudia o verde Palmeiras como se estivesse diante do velho Palestra Itália.

O Palmeiras fez seu segundo gol e outros dois líderes da torcida do Santos apareceram: Cosmes faria e **Chacrinha** – um rapaz moreno que compôs, juntamente com **Pedrao**, uma das músicas que a sua torcida canta:

– **Agora que eu quero ver  
você chorar.  
Você vai estremecer  
quando o Santos entrar...**

O Santos perde de dois a zero? O bigodudo grita: "Palestra"? Cosmes, Adalberto e **Chacrinha** cantam afinadamente:

– **Você vai estremecer  
quando o Santos entrar.**

– Veja quanta gente, fala Cosme Damião, quanta gente...e diziam que o Pelé que fazia o Santos.

– Pelé escreveu pra gente – diz Adalberto. Diz que os americanos são muito engraçados...que aplaudem qualquer jogada que faça...

– Tá certo. Mas o que interessa pra gente é que o Santos tem cada vez mais torcida. Ola aí pó, ninguém vai dizer que esta massa veio torcer pelo Pelé. A gente torce para os onze. A gente torce para o Santos. A gente é Santos até morrer. E se a gente morrer ou se aposentar...

– Ô cara, você tem só 19 anos, fica falando em se aposentar...

– É, mas se a gente só se aposentar, tem a Força Fanática pra ficar no lugar da gente...

Terminou o primeiro tempo de Santos e Palmeiras, e ninguém imaginava que o jogo podia virar. Alguns santistas suspiravam e falavam baixinho que era uma vergonha ver alguns pernas-de-pau com a camisa em que jogou o **Negrao**. Cosme Damião falava de todas as vezes que foi preso por causa do Santos, quando apareceu num dos bares do Estádio o Reinaldo, um são-paulino barbudinho, muito famoso entre os uniformizados de todos os times. Chegou e foi contando, espiando com o rabo dos olhos para todos os lados que ele tinha que se cuidar, se não quisesse ser preso **mais uma vez**.

– gente, já fui preso hoje duas vezes...duas...  
Frisava com os dedos, a palavra "duas".

– Eu estava aí na torcida do São Paulo quando apareceu um palmeirense...pra que meu!, pra que! Caíram em cima dele e eu

fui proteger o moço. Aí um policial me viu perto dele e me levou preso: "mas seu guarda!, eu estava só ajudando o moço. " Que ouvir, que nada! Fui em cana! Aí outro guarda me soltou. Aí o guarda aquele que me viu e me prendeu de novo. Aí ele me disse: "olha, eu te solto, mas se você ficar no Estádio...eu te prendo de novo...teu castigo vai ser não ver esses jogo...não vai ver mesmo."

– Cuidado, hem? – falou Claudio, chefe de uma torcida corintiana, o pessoal da "camisa 12", que alguns consideravam rival da torcida "Gaviões da Fiel". Os "Gaviões" e os "Camisa 12" quase sempre estão afastados nos jogos embora sejam igualmente dedicados ao Corinthians. É como se fossem dois partidos, embora seja extremamente difícil para um "Gavião" explicar por que não é um "Camisa 12", e vice-versa.

Mas a torcida do Corinthians não é diferente de outras somente porque é suficientemente ampla para se dividir em partidos, facções, blocos rivais e até inimigos. Um dia de jogo no meio da torcida do Corinthians – que esmagou com suas bandeiras os poucos torcedores do América que foram ao jogo mas só tiveram decisão para mostrar suas bandeiras a muitos quarteirões do Estádio, e que não disseram nada, nem nas horas em que seus jogadores fizeram boas jogadas, e quase marcaram gols...Nada.

No Pacaembu só se viam bandeiras corintianas, imensas, de muitos metros, e foguetes corintianos, e o Corinthians estava mal em campo – pois um dia no meio da torcida do Corinthians mostra coisas inesperadas...Sim, os corintianos, hoje em dia, torcem mais pela sua torcida do que pelo time que está jogando. Ir a um campo é uma oportunidade de ver como os corintianos são fortes e estão acima dos resultados, e podem perder mil campeonatos que serão cada vez mais corintianos: é ver, também, que esta torcida se organiza e se aprimora, e já tem advogados que entram em ação se alguém é preso...caixinhas de medicamentos para quem se sente mal...e vai ter no próximo carnaval uma escola de samba inteira dançando debaixo da bandeira do Corinthians e dos "Gaviões da Fiel".

– Ah, miséria...miséria, a gente não ganhou!, vai dizendo um corintiano, depois do jogo...

Mas o pessoal dos "Gaviões" e da "Camisa 12" e muitos outros torcedores estão dançando, falando no próximo jogo...e um moço que vai sempre ver o Corinthians para distribuir os convites de um baile muito famoso em certas rodas, que reúne só negros...está distribuindo os convites para seu bailei.

– **Ole, olá...o timão vai botar pra quebrar.**

Sai cantando alguém. E todo o mundo ri do "vai" botar pra quebrar.

É isso aí diz o Batata. Eu sei de um menino de oito anos que apostou com a prima que o Corinthians ia ganhar um jogo, e que se não ganhasse, virava palmeirense. O Corinthians perdeu e ele foi para um hospital, e no meio da febre dizia: "não quero ser palmeirense, não quero".

Mas nós já estávamos no Estádio do Morumbi, um dia depois de tudo isso acontecer, quando apareceu o chefe dos "Camisa 12" e mandou o Reinaldo barbudinho do São Paulo tomar cuidado. Em todos os jogos, muitos uniformizados são presos, quase sempre simplesmente porque resolveram ajudar um jogador que a polícia vai levar para uma salinha do Estádio que funciona como delegacia (99% dos casos o pessoal é liberado depois do jogo) ou porque invadiu o gramado...mas é prisão leve, que a polícia toma como uma pequena repreensão.

O jogo do Santos e do Palmeiras estava no fim e continuavam chegando torcedores ao Estádio, para ver o outro jogo...

– Agora é que a gente – falava um mulato são-paulino, com um cavanhaque e um cabelo muito black-power – moralmente os santistas e os são-paulinos têm que ir embora...esta é a preliminar, depois é que vem o clássico.

– É mesmo, irmão, olha só como o juvenil do São Paulo tá bom...Aqueles de verde ali, os do juvenil; até os brancos sabem tocar a bola...tá legal esta preliminar aí.

– O Pelé...tá faltando o Pelé, dizia um santista, enquanto olhava o jogo terminar.

– Pra frente Palestra - gritava o velho palmeirense, com sotaque italiano, enquanto olhava os crioulos de cabelo black-power...que zombavam. O velho palmeirense falava de "Leon, goleiro de seleção", e os crioulos são-paulinos riam:

– Só se um bonde atropelar o Valdir Peres, velho.

– **Um, dois, três,**

**o Santos é freguês** – gritava a torcida do Palmeiras.

– É, a preliminar está acabando, vai começar o **clássico**. Ei, não pisa meu pé...que eu pego no quarenta-e-cinco.

– Quarenta-e-cinco? – gritou o velho palmeirense. Vou chamar a polícia,

moleque!

– Sai pra lá, meu, não é **máquina** (revolver) não, é meu sapato!

O jogo terminou e os palmeirenses começaram a gritar: "Lusa, Lusa". Na estratégia dos jogos decisivos do campeonato, estavam feitas as grandes manobras e os palmeirenses decidiram torcer pela Portuguesa.

– Lusa!, Lusa!

– Vai dar a luz, meu? – falou o crioulo irreverente, que nada lembrava a imagem estereotipada do são-paulino clássico das cadeiras cativas, com jeito de lorde tropical.

Os "leões da fabulosa", torcida jovem da Portuguesa, animava-se com o apoio dos inimigos palmeirenses. João Vieira, um senhor de 50 anos, quase chorava com seu sentimental coração português, ao ver seu time entrar em campo...exatamente no dia

em que comemorava vinte anos de Brasil...e vinte anos de amor pela Portuguesa de Desportos.

Ficou muito quieto, apertado perto da escada, nunca conseguiu sentar...,com a cara vermelha de frio porque vinha um vento forte naquele lado, e dizia baixinho para um amigo, que na primeira bola que seu time chutasse a gol...sairia o gol...sairia mesmo.

– Abaixa aí ó Salazar, gritou alguém para ele.

ele riu da piada e procurou não atrapalhar o patrício.

Vinte anos de Brasil. Em Portugal, era torcedor do Benfica. Uma camisa vermelha que nem a camisa da Portuguesa. Quando chegou o time era maravilhoso: Julinho, Pinga, Djalma Santos...uma máquina...E a bola foi para o pé de um atacante da Portuguesa, que entrou e...

- GoooooIIIIII...Não disse?...Não disse?

- Ó Salazaire, tu tem pé-quente! gritava o patrício brincalhão - o os dois se abraçavam, animadíssimos. Não ficou triste nem com o empate, depois. Ao menos a festa dos seus vinte anos de Brasil não teria uma derrota de sua Lusa, pensava, enquanto uns são-paulinos gritavam para o juiz:

- Ladrão, Ladrão

E corria para a porta dos vestiários, para ver os seus jogadores. **Filinha** não pode deixar de ver "os seus meninos". Mais calma, dizia a todos que vinham cumprimentá-la toda enrolada numa bandeira desbotada que o juiz tinha roubado, que ela estava num ótimo ângulo e jurava que tinha sido gol...

– esta bandeira é de quando Filinha? – pergunta alguém. Centenas de pessoas a cumprimentaram durante e depois de um jogo. E fazem perguntas como esta.

– Desde 1966...

– Você torceu pro Santos, Filinha?

– Eu? Eu? Deus me livre! Sou só tricolor, sai.

– Você está linda, Filinha.

– Obrigada, obrigada...

E o poeta Zezinho o baiano, Zezinho o improvisador, cercava com mais uns são-paulinos o ônibus da Portuguesa, e começava uma série de cantos sempre seguidos pelos outros:

– Vamos lá pessoal: é assim..."Dona Maria, Dona Maria, o Tricolor fechou a Padaria..."

E os outros:

– Dona Maria...Dona Maria...

– E agora...”Azougue...azougue...o Tricolor fechou os **açougue**”.

E o pessoal:

– **Azougue, azougue, azougue...o tricolor fechou os açougue.**

***JT 19/1/1979***

***“Avisé o soldado que ele morre antes do meio-dia”***

***Por Fernando Portela - 19/1/1979***

Os guerrilheiros nacionais não chegaram a utilizar as sofisticadas armas táticas dos vietcongs, como aquela famosa armadilha, que o cinema mostrou algumas vezes, com grande efeito para a plateia: um buraco bem fundo, com uma leve esteira por cima e camuflado de humo, folhas secas, pequenos arbustos; ao cair, o soldado “ianque” é transpassado por estacas de bambu, afiadíssimas e envenenadas.

Alguns de nossos oficiais, cursados em guerra antiguerrilha, esperavam encontrar algo parecido, no Araguaia. Nesses cursos, as incríveis táticas vietcongs são estudadas, esquematizadas, assim como todas as maneiras de escapar delas. São as chamadas armadilhas antipessoais. De qualquer forma, não faltou imaginação á guerrilha brasileira.

Vamos ver:

**1. Tática de emboscadas.** Os cangaceiros de Lampião chamavam de **atocaia**. Simples, antiga como o ódio entre os homens e sempre muito eficiente. A maioria dos soldados das forças do governo no Araguaia morreu assim.

**2. Emboscada dissimulada.** Só os relatórios das Forças Armadas, se é que ainda existem, podem confirmar se essa tática foi usada ou não no Araguaia. É certo que fazia parte do esquema dos guerrilheiros. É uma variação da emboscada simples: os guerrilheiros armam dispositivos com pólvora seca, do lado esquerdo de uma trilha na mata, e concentraram-se, bem distantes uns dos outros, do lado direito. Os soldados vêm pela trilha, com batedor à frente. Uma ação muito rápida: o guerrilheiro que estiver adiante do pelotão do governo, e no ângulo mais fechado com relação à linha do batedor, atira nele para matar (batedores são perigosos). Após esse susto (e o pelotão certo de que o ataque será frontal), o dispositivo de pólvora seca é acionado do lado esquerdo, criando uma segunda confusão. Teoricamente, do lado direito, é só o guerrilheiro escolher seu alvo.

De qualquer forma, essa tática seria contra os super-homens da Brigada de Paraquedistas do Exército, que jamais seguiam trilhas naturais ou abertas: andavam em círculos e/ou semicírculos, abrindo a mata quase impenetrável, em um grupo de dois ou três, mas sempre fechando os flancos.

**3. Tática de retardar avanço de pelotão.** São táticas que podem ser inventadas na hora. Frase de um oficial instrutor, especializado em guerra anti-guerrilha: “Quanto mais moleque,

mais perigoso se torna o guerrilheiro'. Algumas dessas "brincadeiras":

a) Ferir (matar jamais) o primeiro homem do pelotão. Um tiro na perna, por exemplo. O sujeito dá urros de dor, devidamente dramatizados pelo eco da floresta, e chora alto, e diz que não quer morrer, etc. O pelotão para e o moral vai caindo á medida que os gritos aumentam (ou diminuem). Se o grupo guerrilheiro consegue fazer isso com sucesso algumas vezes seguidas – o que é muito difícil –, haverá briga nos pelotões para ver quem puxa a fila.

b) Armar qualquer obstáculo estranho no caminho do pelotão. Pode ser uma cabana em miniatura, um animal morto amarrado de cabeça para baixo, até mesmo pedras organizadas em forma de pirâmide, de caixa, etc. O pelotão sempre vai parar e perder muito tempo até descobrir que aquilo não é nada. Mesmo tendo certeza de que o obstáculo é uma "brincadeira", o pelotão não avança. A tensão não deixa.

**4. Tática de guerra psicológica.** Os guerrilheiros nacionais usam bastante dessas táticas que se mostram eficientíssimas. Alguns exemplos:

a) Como a selva é densa, escura, e o guerrilheiro sabe andar nela sem fazer barulho, é relativamente fácil espionar os acampamentos das forças do governo. O que acontece por ali, à noite, os guerrilheiros ficam sabendo. E no outro dia, de manhã, o pessoal do governo encontra bilhetinhos, assim: "Avisem o soldado Fulano que ele vai morrer antes do meio-dia". Mesmo que a "vítima" não tome conhecimento do bilhete, seus chefes sempre caem na dúvida: se avisam, ele pode se apavorar; se não, e ela acaba morrendo, aqueles que leram o bilhete irão certamente se revoltar contra o comando.

Geralmente o destinatário é avisado. E seus chefes podem fazer de tudo: explicar que aquilo chama-se guerra psicológica, que não deve levar a sério; até mesmo escolher uma posição mais segura, encoberta, para a marcha do soldado. Mesmo assim, quem pode garantir pelo equilíbrio emocional de uma pessoa nessa situação?

b) Os guerrilheiros descobrem que há, no acampamento, um soldado especialmente medroso. E passam a noite toda gritando o nome dele, com vozes fantasmagóricas. Ou o homem amanhece doente ou, no reinício da marcha, vai atirar em qualquer galho podre que lhe caia perto. E pode-se imaginar o efeito contagiante de nervos tão abalados?

c) armar, na trilha, um gatilho de tropeço. Ou vários. Toda a vez que um soldado tropeça num cipó armado, o pelotão se posiciona para o combate. Na maioria das vezes não acontece nada. É uma situação ideal para o guerrilheiro: a crescente tensão vai atrapalhar, logicamente, o reflexo de todo o pelotão. Os soldados apuram os ouvidos a cada ruído na mata. Mas, com o tempo, a tendência é relaxar. O reflexo



cai mais ainda. E este é o momento exato para a emboscada.

Todos os militares ouvidos sobre assunto foram unânimes em dizer que esse tipo de tática – guerra psicológica – arrasava a resistência de qualquer um. E justificavam que, sempre envolvidos em situações desse tipo, era normal saírem de si e baterem em todo o suspeito de colaboração com a guerrilha. “Eu nunca bati em ninguém”, disse um deles, “mas lá em Xambioá eu tinha vontade de matar todo o mundo. Eu nem me conhecia”.

**5. Tática de camuflagem.** Era comum um grupo inteiro de soldados passar por um guerrilheiro e não vê-lo. Durante pelo menos dois anos a maioria dos guerrilheiros aprendeu a se cobrir de folhas para se confundir com a mata, ou se cobrir de lama e tomar a aparência do solo. Faziam isso não para atacar os soldados, mas para colher informações: número de homens no pelotão, armamento, situação das comunicações, aspecto, disposição, etc.

Na verdade, a emboscada foi a tática mais usada pelos guerrilheiros do Araguaia. Por contar com um efetivo mínimo, a guerrilha nacional quase não teve tempo de usar a imaginação, a molecagem. Escapar vivo já era uma vitória, como ficou demonstrado na prática.

## *ESTRATÉGIA*

Os desenhos mostram os três movimentos básicos da guerra de guerrilhas do Araguaia. O **desenho nº 1** corresponde à primeira campanha de cerco e aniquilamento efetuado pelas forças do governo de abril a julho de 1972. O governo ocupa toda a periferia do teatro de operações, com milhares de homens. Mas não consegue penetrar na mata.

Os guerrilheiros fogem para a mata e esperam os soldados. Sem muito sucesso na parte do aniquilamento, o governo retira o grosso das tropas. E os guerrilheiros são recebidos como vitoriosos nos povoados e aldeias.

**Desenho nº 2:** segunda campanha de cerco e aniquilamento, em setembro e outubro de 72. Governo e guerrilha usam a mesma estratégia da primeira campanha, com os mesmos resultados. Só que, desta vez, a violência contra as populações suspeitas de colaborarem com a guerrilha atinge o auge. Mas o governo retira o grosso das tropas e os guerrilheiros são recebidos não como vitoriosos, mas

como heróis.

A última campanha – **desenho nº 3** – mostra as forças do governo usando uma estratégia mais sutil e eficiente. É iniciada em fins de 72, quando agentes-oficiais dos serviços de informações infiltram-se na região como fazendeiros, forasteiros, viajantes. As forças do governo atacam com o grosso das suas tropas em outubro de 1973, usando de muita violência contra as populações e chegam mais próximas dos guerrilheiros, que repetem a mesma estratégia de se infiltrar na mata. Cercados, os guerrilheiros começam a perder seus soldados e em janeiro de 1975 a guerrilha está oficialmente encerrada, com a vitória do governo.

### *DOCUMENTOS*

As FORGA – Forças Guerrilheiras do Araguaia – distribuíram 9 comunicados ao povo da região e de outras partes do país, incluindo São Paulo e Rio, num período que vai de abril de 72 a abril de 74. Através dos textos dos comunicados, é possível observar as duas fases distintas da guerrilha: euforia (comunicado nº 1) e depressão (comunicado nº 8).

O comunicado nº1 está mais preocupado em denunciar o primeiro ataque das forças do governo aos guerrilheiros:

[...] ”Este traiçoeiro ato de violência praticado contra honestos trabalhadores do campo é mais um dos inúmeros crimes que a ditadura militar vem cometendo em todo o país contra camponeses, operários, democratas e patriotas” [...]

Esse primeiro comunicado chega a relatar feitos militares:

[...] “Na zona próxima a Santa Cruz, alguns combatentes dessas forças defrontaram-se com inimigos superiores em número, matando um, ferindo outro e dispersando os demais...” [...]

Já o comunicado nº 8 foi redigido em tom desesperado, pedindo apoio ao movimento:

[...] “As forças guerrilheiras do Araguaia apelam a todos os habitantes do Pará, Goiás,

Maranhão e Mato Grosso para que intensifiquem sua ajuda aos combatentes da selva e criem toda sorte de dificuldades para as tropas federais.” [...] Chegou, inclusive, a

revelar suas derrotas e seus mortos:

[...] Durante a campanha ocorreram vários choques, tendo havido baixas de lado a lado. As forças guerrilheiras do Araguaia [comunicam], com grande pesar, a morte de José Carlos, comandante do destacamento que levava o nome da heroína Elenira; Nunes, comandante de um grupo de combatentes; Alfredo, antigo morador local e integrante de um grupo de ação; Sônia, combatente e assistente médica de um destacamento e Ari, chefe do grupo.” [...]

Todos esses documentos foram redigidos em São Paulo, por uma certa “comissão de

organização” da guerrilha, diretamente ligada ao Comitê Central do PC do B, baseados em relatórios de campanha que eram trazidos até aqui por elementos de ligação, “pombos-correios”. Quando voltavam Araguaia, esses “pombos-correios” levavam em suas bagagens milhares de exemplares dos comunicados e do jornal *O Araguaia*, também redigido e impresso em São Paulo. O jornal – um tabloide – saía com uma média de 10 páginas. Circulação mensal.

No seu número de janeiro de 75, quando a guerrilha já estava aniquilada (a ordem de dispersar foi dada pelo Comitê Central do PC do B em maio de 1974) o editorial de *O Araguaia* continuava pedindo apoio aos combatentes.

## **ANEXOS II - ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS REALIZADAS**

## ENTREVISTA COM MINO CARTA

Data: 15 de janeiro de 2016

Local: realizada na redação da revista Carta Capital

*Após 50 anos do lançamento do JT, quais lembranças marcam sua passagem pelo jornal?*

São lembranças boas. O JT começa, na verdade, em maio de 1964. Eu dirigia então a revista *Quatro Rodas*. O Júlio [de Mesquita] Neto me chamou, dizendo que estava cogitando fazer um jornal vespertino, jornal este que teria uma preparação longa, que começa pelo lançamento de uma edição de esportes de *O Estado de S. Paulo*. Naquele tempo não saíamos [*O Estado de S. Paulo*] às segundas-feiras, então, a edição de esportes saíria já na edição de domingo. Era um jornal de esportes, mas no qual poderia haver notícias de última hora, de política de economia. Valíamos-nos de matérias que chegariam eventualmente pelo telefone, ou pelo telex. Então, me demiti parcialmente da Editora Abril, da *Quatro Rodas*, e comecei a editar o jornal, a edição de esportes. Chamei para me secundar Sérgio Pompeu, Tão Gomes Pinto, Ulisses Alves de Souza.

*Seu pai trabalhou em O Estado de S. Paulo.*

Meu pai foi secretário do Estadão por muito tempo. Ele cumpria duas funções para melhorar o salário. Era diretor do arquivo, criado por ele, e era secretário do jornal. Ele contava com a admiração dos Mesquita. Eu me dava muito bem com meu pai, embora eu divergisse dele politicamente. Ele era uma pessoa extremamente gentil, cordata, simpática. Um bom conversador. Os Mesquita o adoravam. O Rui Mesquita o considerava o segundo pai.

*Sua primeira missão foi montar o time para a edição de esportes.*

Montei o time e a edição de esportes começou a circular. A edição foi lançada em setembro de 1964. Meu pai faleceu dia 30 de outubro. Meu pai, quando o Júlio me chamou, estava na Itália, porque a mãe dele estava muito doente. Ela saiu da doença brilhantemente e ele voltou com câncer. Nem voltou ao jornal. Entre agosto e setembro de 1965 o Rui era diretor do [futuro] JT. Eu também tinha título de diretor de redação e direito a ter meu nome no expediente.

*Você já havia contratado o Murilo [Felisberto]?*

O Murilo, com quem eu tinha uma boa relação, trabalhava no *Jornal do Brasil*, tinha sido chamado pela Editora Abril, para participar do lançamento da revista *Realidade*, que acabou saindo no decorrer de alguns meses. Ele [Murilo] não topou o convite [da Editora Abril]. Aí eu o chamei e ele se tornou o meu imediato. O JT foi lançado no dia 4 de janeiro de 1966, com a famosa manchete ["Pelé casa no carnaval"]. A devemos ao repórter Oldemário Touguinhó, que era amigo do diretor do esporte do *Jornal do Brasil* e nos passou a informação. Era muito bom repórter. Montamos a equipe com a pretensão de fazer um jornal muito diferente de *O Estado de S. Paulo* e com o pleno aval da casa. Eu, sem falsa modéstia, te digo que fui decisivo, nem tanto por minhas extraordinárias qualidades, mas, sobretudo, por causa do amor que os Mesquita tinham por meu pai. A confiança que eles tinham nele foi transferida automaticamente para mim, permitiu que tivéssemos liberdade e um grau de autonomia impressionante.

*Como era a rotina de trabalho?*

O Rui chegava às 9h, eu chegava às 8h30. A redação trabalhava o dia inteiro. Varava a noite. Eu saía às 19h30, jantava e voltava e às 23h. Foi um trabalho infernal.

*Era um momento político onde ainda havia certa liberdade de imprensa...*

Eles (Mesquita) estavam muito frustrados do ponto de vista político porque, no fundo, a expectativa deles tinha sido traída. Eles esperavam que o golpe acabasse nas mãos do [Carlos]

Lacerda. E não acabou. Há o episódio célebre do Dr. Julinho, que vai ao Rio, encontra-se com o general Castelo Branco e diz: "Está aqui uma lista de ministros". E o Castelo Branco responde: "Sinto muito, senhor Mesquita, mas eu já escolhi". Eles [Mesquita] ficaram muito doídos. Mas, voltando ao jornal, te digo que a minha presença lá foi muito importante por isso, para ganharmos essa incrível liberdade de fazer um jornal que pretendia ser bonito e ao mesmo tempo ser muito bem escrito. Com reportagens de fôlego, de investigação, escritas com uma pena afiada.

*E houve liberdade de montar a equipe.*

Sim. Total. Não tenho a menor dúvida quanto ao fato de que o ponto de fervura do JT se deu depois de minha saída. O jornal foi aprendendo, vivemos alguns momentos [jornalísticos] muito favoráveis.

*Por exemplo.*

A queda, a cassação do [governador de São Paulo] Ademar de Barros; um deslizamento [de terra] em Caraguatatuba [em 1967], que também nos permitiu fazer algumas edições muito boas; a morte do Che Guevara [em 1967], porque tínhamos as fotos extraordinárias da morte; a morte [em 1967] do Castelo [Branco] vendeu muito. Foram momentos muito importantes para o jornal. O JT era vendido nas ruas, numa São Paulo diferente. Na hora do almoço os meninos [jornaleiros] saíam pelo Centro.

*O horário de sair à rua era diferente.*

O jornal saía às 15h, pensando nos vespertinos europeus, mas logo vimos que isso não funcionava. Então, a saída se deu ao meio dia, que era exatamente o momento em que o Centro da Cidade se enchia de gente, e os meninos que gritavam as manchetes e vendiam o jornal.

*Quais as influências, os modelos do jornal que influenciaram vocês para criar o JT? Já havia uma conjuntura cultural interessante, a contracultura, o Maio francês...*

Acho que não houve essa influência tão grande da conjuntura mundial. O Murilo era uma pessoa conservadora. Na verdade, nós fomos influenciados pela imprensa inglesa. O que nos impressionava, tanto a mim quanto ao Murilo, era a categoria da imprensa inglesa em termos visuais. Murilo e eu paginávamos o jornal inteiro.

*O Murilo já tinha uma queda pela publicidade?*

Acho que sim. Ele era um moço talentoso e poderia se sair bem de um lado ou de outro, à parte sua postura política diferente da minha. Mas o Brasil era outro país, embora houvesse um regime ditatorial, não tinha chegado ao ponto que chegou.

*E a censura?*

Sim. Havia umas ligações [feitas à redação]. Depois apareceu um senhor que se instalou na redação e olhava tudo, observava. Alguns meninos [repórteres] sofreram muito.

*Havia autocensura?*

Não. No Estadão não precisava. Era automático. Essa foi, por sinal, uma das razões de minha saída. Eu saí de bem. O Rui deixou um bilhete sobre minha mesa, dizendo que eu seria sempre o "filho pródigo, volte quando quiser"...

*O JT caminhava bem. Qual foi o motivo concreto de sua saída?*

Foi em 10 de janeiro de 1968, dois anos depois do lançamento do JT. Depois de minha saída, o

jornal continuou crescendo, em termos de qualidade, e a meu ver alcançou um ponto de fervura entre 1971 e 1973. Depois foi muito prejudicado, a meu ver por um erro dos Mesquita. No momento em que o JT atingia seu pico de qualidade, já que o jornal tinha que ser um matutino, deveria ser, em minha opinião, um jornal de São Paulo. Um jornal que olhasse o Brasil do ponto de vista de São Paulo. Coisa que para os Mesquita deveria ser sedutora.

*Por que não foi?*

Havia uma rivalidade entre Rui e Júlio Mesquita. Uma rivalidade visível, transparente. E, dessa rivalidade, nasceu a vontade do Rui de ter uma voz nacional. Com o JT isso seria impossível. Acredito que aí começa a morte do JT.

*Foi falta de visão estratégica?*

Totalmente. Se o JT se tornasse um jornal de São Paulo, do ponto de vista de São Paulo, contando bem [as notícias] do Estado e seus eventos, sua política, sua economia, o social..., mas olhando também para o Brasil, seria um jornal poderoso.

*Houve algum embate de ideias entre você e Rui Mesquita?*

Não. Nessa altura eu já estava fora [do JT]. Saí em 1968, chamado pela *Veja*. Eu disse ao [Victor] Civita que queria autonomia total. O Rui, muitas vezes, participava da reunião de pauta. Não dizia nada, mas ficava ali...Sempre com um comportamento afetuoso em relação a mim. Mas ele pretendia que o filho dele, o Ruizito, se tornasse um meu aluno, como ele [Rui] tinha sido [aluno] de meu pai. Era um sonho de alguma forma impossível. O Ruizito sonhava em ser um doidivanas.

*Não houve ruptura por causa de projetos diferentes?*

Não. Mas o Rui não queria o Murilo.

*Por quê?*

Não sei. Acho que o Murilo não se vestia a contento...Mas eu disse: “Tem que ser o Murilo”. E aposto que ele até se arrependeu por aquela resistência inicial.

*A Veja te ofereceu um projeto de autonomia e financiamento bom.*

No começo eu nem ganhava tão bem assim. Atraiu-me a autonomia. Depois veio a censura duríssima. Fui preso duas vezes, prestei acho que uns 50 depoimento na Polícia Federal. Não gostava de ditadura. Ao contrário do Estadão. O Estadão arrependeu-se depois, porque a coisa não funcionou como eles teriam desejado. Houve um erro mercadológico [em relação ao JT] e um erro político [em relação à ditadura militar].

*Uma das marcas do JT foi suas narrativas, seu jeito de escrever.*

Nosso propósito era fazer um jornal bonito, com fotos rasgadas, uma paginação harmoniosa, atraente, e textos muito bem escritos. Lembro-me que um dia havia um jogo de futebol, não sei se São Paulo contra Palmeiras ou São Paulo contra Corinthians. Então, chamei o [crítico de teatro] Sábato Magaldi e disse: “Você vai a esse jogo, e vai contar como se assistisse a um espetáculo teatral. Então, havia esse tipo de refinamento.

*É comum alguns pesquisadores associarem as narrativas do JT ao New Journalism. Havia essa relação?*

Não creio que houvesse influência direta do New Journalism sobre nossos textos. O jornalismo inglês, o jornalismo italiano e mesmo o francês – inferior, a meu ver – faziam isso [New

Journalism] desde o começo. O Luigi Barzini partiu para a Transiberiana e escreveu, no fim dos anos 1800, com verve de jornalista; John dos Passos escreveu a morte de Rodolfo Valentino [em 1926]. Na verdade, é escrever em forma literária. O jornalismo é uma forma de literatura. Isso vem bem antes de se falar em New Journalism.

*Havia um projeto de texto para o JT?*

Tínhamos gente que sabia escrever. Tínhamos o prazer da escrita. Tudo fluía muito bem. Era uma redação que se entendia. Até a seção policial nós queríamos que fosse muito bem escrita. A reportagem tinha que ter todas as informações possíveis e imagináveis, deveriam ser ouvidas todas as fontes possíveis, mas o texto era agradável, com qualidade literária. Essa era nossa preocupação.

*E o JT tinha um público grande. Por onde anda ele?*

O Brasil mudou. Primeiro veio a ditadura, que interrompeu um processo que provavelmente levaria o país a um lugar que lhe compete. O problema no Brasil é que a Casa Grande e a senzala não foram destruídas. Nós éramos fruto do Brasil dos últimos 15 anos. A partir de 1950 o Brasil envereda por um caminho. Getúlio se mata, e havia um golpe em andamento. Contra Juscelino houve duas tentativas de golpe. E, finalmente, 1964. Naqueles 15 anos o Brasil cresceu muito, se urbanizou e tinha gente de altíssimo nível intelectual. Havia Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, pensadores de muita qualidade. Antes havia Machado de Assis, Euclides da Cunha, Lima Barreto. Mesmo a direita tinha gente que escrevia bem. No Estadão colaborava o Gustavo Corção, que era quase fascista mas escrevia admiravelmente bem. O público era resultado desse Brasil. É claro que buscávamos, primeiramente, satisfazer a nós mesmos.

*A padronização dos textos jornalísticos prejudicou as grandes narrativas?*

A pirâmide invertida e as cinco perguntas básicas do jornalismo são antigas, coisas da Guerra da Secessão nos Estados Unidos. Você tem que conquistar o leitor. Como você faz isso...

*Quando, em sua opinião, o JT começa a perder vigor?*

Isso ocorre a partir dos anos de 1980. Houve uma continuidade até ali por força de inércia. Nos anos de 1980 a mídia se une em torno de uma só ideia. A questão política se torna importante demais. Não que não seja, mas as posturas ideológicas influenciam demais o jornalismo. Não se permite a isenção indispensável ao jornalismo. Temos uma função pública muito importante. Não peça ao jornalismo a objetividade, mas um jornalismo honesto. Você pode preferir a direita, o centro, pode ser conservador, progressista, mas sempre honesto.

*Você crê que os projetos que deram origem ao JT, à Veja e à Realidade poderiam ser implementados ainda hoje?*

Não. Hoje não há refúgio, isenção – e até me pergunto por quanto tempo não haverá –, a não ser numa publicação que influencie o público por meio da sua opinião e análise. Uma publicação que pretende [apenas] informar, como em outros tempos se fazia, é naturalmente obsoleta.

*Como você vê a mídia eletrônica, o jornalismo feito na internet, as redes sociais?*

O [Umberto] Eco disse uma frase maravilhosa, que o mundo piorou muito quando todos podem dar o seu palpite. É como ocorreu quando a televisão entrou no jogo. O instrumento em si é uma coisa, a maneira de usar é outra. Se lemos os livros que passam no vídeo, é bom. Se você se adapta a esse jogo novo... Talvez essa ferramenta [internet] seja excelente, mas talvez ainda esteja sem mal usada. Há momentos em que ele funciona, mas a meu ver são momentos raros.



## ENTREVISTA COM O JORNALISTA MOISÉS RABINOVICI

Data: 6 de março de 2014. Local: Entrevista realizada na noite de 6 de março  
Local: casa do entrevistado, no bairro do Jardim Europa, na capital paulista.

*Como você chegou ao Jornal da Tarde?*

Fui convidado pelo Murilo Felisberto, em 1966. Tinha uns 19 ou 20 anos. Antes havia trabalhado no Última Hora, de Minas Gerais, do José Wainer (irmão do Samuel). Depois eu fui para o Diário de Minas. Também trabalhei um pouco no Binômio, que era o jornal do José Rabelo. Murilo foi a Minas, passou lá uns dois dias. Não teve muita conversa. Ele foi logo dizendo: "Você vai [para o JT], né? Você é repórter..." Eles [Grupo Estado] ofereciam um salário que era dez vezes mais do que nós ganhávamos. Não tinha que titubear. Para se ter uma ideia, seis meses depois de estarmos em São Paulo recebemos aumento salarial. Com ele comprei um Pé de Boi [Fusca]. Teve gente que fechou a casa da Eny (famoso prostíbulo) em Bauru...(risos). Não apenas eu fui contratado. Foi também [Fernando] Mitre, Carlos Chagas, Ivan Ângelo, Dirceu Soares... Havia os que já estavam lá, como o Lúcio Ornelas e o Cléber de Almeida, que faziam a edição de esportes do Estadão.

*Quais suas expectativas em relação ao JT?*

Peguei o jornal antes do lançamento. A gente fazia números zeros. Todo o dia a agente acabava o jornal inteiro e rodava. Depois, ficávamos debruçados para ver erros e, a partir daí, fazer o jornal do dia seguinte. Minha expectativa era sair de Minas e conquistar São Paulo. Como alguém que saísse de São Paulo para conquistar Nova Iorque, para trabalhar no New York Times. Não sabíamos muito sobre o jornal, a não ser que era um jornal novo e pretensamente revolucionário, que iria chocar os leitores tradicionais. Meu negócio era ser repórter. O texto não tinha aquele lide que eu tinha aprendido a escrever. A ideia não era pegar o leitor pelas informações mais objetivas no lide tradicional. Tentávamos dar um choque nos leitores, pela emoção, às vezes pela razão... Mas o lide tinha que ter esse fermento. Depois vinha o editor que, antes de ele próprio desenhar a página, lia o texto e via as fotos. Isso era inédito para mim. Porque tinha a experiência de escrever e o diagramador dizer o tamanho da página. Se ficasse além do número de linhas estipuladas, a gente cortava pelo pé. No JT era diferente. Fui ver que a matéria que eu escrevi, que tinha 50 linhas, e ele [editor] dava uma página inteira. Abriam-se fotos. Esse jornal eu não conhecia. Esse jornal me matou de paixão.

*Existiu influência do New Journalism, do livro jornal?*

Eu ainda não conhecia nada disso. O New Journalism começou a ser falado na redação mais tarde. Nós nascemos numa época em que o mundo renascia, com muitas novidades. Vimo-nos dentro de um contexto que poderia incluir o New Journalism. Vivíamos uma época de fartura criativa. Nós tivemos Beatles, o Nouveau Cinéma. Em todas as áreas houve um florescer. No JT brotou o que aconteceu no mundo, os cabeludos, a minissaia... O JT falava a língua desse mundo novo, e que os leitores aprendiam. Nos jornais tradicionais o mundo era exposto tradicionalmente. Enquanto nos outros jornais o mundo era submetido a 30 linhas, no JT ele extravasava... o JT se expressava na maneira de escrever, no bom gosto dos títulos, que eram muito atraentes.

*Havia jovens jornalistas e leitores.*

Foi uma conjunção ótima. O Steve Jobs [um dos fundadores da companhia Apple] sempre dizia que você tem que aprender o que as pessoas querem comprar. Isso aconteceu no JT. O público queria ler um novo jornal. E tinha um pessoal querendo fazer um novo jornal. Nossa linguagem era a linguagem do dia, nossa escolha de assuntos era a que interessava. Nós estávamos ligados

no mundo, nesse mundo novo.

*E havia o diferencial do jornal circular à tarde.*

Às 15h os meninos saíam gritando com os jornais nas mãos, vendendo no trânsito de São Paulo. Mas isso não pegou. Vespertino não pega. Pelo menos em São Paulo. O JT foi antecipando o horário de fechamento, e se tornou matutino.

*Como você vê a influência do Mino Carta e do Murilo Felisberto na concepção do JT?*

O Mino Carta era (ainda é) o sujeito que praticamente me ensinou a escrever. Ele sentava-se com a gente e ajudava a dedilhar um lide. Uma vez eu passei até às 2h jogando papel no chão. E o Mino percebeu. Sentou-se a meu lado e disse: 'o que aconteceu?'. Eu expliquei que a matéria não saía, e tal. Aí ele me perguntou daquele jeito todo dele (com sotaque italiano): 'Rabino, qual foi a última coisa que você se lembra da sua história? E disse: comece por aí'. Nunca mais tive problemas para começar uma matéria. Você começando pelo fim, chega ao começo. Não é uma regra para todas as matérias, mas para tirar do branco que dá em alguns momentos, funciona. O Mino Carta era o homem que puxava o texto do jornal. E lia muito, fazia matérias. Já o Murilo (Felisberto) era a forma do JT. Uma forma que incluía conteúdo. Murilo era um *layoutista* único no Brasil. Tinha uma tinha uma facilidade enorme de resolver problemas com um traço. Era muito bem informado. Nunca tinha visto ninguém no mundo que soubesse declinar o expediente do [jornal] Sunday Times, de Londres. Naquela época não havia internet, era difícil conseguir um exemplar. O Murilo comprava livros que publicavam os melhores layouts do ano. Por muito tempo fechei a primeira página do jornal. O Murilo a desenhava à noite e eu vinha com o Flávio Marques e nós dois fechávamos a capa. Era sempre um desafio. Depois levávamos os textos nas laudas pautas o dr. Rui [Mesquita, diretor de O Estado de S. Paulo], que mudava algo ou não mudava nada. Às vezes queria mudar a capa, mas isso quase nunca ocorria. O Murilo desenhava a capa e a gente fazia.

*Como era o clima na redação? Fala-se que de madrugada vocês faziam no corredor umas peladas com bolas de papel..*

Era muito bem humorado. Jogávamos bola [de papel] no corredor do jornal, e o Estadão seríssimo, no espaço dele, trabalhando. Você estava escrevendo e ouvia a voz do [jornalista] Soulié do Amaral, uma coisa inesquecível: "Alô, é Carlos Drummond de Andrade? Aqui é o poeta Soulié do Amaral". E fora da redação também havia muitas histórias engraçadas. Um dia, um repórter nosso foi atrás de um casal de hippies, para fazer uma matéria. Não sei se entrou muito na história dos hippies, mas foi para Minas com eles, começou a matéria descrevendo mar... A gente ria muito ao ler a matéria. Decidimos pregar uma peça nele. Quando ele ligou para a redação o Ivan Ângelo pediu a ele que quando voltasse nos trouxesse peixes do mar!

*Havia ciúmes do pessoal de O Estado de S. Paulo?*

Claro, porque nós éramos uma molecada irreverente e ganhávamos mais do que eles...Eles eram todos zelosos de sua importância, da história que estavam escrevendo, e nós éramos uns porraloucas...Havia noites que terminavam com o Mino Carta e alguém lutando com espadas de papelão sobre as mesas. Era uma apoteose.

*E havia paixão pelo trabalho.*

A gente tinha paixão pelo trabalho. Isso explica a grandes quantidades de Prêmios Esso que a gente ganhou desde que nasceu.

*O jornal investia em grandes-reportagens.*

Sim, não me esqueço de uma sobre um eclipse que poderia ser visto de forma melhor na praia de Cassino (RS). O jornal alugou um avião. Fomos eu e o fotógrafo Domício Pinheiro.

Chegamos lá, mas tínhamos que voltar para o fechamento. Fomos bem cedo, para ver o eclipse e voltar. O Domicio iria revelar as fotos no avião. Passamos muitas horas sem contato com a redação. O jornal, então, ligou para a praia, estavam com falta de notícias minhas, onde havia sido montada uma base, porque os americanos também vieram observar o eclipse. E tive meu nome chamado pelo autofalante: 'Moises Rabinovici, por favor, falar com o Jornal da Tarde'. Fui lá conversei por telefone com o JT. Quando voltei, havia um grupo de pessoas todas entusiasmadas em saber que havia gente do JT ali. o JT já era um mito, embora não circulasse no Estado do Rio Grande do Sul já era conhecido nas redações de lá... Isso era o JT.

*Havia grandes novidades em lançamentos de cadernos novos...*

Criamos um Divirta-se, um caderno que não existe até hoje na imprensa. Tínhamos o Jornal do Carro, aonde o (Luiz Carlos) Secco ia atrás de um lançamento, que formou gente muito boa. Chegávamos a alugar helicóptero para descobrir, fotografar e antecipar o lançamento de novos veículos... O caderno do esporte era algo participativo. Esquecia às vezes o resultado do jogo (risos). Começamos com o casamento do Pelé, onde publicamos uma foto errada, da irmã da noiva como se fosse a noiva. Estávamos todos de campanha na frente da casa, mas não sabíamos quem era. Participei da cobertura. Participei de todas as grandes coberturas. Comecei no JT como repórter de polícias e depois passei para a de repórter especial. Era enviado para toda a parte.

*Houve muita liberdade, mas também a ditadura, a censura.*

Eu e Carlinhos Brickmam cobríamos passeatas. Eu ia atrás do Carlinhos (gordo), Zé Dirceu era estudante, fazia aqueles comícios. Era um jornalismo mais triste porque decepado, era cortado. No começo, quando o censor chegava a gente saía. Depois, começou uma relação irônica com eles. Os caras também ficavam deslumbrados com a gente... Óbvio que tinha as pessoas presas, torturadas. Mas tinha o papel do Ruy Mesquita, que ia lá defender o funcionário preso, ameaçando a polícia em caso de haver tortura... Era uma família conservadora, que ajudou a fazer o golpe e depois rompe... A censura que nos faziam também era uma coisa engraçada, não poder escrever o nome do Ademar (de Barros), e o dono do jornal que fazia uma capa com a cara do Maluf distorcida. Era gratificante trabalhar em um jornal assim, que conseguia mudar mesmo com as mudanças que ocorriam...

*Aí você começou a ser correspondente.*

O Grupo Estado tinha um correspondente no Oriente Médio, o Nahum Sirotsky, que tinha deixado de escrever porque era diplomata. Ele escrevia com o nome dele para o Estado e o pseudônimo para o JB. Mas o Itamaraty descobriu. Então me chamaram, em 1977, e perguntaram se eu queria ir. Eu aceitei. A redação fez uma festa de despedida. Ainda guardo algumas laudas com mensagens do pessoal para mim. O Marco Antonio Menezes escreveu, Flávio Marcio... Todos desejando que eu desse certo. Na época o presidente do Egito (Anuar Sadat) resolveu visitar Jerusalém. O Murilo, então, deu-me uma missão: "Vai e espera a paz". A Guerra da Paz foi um processo negociado exaustivamente entre o primeiro ministro israelense Menaghem Begin e Sadat. Acontece que este processo não contemplava os palestinos que se entregaram a atentados e levaram Israel a persegui-los no Líbano, onde estava Arafat, mais precisamente em Beirute Oeste. Por duas vezes se instalou a guerra entre Israel e Líbano. Foi numa destas oportunidades que pela primeira vez Israel conseguiu entrar numa capital árabe. Fui para esperar a paz, que não surgiu até hoje. Depois fui mandado para Washington e Paris. Minha vida quase toda foi vivida no exterior e eu não desejaria outra coisa. Cobri muitas guerras. Quando me tornei correspondente passei a responder ao Grupo Estado. E o JT ficou meio de lado. Quem manada os pedidos era a Inter do Estado. E depois a Agência Estado. Gravava para a Eldorado duas vezes por dia... Mudei para o Estadão. São 20 anos de correspondência e viagens internacionais. Hoje chamam *editor at large*...

*Após trabalhar alguns anos como correspondente na Revista Época você voltou ao Jornal da*

*Tarde.*

Voltei em 1988. Fui convidado a ir para a Agência Estado. E em 2002, o Fernão Lara Mesquita me chamou para voltar ao JT. Voltei ao Jornal da Tarde em outro contexto. Encontrei um jornal produzido com base em pesquisas que o Fernão mandava fazer, para entender o que eles queriam. Foi o que levou o jornal a uma popularização. O Fernão tinha a mania de contar quantas chamadas tinha na capa. Ele queria muitas chamadas. Achava que um jornal que fazia uma boa primeira página que acho que era o Agora. Já era a época dos computadores. O sonho do Fernão era fazer um JT de serviços. Tinha a sessão do consumidor, com todas as leis, tudo no computador. Estávamos descobrindo como era fácil descobrir as coisas.

*Qual a sua avaliação sobre o percurso do JT dois anos 80 para os anos 90?*

Eu acho que o jornal que fez quatro ou três tentativas de atingir um tipo de leitor específico. Uma época achava que era esse, outra que era outro... Então, quando o Fernão optou pela popularização do JT, ele perdeu a elite que lia. Ficou um jornal que ninguém queria ler... Os leitores antigos não tinham nada que ver com esse jornal... Depois, quando saiu o Murilo, eu e o Fernão, puseram lá uma pessoa que dava manchete de sindicalismo, greve de professores. As coisas mais do ABC. O jornal não era isso. Sempre que o jornal mudou o público, perdeu o que tinha. Não sobrou muita coisa.

*Quando começou a decadência do Jornal da Tarde?*

Depois do Maluf como Pinóquio (na capa), as Diretas-Já, o menino chorando na foto da Copa da Espanha (1982)... Quando essa fase acabou não havia quem levasse o jornal para o mesmo nível. Depois que o Murilo saiu... Não era mais a mesma coisa. O JT era feito por gênios. Cada um apontou para uma direção e não tinha mais alguém na redação capaz de dizer: "Não, vamos para esse lado..." Acabaram com isso. Os textos e as fotos não tinham nenhuma reflexão, sem cuidado. Isso era cair na mesmice. Quando Murilo voltou, tentou trazer o jornal para os modelos editoriais antigos, mas dentro de uma nova preocupação, que era do Fernão, baseado em pesquisas. Murilo buscava uma nova fórmula. O mundo mudou e jornal não poderia ser mais o que era em 1966. Qual seria o JT desses tempos? Um jornal em busca de si mesmo. O que acho que fiz como experiência no Jornal do Comércio, foi fazer um Jornal da Tarde nos tempos de hoje. Começamos a fazer pôsteres e muita ironia Teve muita resposta, mas não tinha as mesmas condições do JT para...

*Não faltou ousadia do grupo? Algo que sobrou na fundação do JT?*

Com a morte do Dr. Júlio, o dr., Ruy acabou se ocupando muito da parte editorial do Estadão. Não era mais o dono do jornal feito para ele. Ele passou a bola para os filhos. Se o Rodrigo era muito dado a redação, se misturava, fazia um jornal que era a soma do que ainda existia do JT, o Fernão veio com conhecimento dele próprio, com conclusões que ele chegou como leitor eterno do JT, filho do Dr. Ruy, irmão do Rodrigo, que acabou se dedicando à área digital. Ele queria impor o que achava que era o certo. O Murilo era o maestro, que queria juntar as pontas. O Fernão é muito inteligente, gastava muito com pesquisa. A última pesquisa dele era que a o Murilo estava prestes a testar quando foi derrubado. E logo depois, um tempo depois foi dito num comunicado que o JT iria seguir por esta trilha, que a nova equipe tinha descoberto. O Fernão teve de protestar... Não é possível ter uma ideia sem gente que a execute. E a execute com a qualidade que fez a glória do jornal... O JT foi sempre uma questão de talentos. Houve um grupo que veio jovem, sonhador, e numa época de fartura criativa no mundo. Houve essa conexão, essa resposta. O sucesso. Não havia mais gente sensível. O que havia era gente que sabia pegar o noticiário e formar aquilo em tantas linhas. Não era mais o espírito do JT. O espírito do JT era encarar cada matéria como uma boa matéria e jogar no lixo o que não tinha interesse. O jornal agora é quanto mais notícia melhor.

*Por que, em sua opinião, não se produzem mais jornalistas com aquele gabarito dos que*

*fizeram a fama do JT? Onde estará a fórmula para revigorar o jornalismo?*

Acho que a turma que está aí. A nova geração ainda não sabe usar as ferramentas hoje disponíveis. Eu não consigo passar sem o New York Times um único dia. O NYT de papel ou de computador tem gente em todas as partes do mundo. Tem uma cobertura sólida, matérias fantásticas. Lê-se com prazer. O NYT descobre o que eles chamam de Long Reads. São matérias longas, profundas, o público tem o maior interesse nisso. Descobriu-se que quando você engaja o leitor ele responde. Não se pode tratar o leitor passivamente, aquele cara que fica sentado e você faz uma palestra para ele. Tem que dialogar com o leitor. O NY Times faz isso em todas as matérias. É um jornal que ainda me dá orgulho de ser jornalista. Quando quero algo digital, ele tem matérias fantásticas, feitas apenas para o digital, que ganham prêmios. O NY Times colocou um repórter para fazer a morte de um pessoal de uma nevasca. O jornal levou um ano fazendo. Você fica deslumbrado. É mais do que cinema.

*O mundo continua dando ótimas notícias para que os jornais explorem. O surgimento das plataformas digitais não alterou a essência do jornalismo?*

O jornalismo está lá, continua. Estão lá os seus grandes articulistas. O cara que trabalhou comigo no Oriente, que escreveu de Beirute a Jerusalém, está lá. Tem lá um neurologista que escreve um artigo diante de sua própria morte. Ele conta como é estar diante da morte. Esses assuntos são os assuntos de hoje. O mundo parece que está cansado da mesmice. Essas coisas que desbravam o interior da gente, uma situação fora de nós. Estamos expostos a novidades. Tem esse Estado Islâmico... Deixamos de ser ingênuos. Ou o jornal nos trata como leitores inteligentes ou ele vai morrer.

## ENTREVISTA COM O JORNALISTA VALDIR SANCHES

Data: 11 de agosto de 2015

Local: realizada virtualmente, por e-mail.

*Você trabalha há mais de 40 anos como repórter. Começou como foca na Folha de S. Paulo, passou pelo Notícias Populares e por mais de 30 anos escreveu no Jornal da Tarde, onde tralhamos juntos. Fale um pouco de sua carreira.*

Em meus tempos de *Notícias Populares* (espreme-sai-sangue, mas bem escrito) conheci o Percival de Souza, o Sandro Vaia e outros então repórteres do JT. Passei para a *Folha de S. Paulo* e, belo dia, recebi convite do JT. Nem pisquei; aceitei depressinha. Quem não queria trabalhar no jornal mais surpreendente do país? Fiquei dezesseis anos. Sai para outro projeto, passei pelo JB [*Jornal do Brasil*], e fui chamado de volta. No total foram trinta e cinco inesquecíveis anos no jornal dos Mesquitas. Tão revolucionário que se dizia, brincando, que era o "Estadão de fogo". Escrevíamos [no JT] como bem entendêssemos, mas sem nos afastar um milímetro dos fatos. A "matéria prima" geralmente nos favorecia, porque viajávamos por todo o país. E se você está na Amazônia, ou num garimpo (estive em sete deles), ou navegando pelo rio São Francisco, a matéria já está 50% ganha. No Velho Chico aportei em uma cidade onde o prefeito acabava de inaugurar uma benfeitoria de inestimável valor: a torneira pública. Ousávamos à vontade. Por certa época resolvi não usar aspas. Os personagens, digo, entrevistados entravam e saíam do texto na mesma frase. Algo mais ou menos assim: "Vem aquela mulher pela trilha, os olhos tristes, parece cansada, não tem como, moço, todo dia enfrento a soalheira, esses caminhos de terra, muita precisão, ninguém num olha pela gente, e mesmo assim ela segue em frente..." Sempre fiel ao fraseado das pessoas. No sertão, a entrevistada diz que mora perto daquele pé de pau, e é assim que registrávamos. Árvore é na cidade.

*Várias de tuas matérias viraram clássicos do jornalismo. Há alguma predileta?*

É difícil dizer. Muitas histórias... O JT não economizava dinheiro. Viajávamos, muito. Matérias de duas ou três páginas, séries. Certa vez embarquei no trem dos retirantes que deixava Maringá, norte do Paraná. Melhor reproduzir o abre: "José, o lavrador, juntou os quatro filhos e a mulher, reuniu as panelas e os trapos e tomou o trem. Tudo o que tinha vendeu; ou melhor, trocou. Era uma chapa de ferro, de usar em cima do fogão a lenha. José trocou-a por dois frangos, que a mulher usou para fazer uma farofa. Comida para a viagem. O trem dos retirantes parte para novas esperanças, e novas decepções, às quinze para as cinco de todas as tardes de Maringá. Tem saído cheio, desde que a geada queimou os cafezais do norte do Paraná e deixou muita gente desempregada. Leva um destino certo: São Paulo. Mas muitos de seus passageiros têm a Capital apenas como um rumo incerto. Não sabem para onde seguir, ou o que fazer, quando chegarem aqui ou descerem em uma das cidades do caminho. Não têm dinheiro nem alimentos, nem saúde, nem destino. Levam apenas uma esperança: a de continuar sobrevivendo".

*Até que ponto o novo jornalismo feito nos anos de 1960 influenciou vocês naqueles primeiros tempos de Jornal da Tarde?*

Fez sucesso na redação o *Aos Olhos da Multidão*, do Gay Talese, depois reeditado como *Fama&Anonimato*. Textos de "não ficção", ou seja, estilo de ficção como meio de narrar fatos reais. Mas o que fazíamos era criação da gente.

*Você por pouco não pegou a época do Mino Carta, mas trabalhou muito com o Murilo Felisberto.*

Quando cheguei, em 1968, o Mino já havia saído. O Murilo, sensível, criativo, inovador, dava o tom, secundado pelo Fernando Mitre, também pura sensibilidade. Os dois e os editores desenhavam páginas memoráveis, depois os diagramadores cuidavam do ajuste técnico. Não sei se você pegou isso, mas havia um pedido para os fotógrafos não usarem flash. O jornal era em preto e branco. Abriam-se nas primeiras páginas fotos em um claro-escuro com jeito de arte, algumas ligeiramente desfocadas, borradas, que não fariam feio em uma galeria de arte.

*E tudo em puro clima de descontração.*

Sim, depois do fechamento saía um futebol com bola de papel no "Túnel do Tempo". Era o corredor que separava o Estadão do JT. Certa noite, um "artilheiro" acertou a foto enquadrada, pendurada na parede, de um vulto da história do Estado. O vidro quebrou. Na mesma madrugada houve um atentado a bomba na portaria do jornal, sem vítimas. Estrago por estrago, relevou-se o do sexto andar... A maior parte da redação era de jovens, e isso favorecia o clima de grande descontração.

*E do outro lado do corredor o pessoal de O Estado de S. Paulo. Como funcionava isso?*

As redações concorriam para ver quem fazia melhor. Ganhávamos um pouco mais do que o pessoal do Estado, porque havíamos sido tirados de outras redações, e isso implicava cobrir salários.

*Houve uma época de muita liberdade, principalmente antes do AI-5, mas também a ditadura, a censura. Como foi trabalhar nessa situação?*

Certa tarde fui cobrir um desentendimento entre guardas de trânsito e funcionários da Polícia Federal. No dia seguinte, no lugar da matéria, encontrei uma receita de bolo. Como você sabe, escrevíamos o jornal normalmente, e o censor do governo cortava o que achava proibido. Como espaço em branco não era permitido, o Estadão publicava versos de Os Lusíadas e o JT, receitas de bolo. Uma delas foi o lauto pastel. O governador era o Laudo Natel. O recado de certa forma fora dado.

*Qual a sua avaliação sobre o percurso do JT dois anos 80 para os anos 90?*

O jornal foi perdendo a leveza do texto, dando lugar ao factual; mas ainda abria espaço para belas matérias especiais, no estilo de sempre.

*Quando, na tua opinião, começou a decadência do Jornal da Tarde? Não faltou ousadia do grupo? Algo que sobrou na fundação do JT? Ou foi um processo natural, fruto do contexto em que vivemos?*

Um pessoal trazido de fora procurou melhorar as vendas, já que o jornal e o leitor típico haviam mudado. A nova fórmula pretendia oferecer um diário moderno, que orientasse o leitor para suas necessidades, matérias práticas...

*Por que, na sua opinião, não se produzem mais jornalistas com aquele gabarito dos que fizeram a fama do Jornal da Tarde? Onde estará a fórmula para revigorar o jornalismo?*

Jornalistas certamente existirão. O problema é saber se ainda há leitores para sustentar uma publicação como era o JT. O que está em evidência, nos tempos de hoje, é o assim chamado jornalismo investigativo (embora eu ache que toda reportagem é um exercício de investigação). Esse tipo de jornalismo tem campo fertilíssimo no país.

*Muita gente vê as mídias e plataformas digitais como substitutas do jornal de papel. Como você vê essas novas mídias? O jornal de papel está com os dias contados?*

Não há espaço físico, leia-se papel, para matérias em série. O papel onera muito os custos. Os jornais têm suprimido ou fundido cadernos e seções, como se viu na Folha e no Estadão. Acredito que no futuro o jornal impresso desaparecerá como aconteceu com o telex e a máquina de escrever; mas não brevemente.



## ENTREVISTA COM SIMONETTA PERSICHETTI

Data: 12 de janeiro de 2016

Local: realizada virtualmente, por e-mail.

*O Jornal da Tarde marcou história por suas narrativas modernas, traduzidas em grandes-reportagens que se tornaram referência de jornalismo de excelência. As fotos publicadas pelo jornal contribuíram muito para seu sucesso. Em diálogo com o texto e a diagramação, muitas vezes elas se tornaram a atração do jornal. Como você analisa a importância da narrativa imagética para a história do JT? Ela realmente foi uma inovação? E o papel dos fotógrafos para esse processo?*

Sim, sem dúvida o JT inovou em termos de fotografia aqui em São Paulo. Não tanto pelos temas factuais e mais por abrir espaço para belas reportagens de moda, cultura, etc. O JB no Rio já havia feito história, mas em relação à importância da fotografia como portadora da notícia. Quando falamos do JT estamos falando de, como você bem disse, uma revolução gráfica. E também estamos falando de jornal e não de revistas. O jornal [JT] deu muita importância para a imagem, numa época de ditadura e censura. Muitos dos fotógrafos que colaboraram com o jornal era frilas e, de repente, se viram diante de um belo espaço para mostrarem suas fotos. Como você pergunta na última questão, o Murilo Felisberto veio da publicidade e chamou alguns fotógrafos desta área também.

*Jornalistas como Fernando Mitre dão grande importância às chamadas capas-pôster. Como você avalia este recurso? A capa de 1982, que destaca a foto de um menino chorando após a derrota da seleção brasileira de futebol na Copa da Espanha, tornou-se uma referência histórica no jornalismo. Em 26 de abril de 1984, quando da derrota da Emenda Dante de Oliveira, que restabeleceria as eleições diretas para presidente, o JT saiu às bancas com uma capa totalmente negra. Houve alguma delas que você gostaria de comentar?*

Não especificamente. Mas me lembro também de uma bela capa que o jornal deu em 1994, quando morreu Tom Jobim. Outra capa fortíssima foi uma sobre o Jânio (não lembro o ano), mas ele está como a boca aberta, os olhos revirados e a manchete foi "É isso aí!" A capa de 1970, que não é uma foto única, são seis imagens que mostram a emoção da vitória. Em 1983 o jornal aponta uma arma para o leitor e anuncia: "São Paulo de mãos ao alto". Enfim, são muitas as capas, mas não podemos nos esquecer também da campanha contra o Maluf onde ele aparecia desenhado como Pinóquio nas páginas dos jornais até virar capa em 1982.